Sínodo Diocesano

"O sonho missionário de chegar a todos"

Instrumento de Trabalho

- Diocese de Santo André -

Sumário

1. Apresentação do Instrumento 03

2. Instrução 04

3. Roteiros para Orações e Missas

Celebração de Abertura da Assembleia Sinodal 07

Momento Mariano 12

Missa de Encerramento 16

4. Texto para reflexão

Um olhar sobre os aspectos da realidade eclesal diocesana 26

5. Texto das áreas pastorais 43

6. Textos e Análises

Análise Sócio-eclesiológica 78

Reflexões teológico-pastorais 95

7. Propostas de prioridades pastorais 103

8. Folha para sugestões de emendas 131

Sínodo Diocesano

"O sonho missionário de chegar a todos"

HINO SINODAL

1. A Diocese entoa /um hino de gratidão,/por todos os operários, /que iniciaram a missão./Em nossa longa jornada /muitos aqui se doaram,/ homens e mulheres de Coragem,/ a vida ao próximo entregaram.

Este é o Sonho Missionário:/ a todos os Povos chegar,/ na alegria do Evangelho,/ Jesus Cristo anunciar!

2. Sinais dos tempos vivemos,/ hoje somos nova geração,/ desbravemos um novo tempo /guiados pela oração. /De portas abertas,/ rumo às periferias,/ ser rosto da Misericórdia de Deus,/ é o que a Igreja almeja.

3. Que este sínodo dê frutos/ para o futuro da Igreja/, caminhando todos juntos,/ como Cristo deseja./ Que nossa missão seja um passo/ para irmos além de nós mesmos/, À Luz da Verdade façamos,/ do sonho realidade.

4. Comunidades de Famílias /nossas paróquias possam ser,/ Lugar de iniciação na Fé,/ para a Palavra viver./ Que os jovens sejam capazes/ de responder ao chamado,/ tenham coragem de trocar tudo/ pelo Reino de Deus

5. As Alegrias e Esperanças, /Tristezas e Angústias,/todas as dores desse mundo,/ sejam também de nossa Igreja./Maria, Mãe da Misericórdia,/vem conosco caminhar,/nos leve ao excluído e abandonado/ para Jesus Cristo anunciar.

1. APRESENTAÇÃO

Queridos irmãos e irmãs, "que o Deus da esperança vos encha de toda alegria e paz, em vossa vida de fé". (Rm 15,13).

O Sínodo Diocesano segue com a participação e envolvimento de muitos. Já demos muitos passos: a pesquisa do INPES olhando nossa realidade, atentos aos sinais dos tempos; as Sessões Sinodais nas 100 paróquias revelando onde estamos no processo de evangelização; as duas Sessões Gerais com os especialistas, sob a ótica sócio-eclesial e teológica-pastoral; as Sessões com os 10 Conselhos Regionais Pastorais, elencando as 10 prioridades, e a Sessões das sete Áreas Pastorais reunindo os representantes de pastorais e movimentos diocesanos por afinidade de trabalhos. Tudo isso, acompanhado da oração da Igreja através da Hora Santa, dos Terços e das Missas pelo Sínodo, gerou um belo processo de comunhão e participação. Assim pudemos refletir muito e apontar caminhos.

O instrumento de trabalho que agora apresentamos é resultado deste longo processo até aqui realizado e orientará a Assembleia Sinodal do próximo dia 15 novembro de 2017.

Aqui estão os Roteiros para orações e Missa do dia 15/11; o texto "Um olhar sobre aspectos da realidade eclesial diocesana em face das perspectivas sinodais", fruto da compilação das planilhas preenchidas por cada paróquia; os sete textos de análise e pistas de ação produzidos pelas Áreas Pastorais; a análise sócio-eclesial e a teológico-pastoral; os Dez Planos de Ação Pastoral elaborados por cada Região Pastoral; bem como uma folha para sugestão de emendas aos textos.

Este material deverá ser estudado por cada membro sinodal a fim de que, na Assembleia Sinodal, possa emitir seu voto em uma das propostas. Três serão eleitas e farão parte de nosso 8º Plano Diocesano de Pastoral, parte integrante do Documento Final do Sínodo Diocesano, a ser entregue para toda a Diocese no dia 6 de abril de 2018.

Pela intercessão de Santo André e Nossa Senhora do Carmo, rogamos ao Senhor que continue nos ajudando a formar comunhão para servir sempre, levado avante "o sonho missionário de chegar a todos"! (EG, 31).

Pe. Joel Nery

Vigário Episcopal para a Pastoral

2. INSTRUÇÃO PARA INSTRUMENTO DE TRABALHO

Como participar da Assembleia Sinodal?

Você possui em suas mãos o Instrumento de Trabalho, trata-se do material preparatório para a Assembleia Sinodal de 15/11. Serve para você estudar e analisar os dados coletados ao longo deste belo processo. Através dele você poderá escolher em qual prioridade votará na Assembleia (são 10 opções – escolhe-se 1). O instrumento contém:

- Palavra do Vigário para a Pastoral
- Roteiros para orações e Missa
- Texto "Um olhar sobre aspectos da realidade eclesial diocesana em face das perspectivas sinodais" elaborado a partir dos resultados obtidos pela Planilha 2
- Textos de análise e pistas de ação produzidos pelas Áreas Pastorais (7 textos).
- Análise sócio-eclesial - por Padre Oscar Beozzo
- Análise teológico-pastoral - por Dom Leomar Brustolin
- Dez Planos de Ação Pastoral elaborados por cada região
- Folha para sugestões de emendas

Ler atentamente estes textos é imprescindível para uma participação consciente na Assembleia Sinodal. O presente e o futuro da Igreja no Grande ABC passa por seu coração e suas mãos.

Sobre a Assembleia:
A Assembleia será realizada no dia 15 de novembro de 2017, no Externato Santo Antônio (R. São Luís, 80 - Santa Paula, São Caetano do Sul), das 7h30 às 18h, estará estruturada de acordo com os procedimentos previstos em Regimento e seguirá o seguinte roteiro.

- Acolhida e café
- Celebração de Abertura
- Fala de Abertura do Presidente do Sínodo
- Apresentação da síntese do processo sinodal e das propostas apresentadas pelas regiões
- Discussão, em grupo, sobre a viabilidade das propostas

- Votação das 3 propostas urgentes e viáveis
- Almoço
- Oração de Reinício dos Trabalhos
- Aprimoramento, nos grupos, das 3 propostas eleitas
- Missa conclusiva da Assembleia Sinodal (a ser realizada na Matriz Sagrada Família).

Orientações gerais:

- GRUPOS: Conforme apresentado no roteiro da Assembleia, haverá duas reuniões em grupos (você participará do mesmo grupo nos dois momentos). Serão 21 grupos no total. Segue número e o local de seu grupo:

- ESTACIONAMENTO: No dia da Assembleia, uma equipe de voluntários estará nas imediações do local para orientar e auxiliar os membros sinodais quanto aos locais disponíveis para estacionar seus veículos. Para aqueles que preferirem, estará disponível estacionamento pago, com número limitado de vagas ao lado do Externato.
- VOTAÇÃO: Para votação, você deverá depositar seu crachá na urna correspondente à prioridade de sua preferência. Por isso, cuidado para não esquecer seu crachá. Ainda assim, para efeito de registro, assim que chegar ao local, assine a lista de presença;
- ALMOÇO: No local será servido almoço do tipo self service. Para efeito de controle no número de comensais, solicitamos sua confirmação deste serviço até o dia 01/11, utilizando para isso o telefone do Centro de Pastoral: 4438 2077 ou 4469-2077.
- EMENDAS AOS TEXTOS: Este instrumento traz, em sua última página, uma folha em branco para suas sugestões de emendas ao: Texto resumo da Planilha 2 e aos Textos produzidos pelas Áreas Pastorais. Estas emendas ajudarão a compor o Documento Final do

Sínodo. As inserções são de responsabilidade da Comissão de Redação que acompanhou todos os processos nas áreas e nas regiões pastorais. Poderão ser anexadas quantas folhas você julgar necessárias. Estes formulários de emendas serão recolhidos, no primeiro momento dos grupos, no dia do evento.

- INTERCESSÃO: Haverá grupos de intercessão com a participação das pastorais diocesanas durante todo o dia da Assembleia no próprio local.
- MISSA DE ENCERRAMENTO: A missa de encerramento do Sínodo será na Paróquia Sagrada Família às 16h30, sairemos às 16h do Externato Santo Antônio, em procissão.

Próximos passos:

- Conforme previsto em Regimento, terminada a Assembleia Sinodal, o presidente do Sínodo, a Coordenação Diocesana de Pastoral e a Comissão de Redação, a partir do Instrumento de Trabalho e das resoluções da Assembleia Sinodal, elaborarão o Documento Pós-Sinodal.

Entrega do Documento Final

Local: *CENFORPE (CENTRO DE FORMAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO):* Avenida Dom Jaime de Barros Câmara, 201 - Bairro Planalto - São Bernardo do Campo. (local à confirmar)

- Dia 6 de abril de 2018 às 19h, contando com a participação dos membros Sinodais, dos CPPs (Conselhos Pastorais Paroquiais) e dos CAEPs (Conselhos de Assuntos Econômicos Paroquiais) de todas Paróquias da Diocese de Santo André haverá um grande encontro para a entrega do Documento Final do Sínodo Diocesano e apresentação do Planejamento Pastoral para o quinquênio 2018-2022.

3. ROTEIROS PARA ORAÇÕES E MISSAS

CELEBRAÇÃO DE ABERTURA DA ASSEMBLEIA SINODAL

Dai-lhes vós mesmos de comer!

Ambientação: preparar uma vela, Bíblia, uma imagem de Nossa Senhora, uma imagem ou estampa de Santo André, flores.

Canto meditativo

Vem Espírito Santo, vem. Vem iluminar!

1. Nossos caminhos vêm... iluminar,
Nossas ideias vêm.... iluminar,
Nossas angústias vêm... iluminar,
As incertezas vêm.... iluminar.

2. Toda a Igreja vêm... iluminar,
A nossa Diocese vem.... iluminar,
O nosso Sínodo vem... iluminar,
Nossa assembleia vem.... iluminar.

A. Queridos irmãos e irmãs, depois de um longo percurso realizado durante este ano, hoje nos reunimos como Assembleia Sinodal, em prol de planejar a pastoral de nossa Diocese de Santo André. Todo o esforço de nossas paróquias, das Regiões Pastorais e das áreas pastorais será por todos nós utilizado em favor dos pobres e sofredores. Com o sonho missionário de chegar a todos, iniciemos a nossa Assembleia Sinodal.

Saudação
P. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.
T. Amém.
P. A graça de nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai e a comunhão do Espírito Santo estejam convosco.
T. Bendito seja Deus, que nos reuniu no amor de Cristo.

Recordação da Vida (Estudos da CNBB 107 - Cristãos Leigos e Leigas na Igreja e na Sociedade n. 3, 7-8)

L1. A missão evangelizadora se faz no diálogo com as realidades concretas em que a Igreja se encontra inserida. Ressoa em nossos ouvidos o mandato conciliar: "As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo". (GS, n.1)
T. Fazei de nós, Senhor, sal da terra e luz do mundo!
L2. A alegria do Evangelho não é nem uma ideia nem um estado de bem-estar individual, mas um encontro real com Jesus Cristo na vida do irmão (cf. EG, n.127-128). A partir desse encontro, a Igreja exerce sua missão e constrói a si mesma em suas estruturas e em seus objetivos e estratégias. Todos são chamados a vivenciar esse encontro e comunica-lo por gestos e palavras. Quem realiza esse encontro se torna apto a evangelizar.
T. Fazei de nós, Senhor, sal da terra e luz do mundo!
L1. Jesus ressuscitado envia a todos pela força de seu Espírito; impele-os a sair de si, na direção do outro, para construir com Ele uma comunidade de amor e uma sociedade fraterna e solidária. Os serviços e ministérios, que cada cristão exerce na Igreja e como Igreja, são respostas aos dons que cada qual recebe do Espírito do Ressuscitado e que visam à construção da comunhão na diversidade, da vida comum da liberdade, da relação fraterna entre as diferenças.
T. Fazei de nós, Senhor, sal da terra e luz do mundo!
L2. É dessa escola de liberdade e fraternidade que todo cristão sai para a construção do Reino, nas várias realidades, por meio do diálogo com as muitas diferenças que hoje compõem o mundo globalizado, e na luta pelos direitos comuns de todos, homens e mulheres.
T. Fazei de nós, Senhor, sal da terra e luz do mundo!

A. Com todas as esperanças e alegrias, vislumbramos os horizontes muitas vezes nublados pelas incertezas de nosso tempo. Mas, corajosos, como Santo André Apóstolo, colocamos diante do Senhor aquilo que podemos oferecer, na certeza de que será transformado em frutos de paz e justiça. Cantemos:

1. Um pouco além do presente, alegre, o futuro anuncia a fuga das sombras da noite, a luz de um bem novo dia.

Venha teu reino, Senhor! A festa da vida recria. :// A nossa espera e ardor transforma em plena alegria! //:

2. Botão de esperança se abre, prenúncio da flor que faz promessa de tua presença que vida abundante nos traz.

3. Saudades da terra sem males, do Éden de plumas e flores, da paz e justiça irmanadas num mundo sem ódio nem dores.

Palavra de Deus
A. Diante da multidão, Jesus se compadece, pois são como ovelhas sem pastor. E diante da dificuldade, espera de seus discípulos a ação para que todos sejam saciados. Diante da incerteza, o apóstolo André apresenta o pouco: cinco pães e dois peixes. Desse pouco, o Senhor sacia a multidão. Ouçamos:

Aclamação ao Evangelho

Aleluia, aleluia, aleluia!
Eu sou o pão vivo descido do céu, quem deste pão come sempre há de viver.

Proclamação do Evangelho de Jesus Cristo segundo São João (Jo 6, 1 – 13).

Homilia

Canto meditativo

1. Tanta gente vai andando na procura de uma luz; caminhando na esperança se aproxima de Jesus. No deserto sente fome e o Senhor tem compaixão. Comunica sua palavra: vai abrindo o coração.

Dai-lhes vós mesmos de comer, que o milagre vai acontecer. (Bis)

2. Quando o Pão é partilhado, passa a ter gosto de amor; quando for

acumulado, gera a morte, traz a dor. Quando o pouco que nós temos se transforma em oblação, o milagre da partilha serve a mesa dos irmãos.

3. No altar da Eucaristia o Senhor vem ensinar que o amor é verdadeiro quando a vida se doar. Peregrinos, caminheiros, vamos juntos como irmãos, na esperança repartindo a palavra e o mesmo pão.

4. Deus nos fez à sua imagem, por amor acreditou. Deu-nos vida e liberdade, tantos dons nos confiou. Responsáveis pelo mundo para a vida promover. Desafios que nos chegam vamos juntos resolver.

Preces

P. Irmãos e irmãs, elevemos nossas preces a Deus, em prol do sonho missionário de chegar a todos:

L1. Senhor, fortalecei a cada dia a Vossa Igreja, para que possa realizar a missão de evangelizar e anunciar o Reino de Deus. Nós vos pedimos.
T. Ouvi-nos e atendei-nos, Senhor.
L2. Senhor, olhai e sustentai o Santo Padre, o Papa Francisco, nosso bispo Dom Pedro, presbíteros, diáconos e seminaristas, que tenham força e coragem para enfrentar os desafios e as perseguições que encontram pelo caminho. Nós vos pedimos.
T. Ouvi-nos e atendei-nos, Senhor.
L1. Senhor, abençoai a nossa Diocese de Santo André, para que não se deixe abater pelo desânimo e cansaço, especialmente nessa reta final de nosso Sínodo, e que, caminhando juntos, possamos encontrar o melhor caminho a percorrer para atender às necessidades de nossos irmãos que sofrem todo tipo de injustiça. Nós vos pedimos.
T. Ouvi-nos e atendei-nos, Senhor.
L2. Senhor, olhai com bondade por todos os membros sinodais, que muito contribuíram para a realização de nosso Sínodo, que tenham saúde, paz e disponibilidade para colocar em prática o sonho missionário de chegar a todos, e também por todo o "povo de Deus", de maneira especial, pelas vítimas de violências, perseguições e maus tratos. Nós vos pedimos.
T. Ouvi-nos e atendei-nos, Senhor.

P. Ó Deus, com a luz do vosso Espírito, atendei as preces do vosso povo. P.C.N.S.

P. Rezemos juntos a Oração do Sínodo Diocesano:
T. Pai de bondade, para vossa glória, queremos continuar a caminhar juntos, em comunhão, como Igreja, seguindo vosso Filho Jesus. Somos povo peregrino e desejamos ouvir o que o Espírito Santo nos diz. Queremos celebrar nossa vocação, vivendo o sonho missionário de chegar a todos. Ensinai-nos a ser servidores do Reino de vida plena, planejando a pastoral com os pobres e sofredores. Enviai vosso Espírito para renovar nossa Diocese e conduzir-nos à salvação eterna. Amém!

Pai Nosso... Ave-Maria... Glória ao Pai...

P. O Senhor esteja convosco.
T. Ele está no meio de nós.
P. Abençoe-vos Deus todo-poderoso, Pai e Filho e Espírito Santo.
T. Amém!

HINO SINODAL *(p. 2)*

MOMENTO MARIANO

14 H ORAÇÃO DE REINÍCIO DOS TRABALHOS
ASSEMBLEIA SINODAL - 15 DE NOVEMBRO DE 2017

RITOS INICIAIS

A. Queridos irmãos e irmãs, neste segundo momento do nosso dia, somos convidados a pensar, refletir sobre as nossas ações e atitudes, tendo Maria como modelo de discípula missionária, a mais perfeita e fiel. "Maria Santíssima, a Virgem pura e sem mancha, é para nós escola de fé destinada a nos conduzir e a nos fortalecer no caminho que conduz ao encontro com o Criador do céu e da terra". (Doc Aparecida, 270). Que possamos, então, em nossas paróquias, em nossa querida diocese, sermos perfeitos na construção do Reino de Deus, auxiliando os pobres e sofredores, acolhendo com o mesmo amor de Jesus, àqueles que nos procuram, às vezes buscando apenas um gesto de carinho. Cantemos:

1 - Canto de abertura e entrada da imagem
Ave cheia de graça, ave cheia de amor, Salve, ó mãe de Jesus, a ti nosso canto e nosso louvor (bis)

Mãe do Criador, rogai / Mãe do Salvador, rogai / Do Libertador, rogai por nós.
Mãe dos oprimidos, rogai / Mãe dos perseguidos, rogai / Dos desvalidos, rogai por nós

Mãe de nossa Igreja, rogai / Causa da alegria, rogai / Mãe das mães, Maria, rogai por nós
Mãe dos humilhados, rogai / Dos martirizados, rogai / Marginalizados, rogai por nós

Mãe dos despejados, rogai / Dos abandonados, rogai / Dos desempregados, rogai por nós
Mãe dos pecadores, rogai / Dos trabalhadores, rogai / Santos e Doutores, rogai por nós

Mãe do Céu clemente, rogai / Mãe dos doentes, rogai / De todas as

gentes, rogai por nós
Mãe dos operários, rogai / Dos presidiários, rogai / Dos sem-salários, rogai por nós

L. A Virgem Santíssima teve uma missão árdua, mas assumiu com alegria e confiança. Cheios desses mesmos sentimentos, louvemos ao Senhor, pela incansável intercessão de Maria, por nós, filhos e filhas de Deus.
T. Ave cheia de graça, ave cheia de amor, Salve, ó mãe de Jesus, a ti nosso canto e nosso louvor.
L. Através do "sim" de Maria, temos o modelo mais perfeito de família, a de Nazaré. Que nossa gratidão pela sua amorosa proteção, seja sincera e constante.
T. Ave cheia de graça, ave cheia de amor, Salve, ó mãe de Jesus, a ti nosso canto e nosso louvor.
L. Maria continua a missão de seu Filho, nos forma e transforma os nossos corações. Diante de tanta grandeza, nos sentimos pequeninos, mas felizes e encorajados para assumir o projeto que Deus tem para cada um de nós.
T. Ave cheia de graça, ave cheia de amor, Salve, ó mãe de Jesus, a ti nosso canto e nosso louvor.
L. A forte presença de Maria, enriquece nossas comunidades, com sua atitude acolhedora. Mãe da Igreja, que nos conduz e prepara para a missão, para irmos ao encontro do outro, para sermos justos e fraternos.
T. Ave cheia de graça, ave cheia de amor, Salve, ó mãe de Jesus, a ti nosso canto e nosso louvor.

Consagração a Nossa Senhora
A. Tivemos um ano muito enriquecedor para as nossas vidas e nossas comunidades. Com o Ano Mariano fomos felizes com os diversos acontecimentos em nossa diocese: a Romaria Diocesana ao Santuário Nacional de Aparecida, em que trouxemos a imagem peregrina; Romaria Diocesana à Capela do Pilar, Ribeirão Pires; as visitas da imagem peregrina em nossas paróquias; os diversos momentos de formação e espiritualidade que foram realizados tendo o Ano Mariano como inspiração; a intercessão de Maria em nosso Sínodo Diocesano; o encerramento da Visita da Imagem Peregrina em nossa diocese, no

Santuário de Aparecida, Pauliceia – SBC. Enfim, diante de tantas graças recebidas, pela intercessão de Nossa Senhora, vamos agora, com o coração cheio de amor, devoção e humildade, consagrar as nossas vidas, as nossas famílias, as diversas vocações, todo o clero, todos os membros sinodais, e de modo especial, o nosso Sínodo Diocesano.
Dirigindo-nos à Imagem de Nossa Senhora Aparecida, rezemos juntos:

T. Ó Maria Santíssima, pelos méritos de Nosso Senhor Jesus Cristo, em vossa querida imagem de Aparecida, espalhais inúmeros benefícios sobre todo o Brasil. Eu, embora indigno de pertencer ao número de vossos filhos e filhas, mas cheio do desejo de participar dos benefícios de vossa misericórdia, prostrado a vossos pés, consagro-vos o meu entendimento, para que sempre pense no amor que mereceis; consagro-vos a minha língua para que sempre vos louve e propague a vossa devoção; consagro-vos o meu coração, para que, depois de Deus, vos ame sobre todas as coisas. Recebei-me, o Rainha incomparável, vós que o Cristo crucificado deu-nos por Mãe, no ditoso número de vossos filhos e filhas; acolhei-me debaixo de vossa proteção; socorrei-me em todas as minhas necessidades, espirituais e temporais, sobretudo na hora de minha morte. Abençoai-me, o celestial cooperadora, e com vossa poderosa intercessão, fortalecei-me em minha fraqueza, a fim de que, servindo-vos fielmente nesta vida, possa louvar-vos, amar-vos e dar-vos graças no céu, por toda eternidade. Assim seja! Amém.

Canto: Viva a mãe de Deus e nossa
Viva a mãe de Deus e nossa
Sem pecado concebida!
Viva a Virgem Imaculada
A Senhora Aparecida!
Aqui estão vossos devotos
Cheios de fé incendida
De conforto e de esperança
Ó, Senhora Aparecida!

Virgem santa, Virgem bela

Mãe amável, Mãe querida
Amparai-nos, socorrei-nos
Ó, Senhora Aparecida
Protegei a Santa Igreja
Ó Mãe terna e compadecida
Protegei a nossa Pátria
Ó, Senhora Aparecida!

Amparai todo o clero
Em sua terrena lida
Para o bem dos pecadores
Velai por nossas famílias
Pela infância desvalida
Pelo povo brasileiro
Ó, Senhora Aparecida!

Oremos: Ó Deus que, nos concedeu a graça de elaborar e vivenciar o nosso Sínodo, que possamos, neste segundo momento, concluí-lo, segundo a Vossa Vontade.PCNS.

MISSA DE ENCERRAMENTO

16H30 PARÓQUIA SAGRADA FAMÍLIA (SCS)
15 DE NOVEMBRO DE 2017

REFRÃO ORANTE:
Como é bom, como é suave vivermos todos juntos.
Juntos como irmãos, vivermos todos juntos.

A. Irmãos e irmãs, após todo esse tempo de preparo, oração e trabalho em prol do nosso Sínodo diocesano, hoje foram eleitas as três prioridades que nortearão a pastoral nos próximos anos. Assim, queremos elevar a Deus nosso louvor por esse momento tão importante para a história como Igreja Particular de Santo André.

RITOS INICIAIS

1 - CANTO DE ABERTURA

Deus habita em seu templo santo, reúne seus filhos em sua casa; é ele que dá força e poder a seu povo. (Sl 67)

1. Eis que Deus se põe de pé, e os inimigos se dispersam! * Fogem longe de sua face os que odeiam o Senhor!

2. Como a fumaça se dissipa, assim também os dissipais, † como a cera se derrete, ao contato com o fogo, *
assim pereçam os iníquos ante a face do Senhor!

3. Mas os justos se alegram na presença do Senhor * rejubilam satisfeitos e exultam de_alegria!

4. Cantai a Deus, a Deus louvai, cantai um salmo a seu nome! † Abri caminho para Aquele que avança no deserto; * o seu nome é Senhor: exultai diante dele!

2 - SAUDAÇÃO INICIAL

S. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.
T. Amém.
S. O Deus da esperança, que nos cumula de toda alegria e paz em

nossa fé, pela ação do Espírito Santo, esteja convosco.
T. Bendito seja Deus, que nos reuniu no amor de Cristo.

4. RITO PARA BÊNÇÃO E ASPERSÃO DA ÁGUA

S. Invoquemos o Senhor nosso Deus, para que se digne abençoar esta água que vai ser aspergida sobre nós, recordando o nosso batismo. Que ele se digne ajudar-nos, para permanecermos fiéis ao Espírito que recebemos.

Deus eterno e todo-poderoso, quisestes que pela água, fonte de vida e princípio de purificação, as nossas almas fossem purificadas e recebessem o prêmio da vida eterna. Abençoai esta água, para que nos proteja neste dia que vos é consagrado e renovai em nós a fonte viva de vossa graça, a fim de que nos livre de todos os males e possamos nos aproximar de vós com o coração puro e receber a vossa salvação. Por Cristo, nosso Senhor.
T. Amém.

Banhados em Cristo, somos uma nova criatura. As coisas antigas já se passaram, somos nascidos de novo! Aleluia, Aleluia, Aleluia.

S. Que Deus todo-poderoso nos purifique dos nossos pecados e, pela celebração desta Eucaristia, nos torne dignos da mesa de seu reino.
T. Amém.

5. HINO DE LOUVOR

Gloria, Gloria in excelsis Deo!

1. Senhor Deus, Rei dos céus, Deus Pai todo-poderoso: / Nós vos louvamos, nós vos bendizemos, nós vos adoramos / Nós vos glorificamos, nós vos damos graças por vossa imensa glória.

2. Senhor Jesus Cristo, Filho unigênito, / Senhor Deus, Cordeiro de Deus, Filho de Deus Pai. / Vós que tirais o pecado do mundo, tende piedade de nós. / Vós que tirais o pecado do mundo, acolhei a nossa súplica. / Vós que estais à direita do Pai, tende piedade de nós.

3. Só vós sois o Santo, só vós o Senhor, / Só vós o Altíssimo, Jesus Cristo, / com o Espírito Santo, na glória de Deus Pai. / Amém.

6. ORAÇÃO
S. Oremos: (pausa) Ó Deus, que governais e guardais a vossa Igreja, derramais em vossos servos o espírito de inteligência, de verdade e de paz, para que busquem de todo o coração o que vos agrada, e se esforcem por praticá-lo. Por Nosso Senhor Jesus Cristo.
T. Amém.

LITURGIA DA PALAVRA

A. As trevas da humanidade muitas vezes nos fazem não perceber a ação do Senhor em nosso meio. Ele mesmo se faz presente em nossa caminhada, ouvindo nossas angústias e sofrimentos, e ao reconhecermos que o próprio Cristo vive em nosso meio, nossos olhos se abrem à missão de chegar a todos, levando a Boa Nova.

7. PRIMEIRA LEITURA (Dt 30,10-14)
Leitura do Livro do Deuteronômio.
Moisés falou ao povo, dizendo: Ouve a voz do Senhor teu Deus, e observa todos os seus mandamentos e preceitos que estão escritos nesta lei. Converte-te para o Senhor teu Deus com todo o teu coração e com toda a tua alma. Na verdade este mandamento que hoje te dou não é difícil demais, nem está fora do teu alcance. Não está no céu, para que possas dizer: — Quem subirá ao céu por nós para apanhá-lo? Quem no-lo ensinará para que o possamos cumprir? Nem está do outro lado do mar, para que possas alegar: — Quem atravessará o mar por nós para apanhá-lo? Quem no-lo ensinará para que o possamos cumprir? Ao contrário, esta palavra está bem ao teu alcance, está em tua boca e em teu coração, para que a possas cumprir.
Palavra do Senhor
T. Graças a Deus

8. SALMO RESPONSORIAL 18 (19)
Ó Senhor, tens palavras de vida eterna!

- A lei do Senhor Deus é perfeita / conforto para a alma! O testemunho do Senhor é fiel /sabedoria dos humildes.

- Os preceitos do Senhor são precisos / alegria ao coração / O mandamento do Senhor é brilhante /para os olhos é uma luz.

- É puro o temor do Senhor / imutável para sempre. Os julgamentos do Senhor são corretos /e justos igualmente.

- Mais desejáveis do que o ouro são eles, / do que o ouro refinado. Suas palavras são mais doces que o mel, / que o mel que sai dos favos.

9. SEGUNDA LEITURA (Fl 2,1-4)
Leitura da Carta de São Paulo aos Filipenses
Irmãos: Se existe consolação na vida em Cristo, se existe alento no mútuo amor, se existe comunhão no Espírito, se existe ternura e compaixão, tornai então completa a minha alegria: aspirai à mesma coisa, unidos no mesmo amor; vivei em harmonia, procurando a unidade. Nada façais por competição ou vangloria, mas, com humildade, cada um julgue que o outro é mais importante, e não cuide somente do que é seu, mas também do que é do outro.
Palavra do Senhor.
T. Graças a Deus.

10. ACLAMAÇÃO AO EVANGELHO
Aleluia, aleluia, aleluia!
Oh! Como é bom e agradável viverem unidos os irmãos

11. EVANGELHO (Lc 24,13-35)
S. O Senhor esteja convosco.
T. Ele está no meio de nós.
S. Proclamação do Evangelho de Jesus Cristo, segundo Lucas.
T. Gloria a vós, Senhor.
S. Naquele mesmo dia, o primeiro da semana, dois dos discípulos de Jesus iam para um povoado, chamado Emaús, distante onze quilômetros de Jerusalém. Conversavam sobre todas as coisas que tinham acontecido. Enquanto conversavam e discutiam, o próprio Jesus se aproximou e começou a caminhar com eles. Os discípulos, porém, estavam como que cegos e não o reconheceram. Então Jesus perguntou: "O que ides conversando pelo caminho?" Eles pararam, com o rosto triste, e um deles, chamado Cléofas, lhe disse: "Tu és o único peregrino em Jerusalém que não sabe o que lá aconteceu nestes últi-

mos dias?" Ele perguntou: "O que foi?" Os discípulos responderam: "O que aconteceu com Jesus, o Nazareno, que foi um profeta poderoso em obras e palavras, diante de Deus e diante de todo o povo. Nossos sumos sacerdotes e nossos chefes o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram. Nós esperávamos que ele fosse libertar Israel, mas, apesar de tudo isso, já faz três dias que todas essas coisas aconteceram! É verdade que algumas mulheres do nosso grupo nos deram um susto. Elas foram de madrugada ao túmulo e não encontraram o corpo dele. Então voltaram, dizendo que tinham visto anjos e que estes afirmaram que Jesus está vivo. Alguns dos nossos foram ao túmulo e encontraram as coisas como as mulheres tinham dito. A ele, porém, ninguém o viu". Então Jesus lhes disse: "Como sois sem inteligência e lentos para crer em tudo o que os profetas falaram! Será que o Cristo não devia sofrer tudo isso para entrar na sua glória?" E, começando por Moisés e passando pelos Profetas, explicava aos discípulos todas as passagens da Escritura que falavam a respeito dele. Quando chegaram perto do povoado para onde iam, Jesus fez de conta que ia mais adiante. Eles, porém, insistiram com Jesus, dizendo: "Fica conosco, pois já é tarde e a noite vem chegando!" Jesus entrou para ficar com eles. Quando se sentou à mesa com eles, tomou o pão, abençoou-o, partiu-o e lhes distribuía. Nisso os olhos dos discípulos se abriram e eles reconheceram Jesus. Jesus, porém, desapareceu da frente deles. Então um disse ao outro: "Não estava ardendo o nosso coração quando ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?" Naquela mesma hora, eles se levantaram e voltaram para Jerusalém, onde encontraram os onze reunidos com os outros. E estes confirmaram: "Realmente, o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão!" Então os dois contaram o que tinha acontecido no caminho e como tinham reconhecido Jesus ao partir o pão. Palavra da Salvação.
T. Glória a vós, Senhor.

12. HOMILIA

13. PROFISSÃO DE FÉ

T. Creio em um só Deus, / Pai todo-poderoso, / criador do céu e da terra, / de todas as coisas visíveis e invisíveis. / Creio em um só Senhor, / Jesus Cristo, Filho Unigênito de Deus, / nascido do Pai antes de todos os séculos: / Deus de Deus, luz da luz, / Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, / gerado, não criado, / consubs-

tancial ao Pai. / Por ele todas as coisas foram feitas. / E por nós, homens, /e para nossa salvação, desceu dos céus: / e se encarnou pelo Espírito Santo, / no seio da virgem Maria, / e se fez homem. / Também por nós foi crucificado sob Pôncio Pilatos; / padeceu e foi sepultado. / Ressuscitou ao terceiro dia, / conforme as Escrituras, / e subiu aos céus, / onde está sentado à direita do Pai. / E de novo há de vir, em sua glória, / para julgar os vivos e os mortos; / e o seu reino não terá fim. / Creio no Espírito Santo, / Senhor que dá a vida / e procede do Pai e do Filho; / e com o Pai e o Filho é adorado e glorificado: / ele que falou pelos profetas. / Creio na Igreja, / una, santa, católica e apostólica. / Professo um só batismo / para remissão dos pecados. / E espero a ressurreição dos mortos/ e a vida do mundo que há de vir. Amém.

14. PRECES DA COMUNIDADE

S. Pai Santíssimo, a vós apresentamos os pedidos do vosso povo, para que em sua misericórdia, corrija nossos passos e nos conceda ajudar quem precisar de nossa palavra.

L. Senhor, fortalecei e iluminai a vossa Igreja, para que guarde fielmente a fé recebida dos Apóstolos e saiba reconhecer os sinais dos tempos, nós vos pedimos:
T. Ouvi-nos, Senhor.
L. Senhor, vos pedimos por nosso bispo Dom Pedro, pelos presbíteros e diáconos, e por todos os seus colaboradores no ministério, para que empenhem-se cada vez mais na missão de chegar a todos, nós vos pedimos:
T. Ouvi-nos, Senhor.
L. Senhor, por todos aqueles que participaram em cada uma das instâncias do Sínodo Diocesano, e também pelos membros sinodais, para que possam sempre mais crescer na fé e no testemunho, nós vos pedimos:
T. Ouvi-nos, Senhor.
L. Senhor, pelas prioridades eleitas, para que possam nortear a Evangelização em nossa Diocese e atingir seus objetivos, de forma que produzam frutos abundantes, nós vos pedimos:
T. Ouvi-nos, Senhor.

S. Deus bondoso, iluminai nossa conduta com a luz do Evangelho

e ajudai-nos no caminho do anúncio da verdade àqueles que vivem longe de vós, isto vos pedimos, P.C.N.S.
T. Amém!

LITURGIA EUCARÍSTICA

A. Ao Senhor, apresentamos junto ao pão e vinho, toda a participação e empenho de nossas comunidades e grupos, todo o trabalho pela elaboração das prioridades, bem como dos muitos que ajudaram a realizar esta assembleia, e todos os produtos do esforço e da caminhada de nosso Sínodo em favor da unidade.

15. APRESENTAÇÃO DOS DONS

A vós, Senhor apresentamos estes dons/ O pão e o vinho, aleluia!

Que poderei retribuir ao Senhor Deus/ Por tudo aquilo que ele fez em meu favor?

Elevo o cálice da minha salvação/ Invocando o nome santo do Senhor.

Vou cumprir minha promessa ao Senhor/ Na presença de seu povo reunido.

Por isso oferto um sacrifício de louvor/ Invocando o nome santo do Senhor.

16. ORAÇÃO SOBRE AS OFERENDAS

Orai, irmãos e irmãs...
T. Receba o Senhor por tuas mãos este sacrifício, para a glória do seu nome, para nosso bem e de toda a santa Igreja.

S. Considerai, ó Deus de clemência, as ofertas dos vossos servos e derramai sobre eles a graça da vossa luz, para que compreendam o que é reto aos vossos olhos e cheios de confiança o realizem. Por Cristo, Nosso Senhor.
T. Amém.

17. ORAÇÃO EUCARÍSTICA III

(Prefácio do Espírito Santo II)

S. O Senhor esteja convosco.
T. Ele está no meio de nós.
S. Corações ao alto.
T. O nosso coração está em Deus.
S. Demos graças ao Senhor, nosso Deus.
T. É nosso dever e nossa salvação.
S. Na verdade...
T. Santo, santo, santo...

S. Na verdade, vós sois Santo, ó Deus do universo, e tudo o que criastes proclama o vosso louvor, porque, por Jesus Cristo, vosso Filho e Senhor nosso, e pela força do Espírito Santo, dais vida e santidade a todas as coisas e não cessais de reunir o vosso povo, para que vos ofereça em toda parte, do nascer ao pôr-do-sol, um sacrifício perfeito.
T. Santificai e reuni o vosso povo!
S. Por isso, nós vos suplicamos: santificai pelo Espírito Santo as oferendas que vos apresentamos para serem consagradas, a fim de que se tornem o Corpo e o Sangue de Jesus Cristo, vosso Filho e Senhor nosso, que nos mandou celebrar este mistério.
T. Santificai nossa oferenda, ó Senhor!
S. Na noite em que ia ser entregue, ele tomou o pão, deu graças e o partiu e deu a seus discípulos, dizendo:
TOMAI, TODOS E COMEI. ISTO É O MEU CORPO, QUE SERÁ ENTREGUE POR VÓS.
S. Do mesmo modo, ao fim da ceia, ele tomou o cálice em suas mãos, deu graças novamente e o deu a seus discípulos, dizendo:
TOMAI, TODOS E BEBEI. ESTE É O CÁLICE DO MEU SANGUE, O SANGUE DA NOVA E ETERNA ALIANÇA, QUE SERÁ DERRAMADO POR VÓS E POR TODOS PARA REMISSÃO DOS PECADOS. FAZEI ISTO EM MEMÓRIA DE MIM.
S. Eis o mistério da fé!
T. Salvador do mundo, salvai-nos, vós que nos libertastes pela cruz e ressurreição!
S. Celebrando agora, ó Pai, a memória do vosso Filho, da sua paixão que nos salva, da sua gloriosa ressurreição e da sua ascensão ao céu, e enquanto esperamos a sua nova vinda, nós vos oferecemos em ação de graças este sacrifício de vida e santidade.

T. Recebei, ó Senhor, a nossa oferta!
S. Olhai com bondade a oferenda da vossa Igreja, reconhecei o sacrifício que nos reconcilia convosco e concedei que, alimentando-nos com o Corpo e o Sangue do vosso Filho, sejamos repletos do Espírito Santo e nos tornemos em Cristo um só corpo e um só espírito.
T. Fazei de nós um só corpo e um só espírito!
S. Que ele faça de nós uma oferenda perfeita para alcançarmos a vida eterna com os vossos santos: a Virgem Maria, Mãe de Deus, São José, seu esposo, os vossos Apóstolos e Mártires, e todos os santos, que não cessam de interceder por nós na vossa presença.
T. Fazei de nós uma perfeita oferenda!
S. E agora, nós vos suplicamos, ó Pai, que este sacrifício da nossa reconciliação estenda a paz e a salvação ao mundo inteiro. Confirmai na fé e na caridade a vossa Igreja, enquanto caminha neste mundo: o vosso servo o Papa Francisco, o nosso bispo Pedro, com os bispos do mundo inteiro, o clero e todo o povo que conquistastes.
T. Lembrai-vos, ó Pai, da vossa Igreja!
S. Atendei às preces da vossa família, que está aqui, na vossa presença. Reuni em vós, Pai de misericórdia, todos os vossos filhos e filhas dispersos pelo mundo inteiro.
T. Lembrai-vos, ó Pai, dos vossos filhos!
S. Acolhei com bondade no vosso reino os nossos irmãos e irmãs que partiram desta vida e todos os que morreram na vossa amizade. Unidos a eles, esperamos também nós saciar-nos eternamente da vossa glória, por Cristo, Senhor nosso.
T. A todos saciai com vossa glória.
S. Por ele dais ao mundo todo bem e toda graça.
S. Por Cristo, com Cristo, em Cristo, a vós, Deus Pai todo-poderoso, na unidade do Espírito Santo, toda a honra e toda a glória, agora e para sempre.
T. Amém!

18. RITO DA COMUNHÃO

A. Onde o amor e a caridade, Deus aí está. Congregou-nos num só corpo o amor de Cristo.

19. CANTO DA COMUNHÃO

Onde o amor e a caridade, Deus aí está!
1. Congregou-nos num só corpo o amor de Cristo; / exultemos, pois,

e nele jubilemos. / Ao Deus vivo nós temamos, mas amemos. / E, sinceros, uns aos outros, nos queiramos.

2. Todos juntos, num só corpo congregados, / pela mente não sejamos separados! / Cessem lutas, cessem rixas, dissensões, / mas esteja em nosso meio Cristo Deus!

3. Junto um dia, com os eleitos, nós vejamos / tua face gloriosa, Cristo Deus, / Gáudio Puro, que é imenso e que ainda vem, / pelos séculos dos séculos. Amém.

20. ORAÇÃO DEPOIS DA COMUNHÃO
Concedei-nos, ó Deus de misericórdia, que o sacramento agora recebido confirme os vossos servos na verdade e os leve a procurar a vossa glória. P.C.N.S.
T. Amém.

RITOS FINAIS

A. Com a alegria do Evangelho, através de todo trabalho feito em nosso Sínodo, devemos nos empenhar a cada dia no sonho missionário de chegar a todos, através das prioridades eleitas. Com isso, confiantes, sejamos a cada dia, sinal da presença de Cristo junto aos pobres e sofredores, iluminando com nosso testemunho, esse nosso mundo submerso nas trevas do egoísmo e da indiferença. Para isso, um representante de cada área pastoral, um representante de cada uma das regiões pastorais, um representante dos que trabalharam pelo Sínodo e o representante do Conselho Presbiteral receberão, como símbolo de comprometimento e de unidade, a cruz de Santo André das mãos de nosso bispo, Dom Pedro.

21. BENÇÃO E DESPEDIDA

22. CANTO (HINO SINODAL p. 2)

4. TEXTO PARA REFLEXÃO

UM OLHAR SOBRE ASPECTOS DA REALIDADE ECLESIAL DIOCESANA EM BUSCA DO SONHO MISSIONÁRIO DE CHEGAR A TODOS

1. Introdução

A Diocese de Santo André, a partir do momento decisivo de convocar e efetuar um Sínodo Diocesano, escolheu percorrer um caminho de escuta da voz divina que fala pela Palavra e pelos sinais dos tempos, a fim de continuar fiel no seguimento a Jesus Cristo como Igreja viva que testemunha o Reino de Deus no Grande ABC, em meio às profundas mudanças que se têm operado no meio em que vivemos.

Cientes, pois, de que se alguém quiser construir uma torre, deve primeiro sentar-se para calcular os gastos, a fim de levar com segurança o projeto a termo (Lc 14,28), do mesmo modo é imprescindível situarmo-nos, enquanto Igreja local, no horizonte de nossa realidade, com o objetivo de darmos respostas adequadas às indagações do tempo presente, com base na proposta permanente do Evangelho.

Desse modo, a presente reflexão acerca de nossa atuação pastoral e evangelizadora pauta-se no trabalho de compilação dos dados quantitativos e qualitativos discutidos e apresentados pelas Paróquias e Regiões Pastorais de nossa Diocese durante as etapas iniciais do Sínodo Diocesano, de maneira a confrontarmos nossa prática passada, presente e futura com aquela desejada pelo Senhor em seu desejo de que todos tenham vida em plenitude (Jo 10,10), para tornarmos realidade o sonho missionário de chegar a todos (EG, 31).

2. Eucaristia: fonte e ápice de nosso ardor missionário

Sabendo que o ponto culminante de nosso ser cristão no mundo parte e retorna da Eucaristia, de onde "corre sobre nós, como de sua fonte, a graça, e por meio dela conseguem os homens com total eficácia a santificação em Cristo e a glorificação de Deus, a que se ordenam, como a seu fim, todas as outras obras da Igreja" (SC, 10), julga-se importante lançar um olhar sobre a participação de nossos diocesanos na celebração do mistério do Amor.

Assim, o domingo aparece como a grande concentração de nossas comunidades em torno da Palavra e da Eucaristia. Afinal, "a dimensão eclesial intrínseca da Eucaristia realiza-se todas as vezes que esta é celebrada. Mas com maior razão, exprime-se no dia em que toda a comunidade é convocada para relembrar a ressurreição do Senhor." (DD, 32)

Esta participação ocorre de maneira massiva no período matutino, que atinge aproximadamente dois terços do total de convivas para a Ceia do Senhor; no entanto, também é considerável a décima parte de fiéis formada pelos que comparecem ao ofício religioso dominical na tarde do dia anterior (CIgC, 2180). Tendo em vista o zelo eclesial por "promover o acesso frequente e frutuoso dos fiéis à mesa eucarística" (EE, 42), tampouco deixa de ser relevante a quinta parte dos que se unem a Cristo na celebração de seu sacrifício mesmo durante a semana.

No entanto, faz-se necessário lembrar que nossa Igreja local, embora tenha rosto e identidade definidos, goza igualmente de uma admirável distinção de lugar para lugar, como o requer a catolicidade dessa mesma Igreja, vivendo a unidade em meio à variedade, nota que se expressa de modo particular quanto à gradualidade na presença de batizados em nossas assembleias eucarísticas de região para região.

Por isso, embora fatores como densidade demográfica e distribuição geográfica de comunidades influenciem de forma relevante na proporção de participantes à mesa eucarística em cada localidade, outras causas menos simples de se verificar numericamente incidem sobre o resultado final, como por exemplo a relativa proximidade entre o número dos que vão à celebração dominical e semanal nas três Regiões Pastorais de Santo André; ao passo que o distanciamento numérico entre as cifras cresce respectivamente nas Regiões Anchieta, São Caetano, Ribeirão Pires, Rudge Ramos, Diadema, São Bernardo - Centro e Mauá.

Ainda assim, a soma dos que tomam parte semanalmente da Eucaristia em nossas comunidades alcança um número elevado, mas não deve ser motivo de comodismo em nossos planejamentos evangelizadores, uma vez que o total não perfaz 14 por cento do número de cidadãos do ABC que na pesquisa encomendada à USCS se declaram católicos, configurando para nós o desafio de, "nos países profundamente secularizados, procurar novos processos de evangelização da cultura, ainda que suponham projetos a longo prazo." (EG, 69)

3. Participação sacramental

Se, por um lado, o âmbito da Eucaristia semanal atinge, por assim dizer, um número mais estável de pessoas (excetuando-se celebrações exequiais ou sob outras motivações, que podem atrair um público menos frequente); por outro lado, o atendimento sacramental é uma ocasião privilegiada de encontro com aquela proporção maior de fiéis que, embora se denominando católicos, não alimentam uma vivência de mais profundidade no seio da Igreja, pois "interessa muito que os fiéis compreendam facilmente os sinais sacramentais e recebam com a maior frequência possível os sacramentos que foram instituídos para alimentar a vida cristã", uma vez que os sacramentos "estão ordenados à santificação dos homens, à edificação do Corpo de Cristo e, enfim, a prestar culto a Deus" (SC, 59).

Neste ponto, permanecem válidos os fatores tratados anteriormente sobre a participação na celebração eucarística que incidem sobre a diferença numérica na recepção dos sacramentos de região para região: tanto aqueles de índole demográfica e geográfica, quanto aqueles ligados a razões históricas e culturais.

Desse modo, as regiões com maior concentração populacional contabilizam os mais elevados índices de recepção dos sacramentos da iniciação cristã; todavia, nestas mesmas regiões a desproporção numérica entre a celebração destes sacramentos – especialmente batismo e crisma – revela-se maior, ao passo que em regiões menores, o número de batismos e crismas apresenta cifras mais próximas.

A mesma aproximação nas regiões menos populosas verifica-se entre a celebração dos sacramentos da iniciação e o do matrimônio, o que pode não indicar uma maior continuidade no itinerário sacramental, senão a demanda deste sacramento junto a comunidades dessas regiões por parte de pessoas oriundas de outras regiões.

Pode-se detectar ainda que determinados sacramentos – como a reconciliação e a unção dos enfermos – ocorram de forma relativamente elevada em regiões menos populosas, geralmente de localização geográfica central, tendo em vista, no caso da confissão, a facilidade no acesso; ou, no caso da unção, a maior concentração de unidades hospitalares nessas regiões.

Em todo caso, excetuando o sacramento da reconciliação, que é procurado majoritariamente por cristãos mais próximos à comunidade eclesial, a demanda – comumente mais abrangente – pelos demais sacramentos analisados de forma separada, varia entre 0,1 e 0,9% de nossa população católica.

A respeito das causas dessa dificuldade, a assembleia sinodal em suas etapas iniciais também se perguntou, chegando às conclusões de que há desconhecimento e falta de formação acerca da importância dos sacramentos para a vida cristã, mesmo por parte de agentes; as taxas de contribuição normalmente pedidas para os sacramentos podem constituir obstáculo para sua procura; insuficiente acolhida e acompanhamento daqueles que os recebem; normas e horários que dificultam o acesso ao sacramento; mudança cultural nas famílias que gera o desinteresse pela busca e, finalmente, situações irregulares, especialmente divorciados vivendo em segunda união.

4. Da igreja para o mundo

Tendo em vista que a participação sacramental deve implicar no compromisso cristão no mundo (LG, 12), um vez que "os sacramentos, sobretudo a Sagrada Eucaristia, comunicam e alimentam nos fiéis aquele amor que é a alma de todo o apostolado" (AA, 3) os frutos da proximidade com Cristo no coração da comunidade relevam-se no engajamento dos batizados, que dispõem dos multiformes carismas que receberam para desenvolver atividades as mais diversas em favor da difusão do Reino de Deus.

Diferente da análise celebrativo-sacramental, apresentada anteriormente, os números sobre o envolvimento pastoral nas comunidades da Diocese não revelam tantas disparidades como aquela, de maneira que os agentes de pastoral existem nas Regiões mais ou menos proporcionalmente à concentração populacional. Diadema afigura-se como exceção, pois apresentou número de pessoas atuantes em atividades eclesiais três vezes menor ao de Mauá (sendo-lhe quase equivalente no quesito populacional); de forma semelhante, surpreende que uma Região relativamente pequena como Ribeirão Pires-Rio Grande da Serra, cuja população e número de paróquias, somando bem menos que a metade em relação a Diadema, apresente um rol maior de agentes pastorais que o desta.

De modo geral, são resultados expressivos, que revelam a força do testemunho de fé, esperança e caridade que diariamente milhares de leigos oferecem no Grande ABC, em âmbito intra e extraeclesial. Sabendo que "a conversão pastoral requer que as comunidades eclesiais sejam comunidades de discípulos missionários ao redor de Jesus Cristo, Mestre e Pastor" (DAp, 368), queremos que o Sínodo Diocesano nos inspire formas atuais de chegar a todas as pessoas, através do trabalho

humilde e laborioso em nossas Pastorais, Associações, Organismos e Movimentos.

5. Facilidades e dificuldades

5.1. Está bem!

Sede agradecidos (Cl 3,15). Reconhecendo como dádiva divina tudo o que foi conquistado em nossa caminhada evangelizadora, a totalidade de nossas comunidades paroquiais rende graças pela estrutura de suas instalações; quase um quarto delas conta com estacionamento e equipamentos tecnológicos, pois "para a Igreja, o novo mundo do espaço cibernético é uma exortação à grande aventura da utilização de seu potencial para proclamar a mensagem evangélica" (DAp, 487); um número pequeno conta com a facilidade dos meios públicos de transporte e outra modesta parcela avançou na acessibilidade a pessoas com necessidades especiais, sabendo que "a família e a comunidade deverão colocar à disposição deles todos os recursos necessários para acolhê-los como membros plenos de sua comunhão, e para o possível conhecimento de Jesus Cristo" (CR, 142); a décima parte dessas comunidades destacou o atendimento dos funcionários como elemento facilitador. Apenas algumas paróquias elencaram como relevantes materiais e equipamentos de apoio, enquanto duas paróquias relataram passar dificuldades.

Do ponto de vista pastoral, a maior parte das paróquias destaca como positivos os momentos formativos e a instalação do CPP; quantia menor, mas significativa, sublinhou a estruturação do CAEP e as facilidades na comunicação tanto impressa quanto virtual; em menor escala, lembrou-se o diálogo e cooperação entre as pastorais e a organização anual do trabalho evangelizador. Despertando para a consciência missionária, a décima parte das paróquias "primeireou" (EG, 24), reconhecendo em sua setorização um caminho bem trilhado no discipulado; e, finalmente, uma parcela diminuta destaca como facilidades o atendimento dos funcionários e do padre, a criação de novas instâncias (CPC e COMIPA), a construção de novos ambientes e a realização de eventos específicos, enquanto duas paróquias ainda estruturam suas atividades.

5.2. Precisa melhorar!

No plano das dificuldades estruturais, metade das paróquias reconheceu que o espaço onde estão sediadas, embora positivos

– como apontado acima – ainda assim apresentam limites para a realização das atividades, sobretudo no atendimento às demandas por acessibilidade. Um número menor, mas considerável, destacou a necessidade de reformas estruturais. A décima parte acusou problemas com som, estacionamento, banheiros, dificuldades financeiras, segurança, aquisição de materiais e equipamentos. Uma parcela minoritária relatou dificuldades pontuais, mas que também influenciam negativamente na evangelização: falta de automóvel, inadequação de espaço e ventilação, problemas com documentação e ausência de treinamento sobre primeiros socorros e emergências.

Ao falar sobre a pastoral, a quase totalidade das comunidades apontou a falta de comunicação e integração entre pastorais como dificuldade principal; a maioria também reconhece haver falta de comprometimento em boa parte de seus agentes; mais de um quarto delas padece com falta de agentes para desempenhar as atividades e formação insuficiente para os que já existem; finalmente, um número minoritário apontou o acúmulo de atividades, a falta de acolhida e incentivo por parte de clérigos e pais de catequizandos, uma pastoral pouco voltada às necessidades da família, a pouca inserção dos jovens na comunidade, fechamento, insuficientes momentos de espiritualidade e dificuldade em implantar o CPP para coordenação das atividades pastorais da paróquia.

Aproveitando este momento de análise que o Sínodo Diocesano nos propicia, antes de desanimar ante as dificuldades, "precisamos de uma certeza interior, ou seja, da convicção de que Deus pode atuar em qualquer circunstância, mesmo no meio de aparentes fracassos, porque trazemos este tesouro em vasos de barro." (EG, 279) Assim, todo obstáculo torna-se ocasião de superação para o discípulo de Cristo, ancorado em seu amor e desejoso de testemunhar sua mensagem ao mundo.

5.3. No passado...

Corremos o risco de olhar para um passado recente, quando facilidades com as quais se contavam e deixaram de existir nos traziam bem-estar e segurança: presença massiva de agentes de pastorais dotados de ardor missionário, conforme relatado pela maioria das comunidades; ou, de acordo com parcelas minoritárias das paróquias, mais engajamento juvenil, união entre Igreja e famílias, mais momentos de celebração da vida, momentos formativos, mais proximidade com o padre e extinção de determinadas pastorais.

Não podemos nos esquecer, em contrapartida, que se interpunham

a esses benefícios os ruídos e lentidões na comunicação, problemas na estrutura das comunidades, menos disponibilidade, comprometimento e envolvimento de padres, muitas vezes gerados por sua escassez diante da grande demanda, falta de formação, dificuldades de locomoção entre as comunidades de uma mesma paróquia, inexistência de alguns grupos pastorais e organismos essenciais ao dinamismo comunitário, bem como ausência de planejamento em atividades, aspectos apontados pelos participantes da primeira etapa sinodal que hoje já foram em boa medida superados por nossas comunidades.

Tudo isso nos mostra o dinamismo da história, formada por continuidades e descontinuidades. Confrontando estes acontecimentos, à luz da Palavra, com os sinais dos tempos, é possível discernir – o que o Sínodo Diocesano se propõe – como deve ser a ação missionária de nossa Igreja local e em que medida "os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à auto-preservação." (EG, 27)

Este critério ajudará a entender que iniciativas precisam ser retomadas e quais deverão ser redirecionadas, de modo que "a pastoral ordinária em todas as suas instâncias seja mais comunicativa e aberta, que coloque os agentes pastorais em atitude constante de saída e, assim, favoreça a resposta positiva de todos aqueles a quem Jesus oferece a sua amizade." (EG, 27)

5.4. No presente...

Inegáveis são as dificuldades que decorreram da mudança de época num curto espaço de tempo e que foram percebidas por nossas paróquias durante a reflexão sinodal, tais como: falta de agentes comprometidos, integrados e entusiasmados com a missão, apontada pela maioria das comunidades; vulnerabilidade e instabilidade causadas pelos novos meios de comunicação; insuficiente participação juvenil; aumento nos índices de drogadição e violência; proselitismo religioso; dificuldade no cumprimento a demandas por acessibilidade e demais dificuldades espaciais que persistem.

Em face deste desafio, no entanto, o Sínodo Diocesano vem despertar nossa atenção para o fato de que "olhar para a mudança de época e para o necessário enraizamento de critérios, longe de significar o afastamento dos problemas concretos e urgentes da vida de nosso povo, significa buscar uma base realmente sólida para os enfrentar." (DGAE, 27)

Assim, diversos são também os elementos com os quais a evangeliza-

ção passou a contar no último decênio: notável evolução na maior parte das comunidades na comunicação e informação obtida pelas inovações tecnológicas; em menor escala, porém de forma considerável, a melhora nas instalações estruturais; criação, entrosamento e engajamento de pastorais a partir de uma visão ministerial e planejada; acesso mais fácil e mais presença e comprometimento de padres e atendentes paroquiais; instauração dos Conselhos Paroquiais, promovendo um sistema de co-participação no planejamento paroquial; aumento de lideranças; presença missionária do bispo; abertura e organização dos trabalhos pastorais e, finalmente, crescimento no campo do conhecimento litúrgico, que provocou aumento de celebrações, inclusive em forma de setores.

Contemplando com serenidade nossa trajetória até hoje, percebemos os limites e avanços que tivemos, reveladores de nosso constante esforço em permanecermos fiéis ao convite de Jesus para ir e fazer discípulos, pois ele estará sempre conosco. (Mt 28,19-20) Assegurados por sua presença em nossa comunidade diocesana, desejamos sintonizarmo-nos melhor com sua vontade, a fim de continuar respondendo a este desafio de acordo e a partir das características da realidade atual.

6. Olhando a realidade

6.1. Um olhar para dentro

Uma pergunta, contudo, surge deste nosso esforço por entender como estamos: de que forma nossas paróquias veem os membros da comunidade? A esse ponto, as opiniões majoritariamente mesclam-se entre descomprometimento, comodismo, pouca participação e individualismo, de um lado; de outro, engajamento, compromisso, interesse, colaboração e atuação e convicção de sua fé.

Entre as características menos apontadas, mas ainda significativas em número, estão falta de formação bíblico-doutrinário-litúrgica, experiência de fé e espiritualidade; há sobrecarga pastoral, escassez, mas também perseverança.

Finalmente, um diminuto número de comunidades apontou o envelhecimento, a descrença e a insuficiente acolhida em seus participantes.

Desse modo, em face ao predomínio de características negativas, cumpre lembrar as palavras do Mestre: "no mundo tereis aflições. Mas tende coragem! Eu venci o mundo" (Jo 16,33). Que o Sínodo Diocesano nos ajude a recuperar a confiança na graça divina, a fim de que nossas

comunidades reencontrem na identificação com Cristo o ardor necessário para prosseguir em sua missão.

6.2. Um olhar para fora

Mais pessimista, contudo, configura-se o olhar dos membros de nossas paróquias a respeito dos cristãos que não formam parte da comunidade: quase metade os enxerga como descompromissados, individualistas, sem espiritualidade e consciência cristã, desinteressados, materialistas, comodistas e desorientados.

Ao mesmo tempo, porém, uma porção idêntica de comunidades, movida pela misericórdia de Jesus, reconhece na carência dessas ovelhas sem pastor (Mt 9,36) a urgência de seu olhar atencioso, pois representam um desafio à evangelização. Assumindo igualmente a responsabilidade pela falta de ação pastoral nesse campo – cujas consequências, apontadas por uma quantidade minoritária de paróquias, são desconhecimento sobre a fé e os sacramentos, rebeldia, migração religiosa, fragilidade e afastamento da vida comunitária – deseja desenvolver estratégias para atraí-los acolhê-los.

6.3. Um olhar para a Diocese

Se, todavia, predominam aspectos menos brilhantes no olhar interno e externo das comunidades; quando se fala em seu olhar com relação à Diocese, são as características positivas que prevalecem massivamente.

Comparando com o passado, atualmente o rosto diocesano é, segundo o parecer mais comum de nossas comunidades, mais organizado no âmbito administrativo, próximo, presente e acessível, respectivamente; uma parcela menor a classifica hoje como mais acolhedora, comunicativa, missionária, participativa, ativa, estruturada, dinâmica, moderna e aberta a melhorias, unificada e transparente.

Aproximadamente a décima parte das comunidades, sabendo que "cada bispo, a quem é confiada uma Igreja particular, apascenta em nome do Senhor as suas ovelhas, sob a autoridade do Sumo Pontífice, como próprio, ordinário e imediato pastor, exercendo em favor das mesmas o múnus de ensinar, santificar e governar" (CD, 11), identificou a Diocese com a sua pessoa, a quem qualificam como acolhedor, dedicado, dinâmico e próximo do povo e das comunidades.

Embora a Diocese ultrapasse este conceito pessoal, constituindo-se "a porção do Povo de Deus, que se confia a um Bispo para que a apascente

com a colaboração do presbitério, de tal modo que, unida ao seu pastor e reunida por ele no Espírito Santo por meio do Evangelho e da Eucaristia, constitui uma Igreja particular, na qual está e opera a Igreja de Cristo, una, santa, católica e apostólica" (CD, 11), podem-se atribuir as referidas características episcopais apontadas pelas comunidades como extensivas a toda a nossa Igreja diocesana, pois quem sabe governar a própria vida, tanto melhor governará a Igreja de Deus (1Tm 3,5). Assim, o rebanho tende a assumir como suas as características de seu Pastor.

O restante das paróquias, composto pela décima parte ou menos do total, afirma que a Diocese é fonte de inspiração, colaborativa (formando e assessorando), preocupada com a evangelização, compreensiva, atenta aos padres, empenhada na pastoral e na participação laical, buscadora da unidade e sintonizada com as paróquias.

Sempre havendo, todavia, elementos a melhorar, algumas paróquias apontaram em número decrescente as respectivas arestas: certo distanciamento da realidade das paróquias; falta de articulação com as paróquias e padres; elitismo; morosidade em decisões e ações, na transmissão de informações e na distribuição de material; dificuldade no acesso; rigor e autoritarismo; burocratização; grandes proporções que dificultam ações pastorais e episcopais; centralização; conservadorismo; sobrecarga de atividades; falta de transparência, solidariedade econômica e ação; complexidade de linguagem; falta de sentimento de pertença; falta de comunicação, respeito, simplicidade, acolhida, humildade e hospitalidade; sobrecarga e desvalorização dos bons padres.

Acolhendo os pontos positivos e negativos apontados, a Igreja, consciente de sua realidade divina e sobrenatural, bem como de sua face humana e peregrina, deseja por meio de seu processo sinodal, confiar-se constantemente ao Espírito Santo, a fim de tornar-se "robustecida pela força do Senhor ressuscitado, de modo a vencer, pela paciência e pela caridade, as suas aflições e dificuldades tanto internas como externas, e a revelar, velada mas fielmente, o seu mistério, até que por fim se manifeste em plena luz" (LG, 8)

7. Nossa caminhada evangelizadora

A Diocese de Santo André não está iniciando sua missão a partir do Sínodo, mas possui uma bonita e longa história no esforço de levar a Palavra de Jesus ao mundo, que vale a pena avaliar, para entrarmos em sintonia com o que estamos sendo chamados no momento atual.

Assim, olhando para os referenciais mais recentes que temos seguido

na evangelização – o 7º Plano Diocesano de Pastoral – a quinta parte das paróquias destacou pouco ou nenhum avanço em sua concretização; uma fração ainda menor alegou seu desconhecimento.

Em contrapartida, praticamente sete em cada dez paróquias afirma ter incorporado diversos traços inspirados pelo último Plano em sua ação evangelizadora: uma consciência mais missionária, expressa pelas visitas que se têm realizado por membros das comunidades, seminaristas, pastores e o bispo; além disso, destacam-se também como frutos do último Plano realidades como o COMIPA, o estado permanente de missão, as comunidades ou grupos de base, as capelinhas itinerantes, os avanços na catequese de cunho mistagógico e catecumenal, espaços de formação, uso do material proposto pela Diocese, a instalação de comunidades recentes, a motivação da juventude, atitudes de paróquias e comunidades irmãs, acolhida, pastoral de conjunto, impulso à pastoral voltada para o âmbito familiar, defesa da vida, saúde, da pessoa idosa, da criança, da sobriedade, da caridade e grupos preocupados com pessoas em situação de risco.

Tudo isso nos mostra como temos dado passos na difusão do Reino de Deus no Grande ABC. Queremos continuar à escuta do que o Espírito diz à Igreja (Ap 2,7) e discernir que caminhos tomar doravante para que recebamos o prêmio no termo da missão a nós confiada (Ap 2,11).

8. Migração e Mobilidade entre paróquias

Originadas desde tempos imemoriais, logo a formação das comunidades passou a levar em consideração o espaço físico como elemento principal, em vista de uma realidade na qual os acontecimentos mais importantes da vida se davam num perímetro mais restrito e próximo de onde se desenvolvia a vida dos fiéis. Desse modo, até hoje, "ao destacar o espírito comunitário não se pode desprezar o valor do território" (CC, 174).

Tendo em vista que "a transformação do tempo provoca uma nova noção de limites paroquiais, sem delimitação geográfica" (CC, 38), nos tempos recentes, todavia, um fenômeno constante nos tem chamado a atenção e não passou despercebido durante o processo Sinodal: embora constituamos uma Diocese muito populosa, nos localizamos em uma porção geográfica relativamente pequena, o que favorece a itinerância entre paróquias e comunidades, outrora predominantemente de cunho territorial, mas observando-se hoje uma adesão significativa de fiéis a paróquias por afinidade (DDS, 30).

Perguntadas pelas causas deste fenômeno, a principal resposta das comunidades – quase a metade – está vinculada aos presbíteros, cujo acolhimento, carisma e modo de celebrar a liturgia pesam de maneira preponderante na escolha, ao lado de eventuais dificuldades havidas com os pastores das comunidades anteriores ou sua transferência. Outrossim, um quarto das paróquias chegou à conclusão de que a migração de paróquias ocorre por criação de vínculo com a pessoa do presbítero mais do que com o corpo da comunidade eclesial.

Em segundo lugar, a acolhida propiciada pela comunidade e por seus pastores desponta no parecer das comunidades como fator relevante para a mudança; a quarta parte das comunidades considera a migração efeito da falta de identidade, de consciência de pertença paroquial e de compromisso.

Finalmente, um número minoritário de paróquias lista algumas razões pontuais: mais facilidade nos horários de celebração, desentendimentos com membros da comunidade de origem, mais sentimento de liberdade na escolha, satisfação pessoal, mais facilidade no deslocamento em relação à própria paróquia territorial; imaturidade na fé e desconhecimento doutrinal.

Em resumo, as motivações apresentadas, ora mais ora menos justificáveis, merecem nossa atenção, a fim de tornar todas as nossas comunidades casa dos cristãos – lugar da escuta da Palavra, da partilha do Pão, da vivência da caridade e da saída em missão (CC, 4.6-4.7) e sobretudo abertas a tantos quantos queiram fazer seu encontro pessoal e comunitário com Deus.

9. Lideranças leigas

Outro ponto importante a considerar é a atuação dos coordenadores paroquiais, pois muitos ministérios leigos, atuando nas realidades seculares "são especialmente chamados a tornarem a Igreja presente e ativa naqueles locais e circunstâncias em que só por meio deles ela pode ser o sal da terra" (LG, 33); outros, de natureza mais intra-eclesial, "podem ainda ser chamados, por diversos modos, a uma colaboração mais imediata no apostolado da Hierarquia" (LG, 33).

Tanto em uma quanto em outra frente de ação, pouco mais da metade de nossas paróquias identifica em alguns líderes características que precisam melhorar, como falta de integração e comunicação, autoritarismo, egocentrismo, fechamento, centralização, dificuldade de trabalhar em equipe, falta de consciência do próprio papel, de criatividade, de dina-

mismo e de diálogo.

A parte massiva das comunidades – sete em cada dez – porém, vê em suas lideranças aquilo que foram chamadas a ser mediante o Batismo: pessoas que se doam verdadeiramente, que gozam de credibilidade, bondade, simplicidade, comunicação, abertura, engajamento e que trabalham pelo crescimento da comunidade, constituindo-se importante canal entre pastores e fiéis.

Desse modo, no intuito de oferecer perspectivas para boas lideranças pastorais, uma fração minoritária de paróquias as vê sobrecarregadas, por isso mesmo necessitadas de preparo, formação, renovação e integração aos demais serviços na comunidade, iniciativas que devem ser vislumbradas na reflexão sinodal.

10. Clero

Se fundamental é a importância do apostolado leigo, não menos importante é a missão dos presbíteros e diáconos. Mediante a ordenação, "os ministros que têm o poder sagrado servem os seus irmãos para que todos os que pertencem ao Povo de Deus, e por isso possuem a verdadeira dignidade cristã, alcancem a salvação" (LG, 18).

Por tal razão, a consulta sinodal também escutou as comunidades a respeito dos clérigos, por detrás dos quais se veem pessoas revestidas de um especial poder, sem prescindir de sua natureza humana, o que resulta em ministros com limitações e arestas, mas empenhados em crescer no serviço e na doação da vida.

De forma mais concreta, no que tange às fragilidades, a avaliação de pouco menos da metade das paróquias apontou membros do clero por vezes distantes do povo, insuficientemente acolhedores, com sinais de arrogância, dotados de linguagem complexa, acomodados e fechados ao diálogo. A estes, as considerações apresentadas indicam a necessidade de posturas mais adequadas e maior empenho no preparo das homilias.

A décima parte das paróquias entrevê em suas atitudes sinais de profissionalização, sugerindo-lhe equilibrar devidamente ministério e carisma com aspectos administrativos e financeiros. Finalmente, número minoritário de paróquias percebe a sobrecarga, a falta de unidade dos clérigos e comunidades e a ostentação material. Em todos esses casos, nosso Sínodo Diocesano quer ser ocasião para conscientizar-se de que "a conversão dos pastores nos leva também a viver e promover uma espiritualidade de comunhão e participação" (DAp, 368).

No entanto, não obstante os apontamentos acima, motivados pela caridade cristã e o desejo de crescimento enquanto Igreja, a visão que os diocesanos têm de seus ministros ordenados é extremamente positiva: quase unanimemente as paróquias testemunharam em sua reflexão a acessibilidade, presença, acolhida, proximidade, confiabilidade, comunhão com o bispo, organização, boa administração, respeitabilidade, conhecimento, domínio em matéria litúrgica, sabedoria, compromisso, zelo, dinamismo, incentivo, justiça, senso de liderança e sã ousadia, aspectos fundamentais para a continuidade no processo de renovação missionária que desejamos entabular.

11. Diálogo com o mundo

Dado que são a instância mais próxima das realidades onde a vida concreta acontece, as paróquias constituem-se elos muito importantes da Igreja com a sociedade, pois situadas em local e tempo determinados, nossas comunidades são sinais do Reino de Deus no mundo.

Assim, a reflexão sinodal também se perguntou sobre a inserção de nossas paróquias em instituições civis, de maneira a avaliar como está o conceito diocesano de "Igreja em saída" (EG, 20) neste âmbito básico.

Sem contar a classificação indireta de um número significativo de cristãos engajados em nossas comunidades que se inserem nos diversos campos profissionais neles dando seu testemunho concreto de fé, quase oito em cada dez paróquias apontou ao menos uma ligação com instituições civis atuantes no bairro, sendo as predominantes as unidades públicas de saúde; em seguida, em ordem decrescente de participação, surgem entidades como estabelecimentos de ensino (infanto-juvenis, públicos e privados), atendimento espiritual em clínicas de repouso, hospitais, casas de acolhida, envolvimento com o público atendido pelo projeto JEDA, sociedade amigos de bairro, setores do comércio e organismos da Prefeitura.

12. Pastorais ontem e hoje

Ao mesmo tempo, o Sínodo convida a lançar um olhar para a atuação dos fiéis desde dentro da instituição religiosa, trabalho configurado pelas pastorais, associações e movimentos, que ao longo do tempo sofrem alterações conforme as mudanças de época.

Desse modo, é fato notável que a quase totalidade das paróquias apontou o desfecho de ao menos algum destes serviços eclesiais, sendo os mais constantes as Pastorais da Juventude, Vocacional, da Criança e

o ECC, extintos à média de uma de cada dez paróquias; em quantidades menores, outras frentes também deixaram de atuar nas demais comunidades da Diocese: Infância missionária, Perseverança, CEBs, Curso de Noivos, Movimento Apostólico de Shoenstätt e as Pastorais Familiar, Operária, do Idoso, das artes, Carcerária, da Saúde, da Educação, do Migrante, Universitária, Afro e do Dízimo.

Entre as razões identificadas para a cessação de atividades, as paróquias alegam falta de agentes, problemas estruturais, corte de verbas, falta de integração entre os membros, excesso de poder, avaliação negativa da pertinência por parte do padre, conflitos internos, esvaziamento, falta de acompanhamento, falta de novos líderes, substituição por outra afim, divergência com o padre, dificuldade na formação para novos membros e falta de interesse.

Por outro lado, as paróquias também apontaram o surgimento de serviços pastorais antes inexistentes: praticamente a metade citou o Terço dos Homens, Coroinhas e Cerimoniários; cerca de um quarto inaugurou atividades das Pastorais da Acolhida, Familiar e PASCOM; seguem-lhes quantias menores de paróquias nas quais floresceram as Pastorais do Dízimo, da Criança, da Pessoa Idosa, da Sobriedade e da Caridade, Grupo de jovens, CAEP, Mães e madrinhas Orantes pelos Sacerdotes, Grupo de Oração, Legião de Maria e Equipe de Liturgia.

Como se pode ver, em todos estes acontecimentos é possível ler os sinais dos tempos, de modo que, se é lamentável o encerramento de atividades de pastorais vitais para a vida eclesial, ao mesmo tempo é consolador observar como novas formulações pastorais podem surgir mais adaptadas às necessidades atuais para responder à mudança nos desafios; ou ainda o nascimento de grupos cheios de vigor em certas comunidades que feneceram em outras por falta de ânimo; ou ainda o desdobramento da missão, que vê na diversificação de segmentos mais fidelidade à vontade divina.

Entre os novos serviços eclesiais, chama a atenção o objetivo de cunho espiritual ou litúrgico de grande parte deles, ao passo que a maioria dos grupos cujas tarefas foram encerradas tinha cunho eminentemente social ou caritativo, o que possivelmente aponta para uma tendência tomada – mais ou menos inconscientemente – pelas comunidades em preferir o âmbito interno ao externo na vivência da fé.

Em resposta, talvez também de maneira inconsciente, as paróquias apontaram a necessidade majoritária de futuramente instalarem as Pastorais da Pessoa Idosa, Familiar e da Sobriedade; número menor apon-

tou o desejo de implantar as Pastorais Carcerária, da Criança, da Saúde, da Escuta, da Acolhida, PASCOM, ECC e Grupo de Jovens, quase predominantemente de índole social e caritativa.

13. À maneira de conclusão

Pode-se encerrar as reflexões acima afirmando que o Sínodo Diocesano está propiciando, em suas diferentes fases, às comunidades colocarem-se à escuta do Espírito Santo, numa atitude de sinceridade e transparência diante de Deus, a fim de avaliar sua caminhada e discernir os rumos a serem tomados doravante, no intuito de aparar as arestas surgidas ao longo do tempo – processo conhecido como "conversão pastoral" (CC, 5) e ser criativas no desenvolvimento de iniciativas adequadas para a continuidade da evangelização no ABC.

Contudo, o momento é bem mais propício para iniciar do que para concluir: com a convocação e vivência do Sínodo, nosso sonho missionário de chegar a todos está apenas começando a tornar-se realidade; seu encaminhamento depende em boa medida de nossa oração constante e de nossa participação ativa, para que a luz do Senhor habite em nosso meio e nos conduza mediante boas escolhas pelos caminhos da salvação, oferecidos generosamente a todas as pessoas e dos quais nossa Igreja diocesana deseja ser canal.

14. Lista de siglas

• AA Decreto Apostolicam Actuositatem, sobre o apostolado dos leigos (Concílio Vaticano II);
• CAEP Conselho de Assuntos Econômicos Paroquial;
• CC Documento 100 – Comunidade de Comunidades (CNBB);
• CD Decreto Christus Dominus – sobre o múnus pastoral dos bispos na Igreja (Concílio Vaticano II);
• CEBs Comunidades Eclesiais de Base;
• CIgC Catecismo da Igreja Católica;
• COMIPA Conselho Missionário Paroquial;
• CPC Conselho de Pastoral Comunitário;
• CPP Conselho Paroquial de Pastoral;
• CR Documento 26 – Catequese Renovada (CNBB);
• DAp Documento de Aparecida (CELAM);
• DD Carta Apostólica Dies Domini – sobre a santificação do domingo (São João Paulo II);
• DDS Diretório Diocesano dos Sacramentos (Diocese de Santo André);

• DGAE Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (CNBB);
• ECC Encontro de Casais com Cristo;
• EE Encíclica Ecclesia de Eucharistia – sobre (São João Paulo II);
• EG Exortação Apostólica Evangelii Gaudium (Papa Francisco);
• JEDA Projeto Juventude Esperança Do Amanhecer (Diocese de Santo André);
• LG Constituição Dogmática Lumen Gentium – sobre a Igreja (Concílio Vaticano II);
• PASCOM Pastoral da Comunicação;
• SC Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium – sobre a Sagrada Liturgia (Concílio Vaticano II);
• USCS Universidade de São Caetano do Sul

5. TEXTOS DAS ÁREAS PASTORAIS

ÁREA PASTORAL 1
MINISTÉRIOS ORDENADOS E VIDA CONSAGRADA

PASTORES E VOCACIONADOS DA IGREJA CAMINHANDO JUNTOS

O Sínodo Diocesano da Igreja Particular de Santo André chega em um momento importante, de refletir sobre a ação pastoral específica nas diversas áreas pastorais. E dos membros destas equipes já se colhem alguns resultados.

A área pastoral 1 reúne pastorais e movimentos bastante específicos: os ministros ordenados (pela Pastoral Presbiteral), os religiosos, religiosas e consagrados (pelo Núcleo da Conferência dos Religiosos do Brasil) e todos os grupos que se relacionam diretamente com a promoção vocacional da diocese ao diaconado e ao presbiterado (Comissão Diocesana dos Diáconos, Escola Diaconal Diocesana, Seminário Diocesano e Pastoral Vocacional), bem como às diversas formas de vida consagrada(viúvas, leigas e novas comunidades).

Trata-se de um grupo, numérica e relativamente falando, pequeno, limitado. Mas que é, contudo, um dos que mais contribui com a vida das comunidades. Todos os habitantes de uma paróquia, ou até de fora dela, são atingidos, direta ou indiretamente, pelo ministro ordenado e pelos consagrados que nela atuam.

Objetivos

E o que estes grupos almejam? Tratando-se do cuidado de vidas que cuidam de outras vidas. Os grupos da área 1 almejam unir e articular os membros e os grupos afins, tendo Deus como referência, visando o bem estar em todas as dimensões (espirituais, físicas, intelectuais etc), para que os servidores da Igreja com especial consagração possam ter bom êxito em seus trabalhos apostólicos, sentindo-se realizados e sendo, assim, inspiração para futuros sacerdotes, diáconos, religiosos ou consagrados.

Cada grupo trabalha com uma frente ou com mais de uma, dependendo do seu foco: serviço às paróquias, escolas, grupos de risco e tantas outras atividades específicas.

Ser presença

O sínodo já reflete, desde a sua convocação, sobre a presença, geográfica e efetiva, das ações evangelizadoras em nossa diocese. Os grupos da área 1 estão em todas as paróquias da diocese, mas muitas vezes a distribuição não é proporcional a necessidade dos fiéis. No caso da formação presbiteral nota-se que a grande maioria dos seminaristas está inserida em realidades de periferias econômicas, em alguns casos até geográficas, em alguns rincões da diocese. De outro lado, algumas realidades centrais e mais abastadas aparecem no quesito das periferias existenciais, onde o ter há muito tempo se sobrepôs ao ser, e especialmente ao ser com Deus, o que justifica também a presença dos vocacionados ao sacerdócio.

No caso das leigas e viúvas consagradas, elas servem, geralmente, nas suas paróquias de residência ou origem, sendo grande luz às suas comunidades com sua presença discreta e ativa, quando a saúde permite, na Igreja. Estando presentes nas mais diversas comunidades.

As congregações religiosas femininas encontram-se em dois extremos: algumas, mais antigas, estão nos centros das cidades, locais, à época da instalação, periferias esquecidas, hoje grandes aglomerados urbanos. Outras irmãs, contudo, são Igreja nas periferias, muitas das quais, responsáveis pelas igrejinhas que nasciam, que hoje são paróquias e comunidades.

No caso da Pastoral Vocacional a distribuição segue esquema bastante irregular no sentido geográfico e de orientação centro/periferia. Em algumas das paróquias esse trabalho é organizado pelos leigos e em outras, organizado pelas congregações religiosas presentes nas paróquias.

Este time de consagrados e ministros ordenados é, numericamente falando, até grande: 227 religiosos, sendo 126 mulheres e 101 homens, destes 101 homens 64 são padres e 37 religiosos. Padres diocesanos somam-se 113, 23 diáconos permanentes, 18 seminaristas das casas de filosofia e teologia e 14 na casa propedêutica; 5 viúvas consagradas, 9 virgens consagradas, fora os membros que se organizam na Pastoral Vocacional.

Situação e desafios

Quando se olha para o passado, há um misto de saudosismo e alívio. Saudosismo pela quantidade de membros, pela organização de outrora, pelos agentes que já estão na casa do Pai. Alívio por uma

melhor organização, a grande maioria das congregações e paróquias (onde estão os padres e diáconos), possuem uma mínima estrutura.

Os grupos envolvidos vivem uma disparidade muito grande de situações: alguns em franca expansão (como por exemplo as novas comunidades) em , outros em decadência acelerada ou apenas manutenção das estruturas atuais, a muito custo.

E o quê os agentes da área pastoral 1 sonham para o futuro? Ser presença profética junto à sociedade, vivenciando as espiritualidades e carismas, revelando a diversidade vocacional. A partir disso, atrair mais membros para a continuidade da missão, e consequentemente tendo a possibilidade de estar em mais lugares, onde o Evangelho precisa ser conhecido, vivido e aplicado.

Um dos grandes desafios que temos, é que a necessidade da profissionalização, em vista de melhor atender a missão (em colégios, escolas, paróquias, obras sociais) e da burocratização exigida pelos novos tempos nos impedem de ir sair e estarmos presentes de forma concreta junto às comunidades.

No caso dos padres um dos desafios em nossos dias é a questão de ver a própria vocação como uma profissão e não uma missão de pastoreio e doação de vida, não caindo na tentação de se tornar um mero administrador, vendo a paróquia só como uma empresa.

Os ministérios ordenados e a vida consagrada são chamados a uma vida de doação, por isso devem estar preparados para superar o egocentrismo e também do desânimo e angústia provocada pela pressão advindos da missão.

Como dificuldade apontou-se, em especial, a distância geográfica entre as comunidades religiosas, o que, dificulta um contato pessoal, embora haja meios facilitadores de comunicação e contado, que nem sempre são utilizados, bem como a falta de articulação para a presença nas pastorais. Algo que aflige os religiosos, sacerdotes, seminaristas, é o acúmulo de tarefas. Na esteira do que o Papa Francisco traz, isso pode refletir a burocratização da fé e uma estrutura que de tão pesada, torna a barca lenta demais para conduzir à outra margem.

Algumas perspectivas pastorais

Três ações são apontadas como caminhos interessantes, ecos belíssimos do Documento de Aparecida e do magistério do Papa Francisco, em especial a Evangelii Gaudium: sair (de si e não se fechando nos próprios trabalhos, especialmente), descentralizar as ativida-

des, realizando-as, regional e diocesanamente, em outras cidades, não apenas nas mesmas. E trocar experiências a fim de que o aprendizado seja melhor partilhado.

Sair:

1. Cada paróquia da diocese adotar uma paróquia irmã, por um período de três anos. A responsabilidade de indicar as paróquias irmãs e acompanhar esta ação é do Conselho Diocesano de Pastoral.
2. Colocar alguns consagrados e ministros ordenados com dedicação exclusiva aos diferentes ambientes de fragilidade humana (hospitais, casas de repouso, povo de rua, cemitérios), favorecendo possíveis capelanias diocesanas.
3. Incentivar os diáconos a assumirem sua função caritativa, próprias de sua missão, conforme o Diretório diocesano dos diáconos.

Descentralizar:

1. Criar paróquias em áreas densamente populosas, ou geograficamente necessitadas e que para isso haja um esforço diocesano na aquisição de: terreno, casa, carro, enfim a estrutura necessária para a criação e posterior auxílio na manutenção do dinamismo da vida paroquial com a participação da paróquia recém criada.
2. Reuniões e atividades do núcleo da CRB distribuídas nas diversas regiões
3. Rever a organização das regiões pastorais (se há necessidade de criação de novas) para que favoreçam a maior comunhão e dinamização da vida eclesial.
4. Rever os territórios paroquiais, para que as fronteiras não fiquem desamparadas e caso haja necessidade sejam criadas novas comunidades.

Trocar experiências:

1. Fomentar por meio da indicação da CRB assessores para as pastorais, movimentos e associações na diocese.
2. Presença efetiva no núcleo de todas as congregações nas reuniões do CRB e nos CRP´s.

ÁREA PASTORAL 2
PARA O LAICATO, A VIDA E A FAMÍLIA

OS LEIGOS E A FAMÍLIA NO SÍNODO DIOCESANO: CAMINHANDO JUNTOS COMO POVO DE DEUS (LG 9) A SERVIÇO DA VIDA

Conhecendo a área pastoral

A Área Pastoral 2 congrega as forças diocesanas voltadas à maior porção do Povo de Deus: os que encontram no batismo o caminho e a fonte essenciais de sua vocação, concretizada em diferentes serviços desempenhados pelos leigos no seio da Igreja, na vida familiar e, nas mais variadas dimensões do mundo, através da promoção da vida em sua integralidade (LG, 31).

Os grupos que integram esta Área são: Irmandade do Servo Sofredor – ISSO, a Comissão Diocesana em Defesa da Vida, o Apostolado da Oração, o Movimento Cultura da Misericórdia, as Novas Comunidades, o Encontro de Casais com Cristo, as Oficinas de Oração e Vida, a Legião de Maria, o Conselho Diocesano de leigos – CDL, a Pastoral Familiar, as Equipes de Nossa Senhora, o Caminho Neocatecumenal, o Movimento Apostólico de Schoenstatt, a Renovação Carismática Católica, Terço dos Homens, Associação Milícia da Imaculada dos Frades Menores Conventuais, Movimento Familiar Cristão, Comissão Diocesana Setor Juventude, Movimento Sociedade São Vicente de Paulo, Liga Católica Jesus Maria José, Movimento das Mães e Madrinhas orantes pelos Sacerdotes, Movimento Mães que oram e Movimento Focolares.

Objetivos

Em razão de sua multiplicidade, que enriquece o Corpo de Cristo com sua variedade de membros a desempenhar funções específicas para o bem do todo (1Cor 12,12), os objetivos gerais a que os grupos componentes desta Área se propõem, poderiam assim ser sintetizados:

Tendo por base o mistério pascal, estes grupos cultivam o discipulado a Jesus Cristo, de maneira que, vivendo diariamente a fé e a conversão, deem testemunho de Cristo Ressuscitado no mundo. Assim, sua missão na Igreja é anunciar o Evangelho da vida reconhecendo Jesus presente em todas as realidades de sofrimento, em especial na pobreza, não tida somente como pobreza material; recordando, no entanto que: "Sem a opção preferencial pelos pobres, o anúncio do Evange-

lho corre o risco de não ser compreendido ou de afogar-se naquele mar de palavras que a atual sociedade da comunicação diariamente nos apresenta" (EG, 199); reconhecendo a importância da vida familiar como patrimônio da humanidade (DAp, 114), promovem, em nome da Igreja – nos âmbitos da espiritualidade conjugal, do engajamento pastoral da família, de seu ardor missionário e de uma profunda vivência comunitária – a cultura da vida desde a concepção até a morte natural, através da formação e evangelização, incluindo os meios de comunicação, ressaltando a importância do acolhimento e do resgate dos valores éticos e cristãos.

Para isso, abertos à ação do Espírito Santo, que confere dons e carismas aos membros da Igreja, valem-se da oração e da vida interior como meios de santificação para alcançar seus múltiplos objetivos, buscando no relacionamento íntimo com Deus e recorrendo frequentemente à intercessão da Virgem Maria a força para concretizar seus objetivos, deixando-se modelar o próprio coração pelo modo misericordioso de ser de Deus, do qual procuram ser sinais na sociedade, conjugando harmoniosamente oração e ação e atraindo outras pessoas à vivência do mesmo ideal.

Na Igreja, os grupos ligados a essa Área estão entre os numericamente mais expressivos do laicato, cumprindo os exigentes objetivos, se responsabilizando por auxiliar na articulação e organização de suas atividades, promovendo iniciativas voltadas à sua formação, suscitando, desenvolvendo e aprofundando a consciência crítica e criativa de sua identidade, vocação e missão.

Atuação

Se os objetivos são múltiplos, embora convergindo para uma meta eclesial comum, também são diversificados os meios utilizados pela Área para atingi-los.

Assim, a atuação dos grupos da Área 2 podem ser elencados em encontros frequentes, conversas, promoção de experiências de oração, momentos que alimentam a espiritualidade, reflexões com a Palavra, retiros, romarias, eventos beneficentes, momentos de formação e conscientização, acolhida e aconselhamento, engajamento paroquial, celebrações, ajuda às famílias em suas necessidades, visita a enfermos, atuação em meios de comunicação, células de evangelização, orientação espiritual e psicológica, abordagem pessoal, catequese, inserção na vida social, reuniões de lideranças, pastoral de conjunto, anúncio

querigmático (primeiro anúncio de Jesus morto e ressuscitado), religiosidade popular e experiências missionárias.

Representatividade e abrangência

A Área 2 abriga setores que estão presentes em parte relevante do território diocesano; por sua vez, também há lugar para setores menores que desempenham seu trabalho em uma ou algumas paróquias da Diocese.

No primeiro caso, tem-se a Renovação Carismática Católica, presente na maioria das paróquias em 186 Grupos de Oração; o Setor Juventude está presente em todas as paróquias, o Apostolado da Oração, presente nas dez Regiões Pastorais e em 95 paróquias; o Terço dos Homens estima sua presença em 80 paróquias; o Movimento Apostólico de Schoenstatt está estabelecido em 78 paróquias das dez Regiões Pastorais; a Sociedade São Vicente de Paulo está presente em 47 paróquias da Diocese; as Oficinas de Oração e Vida estiverem presentes 42 paróquias nos últimos sete anos; a Pastoral Familiar possui núcleos em 53 paróquias entre as dez Regiões Pastorais; a Legião de Maria está em 47 paróquias de 10 Regiões Pastorais; a Comissão Diocesana em Defesa da Vida possui representantes em 9 Regiões Pastorais e seu trabalho é desenvolvido em 25 paróquias; bem assim os membros das Equipes de Nossa Senhora desenvolvem atividades pastorais junto a um grande número de paróquias da Diocese; o Encontro de Casais com Cristo é sediado em 25 paróquias de 8 Regiões Pastorais; as Novas Comunidades estão presentes 18 paróquias da Diocese e, finalmente, o Movimento da Cultura da Misericórdia estende-se por 12 paróquias em 5 Regiões Pastorais.

No segundo caso, tem-se a Milícia da Imaculada, presente em 6 paróquias de 3 Regiões Pastorais; a Irmandade do Servo Sofredor, presente em duas paróquias de duas Regiões Pastorais; o Caminho Neocatecumenal, cujas atividades são sediadas na Paróquia Santa Terezinha (SBC);a Liga Católica Jesus Maria e José está presente em 8 paróquias; o Movimento Mães que oram estão presentes em 11 paróquias de três regiões pastorais; O Movimento Focolares em uma paróquia e, finalmente, o Conselho Diocesano de Leigos, que atua mais junto à articulação de paróquias e Regiões do que pontualmente nestas instâncias.

Surpreende o elevado número de agentes que a área calcula de forma aproximada, resultando num total de 20.765 servidores do Senhor, sendo 1272 membros ativos e 6953 membros auxiliares da Legião de

Maria; 3720 servos dos Grupos de Oração da Renovação Carismática Católica; 24 agentes de Pastoral no Setor Juventude, 3200 participantes do Terço dos Homens; 2136 associados do Apostolado da Oração; 1240 missionários do Movimento Apostólico de Schoenstatt; a Sociedade São Vicente de Paulo conta com 610 agentes; 504 membros das Equipes de Nossa Senhora; 400 colaboradores e voluntários da Milícia da Imaculada; 552 membros das Novas Comunidades, 356 membros do Encontro de Casais com Cristo; 35 consagrados da Comunidade Fidelidade e 300 pessoas reunidas em células; 180 membros do Movimento da Cultura da Misericórdia; 115 membros da Liga Católica Jesus Maria e José, 90 membros da Comissão Diocesana em Defesa da Vida; 89 guias das Oficinas de Oração e Vida; 80 participantes do Caminho Neocatecumenal; 70 membros da Irmandade do Servo Sofredor; 25 do Movimento Focolares e 25 do Conselho Diocesano de Leigos.

Embora sempre haja alguma dificuldade em estimar o número, ainda que aproximado, de pessoas beneficiadas pela ação pastoral dos grupos desta Área – sobretudo porque alguns destes segmentos prestam auxílio espiritual conjuntamente ao material ou pastoral, o que torna difícil a contabilização, sem deixar de configurar-se como um tipo de atendimento anônimo, como, por exemplo, a oblação espiritual dos membros do Apostolado da Oração, da Legião de Maria e do Movimento da Cultura da Misericórdia, que têm por objeto milhares de pessoas diariamente, bem como a Milícia da Imaculada que, através da rádio e da internet, ultrapassa os limites da Diocese e atinge um sem-número de pessoas, ou ainda o Terço dos Homens, que com suas atividades estimam atender 30% dos frequentadores de cada comunidade onde o Movimento atua.

Por outro lado, outros grupos puderam oferecer dados mais palpáveis, que anualmente giraram em torno do impressionante número de 137984 pessoas , composto por: 79 224 mílites cadastrados que são evangelizados pelas atividades da Milícia da Imaculada; 37 200 pessoas em famílias visitadas pelas capelinhas marianas do Movimento Apostólico de Schoenstatt; O Movimento Mães que oram contam com 600 mães, o Setor Juventude conta com a participação de 4000 jovens, participam 18 000 frequentadores dos Grupos de Oração da Renovação Carismática Católica ou atendidos por seus servos; 2600 pessoas são atendidas pelas Novas Comunidades, 1600 pessoas que realizaram os Encontros de Casais com Cristo; 800 pessoas visitadas ou beneficiadas pela Legião de Maria; 600 pessoas acompanhadas pela Comunida-

de Fidelidade; 500 pessoas iniciadas à prática da oração pelas Oficinas de Oração e Vida; 60 pessoas ao ano atendidas pela Comissão Diocesana em Defesa da Vida.

Organização

Como são plurais os objetivos e métodos de ação em cada grupo que compõe a Área 2, igualmente plurais são as estruturas que auxiliam o desempenho de sua missão evangelizadora de modo geral podemos assim descrever:

Alguns grupos contam além das estruturas nas paróquias com uma coordenação em âmbito diocesano e/ou regional, sendo assessorados por um ou mais presbíteros ou religiosas da Diocese. É o que acontece com o Setor Juventude, Comissão Diocesana em Defesa da Vida, Movimento da Cultura da Misericórdia, o Setor Família (com a Pastoral Familiar, Encontro de Casais com Cristo, Equipes de Nossa Senhora, Ministério para as Famílias, Movimento Familiar Cristão e Famílias Novas), Oficinas de Oração e Vida, Renovação Carismática Católica, Apostolado da Oração, Terço dos Homens e Legião de Maria.

As pastorais e movimento desta Área 2, superam os limites da Diocese, podendo haver coordenadores em âmbito regional, estadual, nacional e internacional. Há também os casos especiais, como as Oficinas de Oração e Vida, a Irmandade do Servo Sofredor, a Milícia da Imaculada e algumas Novas Comunidades, que gozam de personalidade jurídica. O Caminho Neocatecumenal, por sua vez possui, por natureza e carisma, uma forma própria de gestão, cultivando um profundo diálogo e integração com as esferas diocesanas.

Ontem, hoje e amanhã

A maioria dos grupos desta Área percebeu mudanças significativas em sua forma de atuação há dez anos, sobretudo no que diz respeito à setorização (trabalho com pequenos grupos), dinamização da organização interna, ao amadurecimento da dimensão missionária, visto que "hoje todos somos chamados a esta nova saída" (EG, 20), que deve acompanhar os desafios surgidos das mudanças na realidade.

Certos grupos apontaram positivamente, no passado, a necessidade de um trabalho de conscientização a respeito dos temas da violência e ecologia, urgentes naquele momento e local específicos de sua atuação. Hoje, contemplam-se alguns frutos dessa missão.

Outros, porém, lamentaram o decréscimo na organização de sua es-

trutura, antes composta por mais membros e atuando em mais realidades; em contrapartida, alguns grupos, percebendo os sinais dos tempos, incrementaram suas estruturas para atender a campos de ação antes desassistidos ou inexistentes.

Há também expectativa, pois alguns grupos são recentes, e por essa razão, ainda se enxergam a caminho, construindo sua história de discipulado a Jesus Cristo.

Nesse ínterim, houve quem percebesse um chamado à ampliação do foco de ação, a fim de que o carisma do grupo se mantivesse fiel a seus objetivos; por outro lado, uma porção minoritária de grupos dessa área, embora abertos ao novo, sentem que não houve, nem deve haver, mudanças nas formas de evangelização, em virtude das normativas de seus respectivos movimentos, que permanecem as mesmas do decênio precedente.

Não se pode negar tampouco o desenvolvimento dos meios de comunicação social, que passaram a fazer parte da quase totalidade dos grupos da Área.

Para o futuro, os segmentos da Área 2 esperam perseverar na fidelidade ao seguimento de Jesus Cristo por meio de sua espiritualidade específica; mais conscientização por parte dos fiéis a respeito das problemáticas para cuja solução esses grupos surgiram; mais apoio e incentivo por parte do clero; mais agentes envolvidos e compromissados e expansão das atividades; mais apostolado conjunto; mais setorização a fim de alcançar as pessoas afastadas; abrir-se mais ao anúncio explícito da Palavra em ambientes extra-eclesiais; atenção especial à família; mais inserção no meio juvenil; mais articulação com a Diocese, mais inserção na vida comunitária e conhecimento mais aprofundado dos ensinamentos da Igreja, especialmente no campo social.

Possibilidades e desafios

Cientes de que "O Espírito Santo enriquece toda a Igreja evangelizadora também com diferentes carismas" (EG, 130), em suas atividades, os membros da Área Pastoral 2 elencam como facilidades: a simplicidade, gratuidade, amizade, fidelidade, partilha, incentivo e proximidade dos pastores, apoio dos familiares, capacitação das lideranças, união, amor, credibilidade, comunicação, entrosamento, entusiasmo, a própria estrutura bem definida do grupo, disponibilidade, comprometimento, alegria, união e espírito de equipe, infra-estrutura e instalações paroquiais e diocesanas, disponibilidade do clero, intera-

ção, material de apoio, horários das atividades, vivência de espiritualidade, abertura aos sinais dos tempos, a possibilidade de encontrar-se, sensibilidade para com a religiosidade popular, acolhida por parte de quem recebe atendimento.

Como não poderia deixar de ser, todavia, ocorrem obstáculos que dificultam a ação evangelizadora. Alguns são pontuais, correspondendo à necessidade particular do grupo, como: dificuldade de locomoção; horários desfavoráveis; enfermidade; dificuldades técnicas de comunicação; a ação proselitista de seitas; falta de conversão missionária; falta de cuidado com membros idosos e doentes; falta de abertura a novos membros; lideranças de outras pastorais que engessam o crescimento do grupo; manipulação do grupo por parte do pastor; falta de comprometimento com as atividades diocesanas; métodos de abordagem e convite para participação nas atividades; membros em idade avançada; pouco interesse nos jovens por parte de algumas estruturas na Igreja, mas também em alguns casos, pouco interesse dos jovens; pouca penetração em bairros centrais; limitações infra-estruturais e inserção das pessoas atendidas na vida comunitária.

Outros obstáculos, contudo, aparecem recorrentemente em mais de um grupo: dificuldades financeiras, pertença múltipla a outros grupos que enfraquece a assiduidade; sobrecarga de atividades, muitas vezes "mal vividas, sem as motivações adequadas, sem uma espiritualidade que impregne a ação e a torne desejável" (EG, 82); escassez de agentes; falta de apoio por parte de alguns membros do clero e seu desconhecimento acerca da espiritualidade e objetivos do grupo.

Lideranças

As lideranças dos diferentes segmentos que compõem esta Área são vistas pelo corpo dos membros como bem dispostos ao serviço, auxiliadores, fraternos, determinados, razão pela qual são respeitados e queridos, com os quais se sente poder caminhar em conjunto. A rotatividade na equipe de coordenação e a aposta em lideranças jovens também se destacam como elementos positivos no bom desempenho da liderança.

Sente-se, porém, que ainda falta aprofundamento acerca da natureza do próprio grupo, saber delegar e trabalhar com a equipe que se coordena; nota-se a sobrecarga de atividades, que gera cansaço e desmotivação; por vezes, o líder é visto como distante. Também se percebe a dificuldade em cultivar e formar novos líderes. Lamenta-se a ausência

de novas pessoas comprometidas para assumir as responsabilidades. Urge a necessidade de maior entrosamento e acolhida por parte daqueles que lideram suas pastorais.

Clérigos e leigos

A respeito daqueles que, na Igreja, estão à frente do Povo de Deus, os membros da Área Pastoral 2 vislumbram neles ao mesmo tempo a fragilidade humana e a vocação divina; constatam sua credibilidade e abnegação, para cuja visibilidade recomendam o uso do hábito religioso ou do traje eclesiástico; reconhecem igualmente que às vezes são vítimas da falta de caridade por parte de alguns fiéis, dada sua importância para a caminhada da comunidade, no sentido de apoiá-la e fomentá-la.

Nota-se, por outro lado, certa distância do povo, dificuldade de acesso e poucas iniciativas em favor da evangelização e do acolhimento ("primeirear", cf EG 24); percebe-se também em alguns a falta de seguimento às normas litúrgicas e despreparo na homilia, consequência da falta de comprometimento com sua própria formação continuada. Outros, em boa medida, estão sobrecarregados.

Portodos esses motivos, o Povo de Deus reza continuamente pela vida e ministério daqueles que se consagraram totalmente ao serviço do Reino.

Participação leiga

A respeito do fomento em sua participação, os leigos que se congregam na Área Pastoral 2 apostam no testemunho, quando leigos e famílias menos participativos se motivam à inserção comunitária pelo exemplo dos que se doam nas comunidades; na mesma linha apontam também a formação, o incentivo ao protagonismo leigo,a vivência da espiritualidade, o envolvimento – especialmente sob o formato setorizado, em pequenos grupos – com os jovens e com as famílias, a acolhida, a divulgação das atividades pastorais, o dinamismo dos pastores, a evangelização, o bom aproveitamento do tempo, a participação conjunta dos diferentes grupos e a atitude de saída em direção a essas realidades

Cooperação

A relação de colaboração entre ministros ordenados e leigos, segundo a visão da Área 2, passa pela tomada de consciência, pela comunhão de vida entre uns e outros, diálogo, revisão de vida; proximidade,

distribuição de tarefas, planejamento, abertura, interação, valorização, formação sobre a identidade de cada ministério, disponibilidade, união, rotatividade, humildade, respeito mútuo e obediência.

Conclusão

O Sínodo diocesano pode configurar-se como um momento de graça, no sentido de aumentar em seus membros – em particular nos pertencentes à Área Pastoral para o Laicato, a Vida e a Família – a consciência sobre o poder de sua ação em nossa Igreja local, não apenas por seu considerável número e pela abrangência de suas ações; afinal, o Reino de Deus é como uma semente lançada no silêncio da terra, crescendo imperceptivelmente (Mc 4,26); renovados no amor e no seguimento conjunto a Jesus Cristo, serão trabalhadores dedicados e seus labores frutificarão com abundância na Messe do Grande ABC.

Algumas perspectivas pastorais

Para bem desempenhar sua função, os membros da Área Pastoral apostam em mais consciência da liberdade, do que une e do que desequilibra as pessoas; investimento financeiro para ampliação de atividades; divulgação; pastoral de conjunto; planejamento; atração de novos membros (em especial da juventude); formação de discípulos-missionários em atitude de saída; apoio do clero; entrosamento, espiritualidade, acolhimento; uso eficaz dos novos meios de comunicação; aproveitamento das estruturas e grupos já existentes para fortalecer o trabalho; eventos em conjunto para somar forças; profissionalização de algumas funções diocesanas na formação e acompanhamento de novas lideranças; solicitação aos párocos da apresentação de relatórios periódicos das atividades realizadas e ações tomadas; abertura de pastores e comunidades à apresentação das propostas dos grupos; promover a participação na vida comunitária.

Sabendo que "a condição do discípulo brota de Jesus Cristo como de sua fonte pela fé e pelo batismo" (DAp, 184), os membros dessa Área Pastoral entendem que pode haver melhora na atuação batismal no âmbito extra-eclesial a partir do aprofundamento na fé em Cristo, mediante a oração e o estudo, bem como de seu consequente testemunho de doação, concretizado no serviço aos necessitados, no anúncio da Boa-nova às famílias, nos pequenos grupos e nos relacionamentos pessoais e na inserção na vida da sociedade.

Uma vez que "reunida e alimentada pela Palavra e pela Eucaristia, a

Igreja Católica existe e se manifesta em cada Igreja Local (Diocese)" (DAp, 165), os grupos da Área 2 se dispõem a oferecer seus carismas para colaborar na unidade, comunhão e sentido de pertença à Diocese somando forças e colocando-se à disposição do todo, com o que cada um possui de próprio; despertando a consciência da comunidade diocesana a respeito da importância do silêncio contemplativo e da partilha voluntária dos bens; prestando colaboração nas comunidades e entre as comunidades, na comunhão pela oração, na pastoral de conjunto, na conversão missionária, na adesão a iniciativas comuns, na cooperação com o clero e com o bispo, organização de uma agenda conjunta, cuja prioridade seja dos eventos diocesanos; na sadia vivência da unidade na diversidade; pela maior penetração da Palavra; na abertura à ação do Espírito Santo; na inserção na vida social do Grande ABC; nos meios de comunicação na evangelização da família.

1. Organizar melhor a Pastoral de Conjunto

Promover encontros regulares onde as pastorais das áreas tomem conhecimento dos objetivos e ações de cada Pastoral, Movimentos e Associações, em nível diocesano, regional e paroquial.
Articular ações conjuntas, que tenham o mesmo objetivo;
Traçar agenda conjunta;
Criar mecanismos de comunhão e sentido de pertença;
Presença física, visitas mútuas entre as pastorais (ex.:feiras pastorais).

2. Uniformizar as Ações Pastorais (ex: Preparação para a Vida Matrimonial)

Criar Subsídios orientativos de forma a uniformizar, respeitando as características de cada região.

3. Formação de Discípulos Missionários

Promover formações específicas de forma que desperte a consciência missionária utilizando-se de novas metodologias e tecnologias (assessoria profissional);
Promover experiências missionária.

4. Especialização de algumas funções Diocesanas (Novas técnicas e lideranças)

Criação de uma Escola Diocesana de Liderança.

ÁREA PASTORAL 3
AÇÃO MISSIONÁRIA E COOPERAÇÃO INTER-ECLESIAL

UM SÍNODO MISSIONÁRIO E ATENTO AOS SOFRIMENTOS DO POVO

A Área Pastoral 3 reúne grupos eminentemente importantes para a nova configuração evangelizadora da Igreja Católica, em especial após o Concílio Vaticano II. Esses grupos atuam junto às realidades de missão e de formação das lideranças das comunidades: COMIDI (Comissão Missionária Diocesana), IAM (Infância e Adolescência Missionária), JM (Juventude Missionária), CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) e Projeto "Paróquias e comunidades irmãs". Essa nova realidade da Igreja caracteriza-se por uma atuação que fomenta a organização das pequenas comunidades e as paróquias, tendo no leigo um sujeito muito especial, que move a Igreja a sair de si mesma, sempre em comunhão com seus pastores.

Objetivos

Os grupos desta área trabalham em três frentes principais:
1) organização pastoral,
2) organização material e
3) incentivo missionário.

1 Na organização pastoral temos participação de todos os grupos aqui envolvidos. As CEBs buscam fomentar o processo eclesial a partir das pequenas comunidades, educando seus membros com uma ativa participação na Igreja, buscando, além da força de Jesus Cristo, a vivência integrada com a realidade e as dificuldades das pessoas. O COMIDI, a IAM e a JM buscam motivar as comunidades a não serem a própria referência, lembram-lhes de que sempre devem buscar ajudar a Igreja em sua totalidade.

2 O projeto "paróquias e comunidades irmãs" se propõe a promover, neste sentido, o intercâmbio de agentes pastorais qualificados para a edificação espiritual-pastoral das comunidades menos providas de recursos (humanos e materiais). Uma grande parte das paróquias da diocese possui carências estruturais, ou seja, por ausência de recursos (construções, materiais, fontes de manutenção). Em

especial nas periferias das cidades há muitas comunidades com uma estrutura de acolhimento muito inferior à necessidade das pessoas como, por exemplo, comunidades em lugares alugados, emprestados pelas prefeituras, capelas construídas sobre brejos, esgotos etc. E há outras comunidades que veem seu patrimônio ruir por dificuldades administrativas ou por não poderem arcar com reformas. O "Projeto Paróquia e Comunidade Irmã" incentivam a cooperação entre paróquias mais tranquilas no sentido econômico para com aquelas que padecem dificuldades crônicas de captação de recursos para atender suas demandas.

3 A dimensão missionária merece nossa atenção permanente. A maioria das pessoas e comunidades pensa que só poderá colaborar com outras no dia em que elas próprias estiverem com tudo funcionando. Os organismos missionários existem para recordar às comunidades que o mandato missionário (Mc 16,15) é permanente e responsabilidade de todos cristãos. Nossas paróquias devem com suas realidades e seus esforços serem missionárias (a Visita Pastoral Missionária de 2016 – realizada nas Regiões Pastorais animada pelo Bispo, clero, consagradas (os) e com todo povo de Deus - foi um exemplo).

A transformação da diocese

As transformações derivadas do processo de globalização nos mais diversos aspectos, tais como, trabalho, educação, cultura, religiosidade, costumes, preocupações, influências, repercutem diretamente no modo de evangelizar na Diocese de Santo André. Dessas transformações surge, como a mais positiva, a facilidade de acesso à informação. Por outro lado, os grupos indicam que a diocese não demonstra mais o ardor missionário de antigamente. Diminui-se o raio de alcance por muitas vezes não haver apoio pastoral.

Após a pesquisa constatou-se que o cenário religioso atual não corresponde ao que pensávamos. Realmente a Diocese de Santo André mudou. Muitas pastorais, movimentos e associações estão buscando novos caminhos, procurando encontrar os sinais de fé do homem contemporâneo do Grande ABC. Cada qual faz isto a seu modo com seu jeito de ser Igreja. Alguns caminhos apontados por métodos que não correspondem mais à realidade podem ter seus objetivos não mais atingidos. São necessários métodos que interajam mais nesta diocese, que vive constante transformação.

Situação, desafios e perspectivas.

A situação dos grupos é um pouco distinta: a organização missionária (do ser missionário em todas as situações, pelas comissões diocesanas e paroquiais) dá passos, mas ainda muito lentos diante do tamanho da diocese. Não se nota uma preocupação missionária geral, mas ações isoladas na maioria dos casos e pouca gente interessada.

A Infância e Adolescência Missionária e a Juventude Missionária notam uma drástica diminuição de seus membros e grupos; e uma dificuldade a mais: as crianças, adolescentes e jovens mudaram numa velocidade muito maior que a pastoral da Igreja. Como cativá-los para um encontro com Jesus Cristo? E a viverem a fé cristã em comunidade? E ainda mais a serem missionários, especialmente numa Igreja, em sua maioria, não missionária?

As Comunidades Eclesiais de Base têm diminuído sua expressão, apesar de serem sempre citadas nos documentos da CNBB como uma boa alternativa de experiência de formação de cristãos e de comunidades. Olhando os levantamentos, contudo, vemos que ainda muitas paróquias têm grupos de rua, pastorais de rua, "pastorais missionárias", células, mas uma parte bem inferior se diz CEBs. As reuniões para rezar e refletir continuam, mas de modo diversificado.

O Projeto Paróquias e Comunidades irmãs segue aguardando incentivo. Há um pouco mais de clareza de que há paróquias agonizando por falta de recursos. Estão estas nas periferias há muito clamando por atenção. Além disso sente-se a necessidade da interação de agentes para atender os lugares mais necessitados, uma dinâmica também, missionária.

Conclui-se, portanto, que é necessário suscitar o constante questionamento missionário nas comunidades. Isso através da provocação para que a Igreja esteja sempre em movimento; tanto para fortalecer a fé do povo, quanto para dar-lhe dignidade de vida em todos os sentidos. Ser uma Igreja em saída que vive o sonho missionário de chegar a todos. Com esse eixo norteador, por fim, se pergunta: "a Igreja chega às pessoas necessitadas? A Igreja suscita interesse por Deus e as atrai à vida comunitária?

Perspectivas pastorais

1. Dimensão Formativa

Criar uma escola de Formação Missionária;

Incluir a disciplina de Missiologia nos cursos de teologia para os leigos e fortalecer esta dimensão na Formação Presbiteral.

2. Ampliar a Consciência Missionária

Promover retiros e formações com a Temática Missionária;
Propagar o material do mês missionário (p.ex. divulgar pelas redes sociais);
Fortalecer a Caminhada Missionária;
Incentivar o clero (com formação) sobre a Campanha Missionária;
Organizar as Visitas Missionárias;
Acompanhar as pós-visitas missionárias;
Identificar e articular as iniciativas missionárias existentes na Diocese;
Identificar áreas missionárias na Diocese e indicar aos organismos pastorais competentes as necessidades buscando uma mobilização em favor destas.

ÁREA PASTORAL 4
ANIMAÇÃO BÍBLICO-CATEQUÉTICA

FAZER EXPERIÊNCIA DO ENCONTRO PESSOAL COM JESUS CRISTO (CULMINANDO NA VIDA COMUNITÁRIA E ECLESIAL) NO PROCESSO DE VIVÊNCIA, CONHECIMENTO E CELEBRAÇÃO DO MISTÉRIO.

O Sínodo Diocesano da Igreja Particular de Santo André com o 'SONHO MISSIONÁRIO DE CHEGAR A TODOS' convocou os fiéis leigos engajados nas pastorais movimentos e associações a lançarem um olhar sobre sua prática pastoral à luz dos Documentos de Aparecida e Evangelii Gaudium levando em consideração os dados da realidade levantados pela pesquisa realizada. Apresentamos aqui uma síntese dos resultados enviados pela Área 4.

A Animação Bíblico-Catequética é de fundamental importância na caminhada pastoral evangelizadora da Diocese, pois está presente em todas as 100 paróquias e nas 264 comunidades. Compõem esta área a Comissão Bíblico Pastoral da Diocese e a Animação Bíblico Catequética que está estruturada nos seguintes setores: Catequese com crianças, Catequese com Adolescentes e Jovens, Catequese com Adultos e Itinerário com pais e padrinhos.

Os setores não estão isolados, mas possuem ações específicas para cada etapa da vida humana, e sua sintonia é garantida com a atuação da comissão de animação bíblica catequética diocesana que conta com a representação de todos os setores com o intuito de pensar e organizar o agir da ação evangelizadora da catequese.

A área 4 envolve um grande número de agentes engajados no anúncio de Jesus Cristo e estão distribuídos nos setores da catequese acima elencado e na comissão bíblico pastoral. Ela conta com aproximadamente 1.500 catequistas na catequese com crianças, 668 na catequese com jovens e adolescentes, 166 na catequese com adultos, 869 no itinerário com pais e padrinhos e 8 membros que produzem material a partir das reflexões do Evangelho.

Devido à divulgação dos materiais produzidos pela Comissão Bíblico Pastoral, através do Jornal Boa Notícia e pelos meios eletrônicos, não é possível calcular o número de pessoas atingidas. Desde agosto de 2011, esta comissão disponibiliza no site da diocese encontros sobre o evangelho dos domingos, que podem ser usados nos grupos de rua

e outros encontros.

Com as ações da Animação Bíblico Catequética, anualmente, são iniciados e acompanhados na catequese aproximadamente: 12.000 crianças, 3.763 adolescentes e jovens e 1.540 adultos. No Itinerário com pais e padrinhos, a cada ano, são atingidas, cerca de 55.944 pessoas e realizados 13.986 batizados.

Objetivos

A comissão bíblico-pastoral da Diocese tem por objetivo contribuir, com a elaboração de encontros para a reflexão dos evangelhos dominicais, para uma maior compreensão da Palavra de Deus e atitude de comunhão nas diferentes comunidades.

Animação Bíblico Catequética tem como objetivo a educação na fé da pessoa humana, desde o ventre materno até a pessoa idosa. Esta mudança de paradigma, onde os sacramentos acontecem durante o itinerário, está em pleno andamento e enfrenta grandes desafios, a partir das orientações da Igreja do Brasil a CNBB com a iniciação à vida cristã com inspiração catecumenal.

Diante desta realidade, a Animação Bíblico Catequética está empenhada em aplicar as diretrizes da Igreja para cada fase da vida do fiel, adotando material específico e referencial que visa caminhar dentro do itinerário de iniciação à vida cristã, resgatando o adulto que não teve oportunidade de ser evangelizado, e, nas diversas fases colocar o querigma no eixo central de toda atividade evangelizadora para que, fazendo a experiência de Jesus Cristo, enviado pelo Pai, pela Ação do Espírito Santo, se integrem na comunidade e testemunhem ao mundo a alegria de ser cristão.

Situação, desafios e perspectivas para os próximos 10 anos

1- Comissão Bíblico-Pastoral

A comissão bíblico-pastoral da diocese, no momento, está apenas revendo os encontros já elaborados em anos anteriores e os disponibilizando no site da Diocese. Como desafio, enfrentam a sobrecarga na agenda dos participantes da comissão o que, às vezes, retarda ou impossibilita a elaboração dos subsídios planejados.

Tem como perspectiva receber as orientações do Bispo Diocesano para darem continuidade aos trabalhos, nesta nova fase, pós-sinodal, elaborando subsídios que ajudem a criar e reforçar o espírito de co-

munhão e participação na realização do "sonho missionário de chegar a todos".

2. Animação Bíblico Catequética

A animação bíblico catequética para melhor desenvolver sua missão que está sempre centrada na Palavra de Deus, "mas precisa sempre de uma ambientação adequada e de uma motivação atraente, do uso de símbolos eloquentes, da sua inserção num amplo processo de crescimento e de integração de todas as dimensões da pessoa num caminho comunitário de escuta e de resposta" (EG n.166), organizou-se em setores, não para fragmentar, ao contrário, para realizar um trabalho de conjunto integrando os setores em uma caminhada comum de evangelização.

Para que isso possa acontecer à animação bíblico catequética conta com um padre coordenador, juntamente com os demais padres assessores da catequese com crianças, com adolescentes e jovens e no itinerário com pais e padrinhos; conta também com os respectivos coordenadores leigos de cada um dos setores e com os dois representantes leigos de cada uma das regiões pastorais da diocese.

2.1. O Setor Catequese com Crianças

O setor catequese com crianças está estruturado em uma subcomissão formada pelo padre assessor e por representantes das regiões pastorais da diocese. Desenvolve formações baseados no documento de iniciação à vida cristã. Realiza reuniões regionais periódicas, eventos específicos e momentos de espiritualidade.

Anteriormente, a catequese era direcionada para preparar para a primeira Eucaristia. Hoje, visa caminhar em unidade com os outros setores em vista da iniciação a vida cristã com inspiração catecumenal e sua continuidade no decorrer da vida do fiel.

2.2. O Setor Catequese com Adolescentes e Jovens

O setor com adolescentes e jovens está estruturado em uma subcomissão formada pelo padre assessor, a coordenação diocesana e por representantes das regiões pastorais da diocese. Realiza análise e planejamento da catequese observando as necessidades e propondo mudanças; reuniões periódicas com as representações regionais para levantamento de problemas e refletindo as soluções; organiza encontros de formação e reflexão com os catequistas, e oferece assessoria

nas paróquias que solicitam formação.

O dinamismo deste setor da catequese tem como elementos facilitadores o apoio do bispo e da comissão diocesana, o itinerário de iniciação à vida cristã elaborado pela CNBB, o material desenvolvido na diocese e o itinerário de formação para os catequistas.

2.3. O Setor Catequese com Adultos

O setor de catequese com adultos ainda está em fase de organização, pois esta catequese estava vinculada ao setor com pais e padrinhos.

Em algumas paróquias ocorrem encontros semanais na igreja e, às vezes, na casa dos catequizandos. Em outras paróquias, ocorrem visitas a asilos para partilhar a vivência e a experiência com os internados. Outras realizam coleta de alimentos, roupas e donativos para pessoas carentes.

Esta catequese está presente em quase todas as paróquias da diocese, porém, com metodologias diversificadas, sendo em muitos casos uma preparação para os sacramentos. Como as pessoas procuram por vontade própria, são mais participativas e com disposição para continuar e envolver a família na comunidade. Aqui se identifica a necessidade de se introduzir com mais intensidade o itinerário próprio para esta idade.

Os catequistas são pessoas de boa vontade e dedicados, mas para melhorar sua missão evangelizadora necessitam receber formação específica para a catequese com adultos e ter acesso ao material direcionado a este público.

2.4. O Setor com Pais e Padrinhos

O setor com pais e padrinhos está estruturado em uma subcomissão formada pelo padre assessor, a coordenação diocesana e por representantes das regiões pastorais da diocese. Realiza encontros com os pais e padrinhos onde os acolhe com alegria e, em espírito de diálogo, testemunham a felicidade de conhecer e seguir Jesus Cristo e de pertencer à Igreja Católica.

Este setor procura despertar, acender e reanimar a vida de fé na família propiciando-lhes a reinserção na comunidade. Ocorrem formações para os catequistas em nível paroquial, regional e diocesano, e reuniões periódicas com os coordenadores regionais e com os coordenadores paroquiais.

Há a participação assídua nas semanas catequéticas e das celebra-

ções pelo dia do catequista nas paróquias, regiões e diocese.

Nos últimos anos, aconteceu a inserção da pastoral do batismo no âmbito da iniciação à vida cristã com formações comuns entre os catequistas dos setores conforme as idades, propiciando interação entre os catequistas, adequando os vocabulários e práticas, substituindo a terminologia de 'curso' para itinerário com os pais e padrinhos. As formações regionais e diocesanas estão mantendo os catequistas alinhados com a diocese.

Dificuldades:

• Resistências de alguns padres e catequistas com a introdução do itinerário, muitas vezes provocada pela falta de conhecimento ou má compreensão;

• Falta de comprometimento de alguns catequistas dificultando a sintonia e aplicabilidade do novo paradigma;

• Necessidade de mudança de mentalidade dos catequistas para perceber a diferença entre a acolhida dos sacramentos e a caminhada na catequese;

• Divergência na metodologia quando há influência dos diferentes movimentos da Igreja no ritmo da catequese;

• Dificuldade na comunicação o que acarreta pouco acesso aos documentos da Igreja, nas informações e formações, principalmente nas regiões mais distantes (periferias e capelas);

• Diminuição na participação dos eventos regionais e diocesanos.

Perspectivas:

• Unidade entre os membros e novo paradigma, compromisso, conscientização, cooperação mútua entre o clero e os leigos e que haja reconhecimento das ações da subcomissão formada no setor;

• Amadurecimento e empenho na catequese conforme inspira o documento de iniciação à vida cristã;

• Melhorar distribuição dos trabalhos para evitar a sobrecarga que direciona a desmotivação ou o não cumprimento em tempo hábil do que é definido;

• Desenvolver o diálogo que é o caminho para esclarecer, cultivar e desenvolver a unidade.

São fatores favoráveis a esta nova estrutura: a formação da comissão diocesana de catequese, os encontros de formação do itinerário e o material de iniciação a vida cristã.

A internet tem colaborado muito para o bom desempenho do trabalho (criação de um site para armazenamento e compartilhamento dos conteúdos das formações regionais e diocesanas, criação de uma página no Facebook para divulgação e compartilhamento de eventos) e a criação de uma agenda comum diocesana/regional com os compromissos de todos os setores da catequese com o objetivo de facilitar à participação e evitar os conflitos de datas.

Espera-se que a catequese seja um reflexo da 'Igreja em Saída', viva e eficaz, que ajude as famílias não evangelizadas a encontrar-se com Jesus Cristo e a terem uma participação mais efetiva na comunidade paroquial, que elas descubram o valor e importância serem membros da família de Deus.

Anseios apresentados pela área 4:

1. A criação do Diretório Diocesano da Catequese e Iniciação à Vida Cristã;
2. Fazer um projeto para implantação do Itinerário Catequético em todas as idades;
3. Ampliar os trabalhos da Comissão Bíblico Pastoral e melhorar sua divulgação;
4. Esclarecer e sensibilizar o Clero a respeito da mudança de paradigma na catequese em todas as idades;
5. Intensificar a formação para os catequistas.

ÁREA PASTORAL 5
LITURGIA

LITURGIA E SÍNODO DIOCESANO: CAMINHANDO JUNTOS NA "OBRA DA REDENÇÃO" (LG 1)

Conhecendo a área pastoral

A Área Pastoral 5 abrange diferentes grupos, responsáveis pela animação litúrgica de nossa Igreja Local (= Diocese): Comissão de Liturgia (com as equipes de celebração), Ministérios Extraordinários (culto e Palavra, comunhão, exéquias e bênção), Pastoral dos Coroinhas e Cerimoniários, Setor Música, Equipe de Redação - ABC Litúrgico. Desempenhando sua tarefa, "contribui sumamente para que os fiéis exprimam em suas vidas e manifestem aos outros o mistério de Cristo e a genuína natureza da verdadeira Igreja" (LG 2). Todos os grupos da Área 5 organizam-se em nível diocesano, regional, paroquial, com seus respectivos representantes.

Naturalmente, a representatividade desta Área é bastante abrangente os setores Comissão de Liturgia, Ministérios Extraordinários, Música estão presentes em 100% das paróquias do território diocesano, já a Pastoral dos Coroinhas e Cerimoniários em 67%, perfazendo um número de agentes em torno de pessoas (8000 ministros extraordinários, 1059 cerimoniários, 2135 coroinhas, 5 membros da Equipe de Redação do ABC Litúrgico e um total de pessoas beneficiadas difícil de contabilizar, uma vez que o destinatário da ação pastoral desta Área é o corpo dos fiéis que participa nas celebrações de nossas comunidades.

Objetivos

Reunida em âmbito sinodal, a presente Área reflete sobre sua atuação em favor da dilatação do Reino, tendo em vista os seguintes objetivos: suscitar a vida litúrgica na Diocese, oferecendo suporte integral (promoção, fortalecimento, acompanhamento e formação) em todos os âmbitos (diocesano, regional e paroquial); favorecer o encontro com o Cristo Servo (cf. Mt 12,18-21), levando sua presença a quem mais necessita, mediante um trabalho de comunhão; promover a participação ativa de crianças, jovens, idosos e famílias na vida eclesial, fomentando o conhecimento, a ministerialidade e o compromisso com a fé cristã.

Em resumo, a Área 5 tem por objetivo despertar entre os diocesanos

o sentido do discipulado-missionário no seguimento a Jesus Cristo (DAp20), através de sua vertente específica – a Sagrada Liturgia – pois "ao vivê-la, celebrando o Mistério Pascal, os discípulos de Cristo penetram mais nos mistérios do Reino e expressam de modo sacramental sua vocação de discípulos missionários." (DAp 250)

Para atingir tal finalidade, os grupos desta Área Pastoral frequentemente se reúnem, promovem momentos formativos e trabalham na elaboração de subsídios litúrgicos; organizam e conduzem celebrações com o Povo de Deus, levam Jesus Cristo aos enfermos e necessitados, bem como participam em momentos importantes da vida litúrgica da Diocese e ainda organizam encontros diocesanos e regionais.

Situação e desafios

Olhando para o passado (10 anos atrás), os grupos sublinham que a precariedade estrutural (recursos físicos, humanos e financeiros), a falta de integração e organização no âmbito diocesano e a ação individualizada das paróquias e suas comunidades, vem sendo superada em todos os grupos, embora ainda não se tenha chegado a uma situação ideal.

Olhando para o futuro, num raio de 10 anos, espera-se superar os limites ainda existentes buscando uma maior comunhão e conversão favorecendo a unidade e a consciência a respeito do trabalho desenvolvido nas pastorais, investindo para isso nas estruturas e acesso à informação (valendo-se do uso de redes sociais e tecnologia) e formação.

Como fatores facilitadores na ação evangelizadora, os grupos que pertencem a esta Área elencam o acesso à tecnologia, a disponibilidade e a abertura para aprendizagem por parte de seus membros; a possibilidade de participar em momentos formativos e de oração e o diálogo com ministros ordenados.

Paralelamente ao que se disse no parágrafo anterior, ainda assim se detectam nos grupos acima sinais de falta de apoio, sobretudo no âmbito paroquial, bem como falta de compromisso por parte de alguns agentes.

A fim superar as dificuldades elencadas e melhorar sua ação, os membros da Área apostam em formação permanente (nos âmbitos: espiritual, bíblico, catequético, prático...) em nível diocesano, regional e paroquial; motivação e apoio em suas atividades e fortalecimento do compromisso nos agentes de pastoral.

No que toca à liderança, aqueles que são responsáveis por conduzir os grupos da Área são vistos com credibilidade e consciência de pertença, embora por vezes falte em alguns integração e compromisso. A Área tem muito respeito e apreço pelos membros do ministério ordenado, enxergando-os como representantes de Cristo, neles percebe-se proximidade, acolhida, compreensão, compromisso com a evangelização; por outro lado, alguns demonstram certo despreparo litúrgico, autoritarismo e rispidez.

Com vistas a promover a unidade, comunhão e sentido de pertença diocesana no seio da Área Pastoral, os membros sinodais destacam a necessidade da metodologia da pastoral de Conjunto e a participação em atividades diocesanas.

Certos de que "a Igreja evangeliza e se evangeliza com a beleza da liturgia, que é também celebração da atividade evangelizadora e fonte dum renovado impulso para se dar" (EG 24), as pastorais integrantes desta Área pretendem torná-la mais mistagógica a partir da conscientização de ministros ordenados e leigos a respeito da importância da liturgia em cada um de seus momentos; promovendo a comunicação na liturgia e propiciando momentos de oração e formação, para que seus membros se tornem cada vez mais inseridos no mistério da Liturgia.

Mais concretamente, essas ações têm em vista favorecer uma constante catequese litúrgica, de maneira que o ponto alto da vida cristã, a Liturgia, não fique ofuscada por abusos. Para isso, a Área 5 valoriza a proposição por parte do bispo diocesano de orientações claras em matéria litúrgica para superar desvios litúrgicos pontuais, como por exemplo o Diretório Diocesano de Liturgia, a elaboração de subsídios e sugestão de material de apoio; encontros formativos sobre o assunto, bem como sobre o conceito de ser Igreja, ministerialidade e o papel dos leigos.

Verifica-se em nossa Diocese um número de apenas 35% da população católica que regular e efetivamente freqüenta nossas comunidades (cf. Tabela 52 – Pesquisa USCS). Diante desse desafio, os membros sinodais da Área 5 – na perspectiva do "sonho missionário de chegar a todos" (EG 31) – trabalham para que todos os batizados se sintam Igreja sendo reflexo de Jesus Cristo, assumindo ser Igreja, dela participando ativamente no âmbito que compete a cada um, e dando testemunho da alegria de seguir Jesus Cristo (EG 9). Sendo a Liturgia o coração de toda a pastoral e da vida cristã, quando aqueles que a pro-

movem estão comprometidos com esta tarefa, com a graça de Deus, os demais batizados também o estarão.

Algumas perspectivas pastorais

Tendo em vista que "a vocação e o compromisso de ser hoje discípulos e missionários de Jesus Cristo na América Latina e no Caribe, requerem clara e decidida formação dos membros de nossas comunidades" (DAp 276), os membros da Área, nesse quesito, apontam como atitudes concretas:

1. Formação integral (bíblica, eclesial, espiritual, prática) com elaboração de subsídios; proposição de orientações episcopais e inclusão das mídias sociais como meio de formação
2. Assumir o Diretório Diocesano de Liturgia como Diretrizes oficiais
3. Fortalecer a Comissão Diocesana de Liturgia ampliando a representatividade das paróquias.
4. Favorecer o acesso à Informação pelos meios digitais.

ÁREA PASTORAL 6
SERVIÇO DA CARIDADE, DA JUSTIÇA E DA PAZ

O SONHO DE UMA DIOCESE DA CARIDADE EM FAVOR DA JUSTIÇA E DA PAZ

A área pastoral 6 é muito numerosa, com 13 pastorais, comissões e organismos, e trata de muitas frentes, sempre relacionadas ao que se chamou por muito tempo de área social, ajudando as comunidades a relacionar-se com as misérias mais terríveis da vida humana, em especial o combate aos efeitos da pobreza, das doenças e da injustiça, que se refletem nos bairros do Grande ABC em violência e exclusão particularmente.

Neste grupo aplica-se uma idéia interessante da formação das pastorais, que em sua maioria, se não totalidade, surgem por carências da dignidade humana para buscar condições que atendam as necessidades sentidas à luz da fé.

As situações das realidades sociais que as pastorais enfrentam em alguns casos melhoraram, em outros pioraram. Algo a pensar é se as necessidades são as mesmas de quando as pastorais surgiram, e, óbvio, como se portar diante delas como Igreja, não uma Igreja isolada ("nós resolvemos o problema") ou como imposição ("todas as paróquias têm que ter a minha situação como prioridade"), e sim como o evangelho nos indica, sendo fermento na massa, assim se faz a pastoral de conjunto.

Os seguintes grupos compõem a área: Campanha da Fraternidade, Pastoral do Migrante, Pastoral da Criança, Pastoral da Sobriedade, Pastoral da Pessoa Idosa, Pastoral da Saúde, Pastoral Afro-brasileira, Pastoral Operária, Pastoral Carcerária, Cáritas Diocesana, Pastoral do Menor, Pastoral das Pessoas com Deficiência (subdividida em Pastoral dos Deficientes Visuais e Pastoral do Surdo) e também a Comissão Diocesana da Pastoral do Dízimo.

Objetivos

Os objetivos da área pastoral 6 podem ser resumidos nas seguintes idéias: evangelização, inclusão, dignidade e saúde.

Todas as iniciativas visam evangelizar, a maioria com um público alvo específico. O que a área 6 tem de próprio é o jeito, que, por atender a públicos, no bom sentido "seletos", que foram apontados pela socie-

dade como "não cidadãos" ou "quase cidadãos", em afirmação profética do Papa Francisco, necessitam de métodos e agentes especiais, para atender, por exemplo:migrantes, doentes, negros, presos... Dentro das possibilidades as pastorais têm buscado isso.

A área pastoral 6 dialoga com outras áreas, em especial a área 3, da ação missionária e cooperação inter-eclesial (Comunidades Eclesiais de Base - CEBs, Conselho Missionário Diocesano - COMIDI, Projeto "Paróquias e comunidades irmãs") buscando a inclusão de pessoas marginalizadas.

O centro da área 6 é a questão da inclusãodaqueles que estão nas periferias existenciais. Até por isso, seja tão difícil atrair novos agentes. O público-alvo geralmente tem de ser tirado da condição sub-humana na qual foi inserido. Esta condiçãoé criada pela falta de solidariedade humana e alimentada pela ganância econômica e descaso do poder público, configurando-se como um grave pecado social, cometido também por nossas omissões como Igreja.

A quem eles buscam resgatar: migrantes, gestantes, crianças, dependentes e adictos (pessoas em recuperação dos vícios, em especial álcool e drogas), bem como suas famílias, idosos, a cultura negra, trabalhadores, presos, crianças e adolescentes em situação de risco, moradores em situação de rua, bem como todos os excluídos.

Assim percebe-se que muitos desses públicos surgem por não ter duas condições básicas para a vida: dignidade e saúde.

No tocante à dignidade, os grupos refletem nas comunidades (prevenindo e tratando), motivam a luta por políticas públicas inclusivase com ações de resgate direto às pessoas (por exemplo, dando acompanhamento às famílias).

Local e visibilidade das ações

Os grupos aqui mencionados trabalham nas seguintes realidades: paróquias, presídios, Fundação Casa, hospitais e demais unidades de saúde, Centros de Apoio, instituições assistenciais, locais de trabalho, centros de recuperação de dependentes químicos e casas das famílias. E, muitas vezes, até transcendem os limites da Diocese, sendo parceiros com instituições de outros lugares.

Alguns grupos da área 6 conseguem realizar suas ações, ainda assim não se atendem todas dificuldades relativas à dignidade humana na diocese. Numericamente a realidade é bem diversificada, com grupos que tem mais de mil colaboradores como a Pastoral da Criança e gru-

pos com apenas sete membros como a Pastoral do Menor (ainda que este não seja o menor dos grupos elencados no sínodo).

Ainda assim, diante da realidade, todas as pastorais necessitam de mais agentes. O grande número de missionários de algumas pastorais não deve ser encarado como suficiente. No caso da Pastoral da Criança, por exemplo, esta multidão atende apenas 8,5% das gestantes e crianças necessitadas.

Problemas que não amedrontam, mas estimulam a caminhar em unidade

Uma grande alegria é perceber a maturidade dos membros em dizer que o mundo e a Igreja mudaram, e que, consequentemente, as pastorais devem mudar para atender a pessoas concretas e com problemas reais.

O passado é olhado com orgulho. A impressão é que ele já virou um quadro bonito e bem iluminado na entrada da casa, para que ninguém se esqueça dele. O desafio agora é reunir-se à mesa, noutro cômodo da casa, para olhar a realidade, e eis o que ela nos oferece, o que sonhamos:

O sonho é o bem comum, com dignidade e atenção aos fragilizados da sociedade, a fim de que tenham, por si próprios ou com a ajuda da comunidade, condições dignas de vida, tal como Deus quis quando criou o mundo com amor.

Surge, contudo, uma ambiguidade, natural num grupo tão grande e que abrange tantas pastorais: o primeiro discurso diz que é importante atender a necessidade, que até seria bom que não houvesse a pastoral (pois não existiria o problema), já o segundo discurso exige a estruturação sólida da própria pastoral.

O complicado não é dizer que uma pastoral precise se estruturar, isso é, sim, de fato e comprovadamente, necessário. A dificuldade é que em alguns casos, as ações apontadas como desejadas não focam o problema como prioridade, mas sim a pastoral.

A pergunta é: nosso grupo ou nossa pastoral está agindo para dentro ou para fora? Ou age para dentro pensando em sair? (Ideia da Igreja em saída).

As pastorais sociais de hoje são, em sua maioria, herança dos antigos grupos de assistência pré-conciliares, que à luz da abertura do Concílio Vaticano II (em especial pela Gaudium et Spes) resolveram

inserir-se na realidade, com os leigos assumindo seu protagonismo na dimensão social.

Essas mesmas instituições foram definidas no documento de Aparecida como grandes forças para ajudar a Igreja a fazer-se presente e atuante na realidade sofrida da América Latina, na esteira de todo o pensamento teológico aqui desenvolvido.

Por fim, o Papa Francisco, nos seus mais diversos escritos e nas falas, algumas até espontâneas, ressalta a dimensão da igreja misericordiosa, samaritana, que deve se enlamear nas necessidades do mundo. Isso tudo é contemplado pelo protagonismo dos leigos da área 6. Que este grande grupo seja, verdadeiramente, fermento na massa, que não teme em perder-se nela, para fazê-la crescer.

Perspectivas concretas de ações:

1. Fórum das Pastorais Sociais
Reuniões periódicas;
Formação permanente;
Ações conjuntas.

2. Criar um Centro de Referência na Diocese por cidade, para ter um atendimento social à comunidade
Utilização de espaços que possam já existir na diocese;
Ações de motivação para que as pessoas saiam da exclusão;
Elaboração de projetos para sustentação financeira do referido Centro de Referência.

3. Maior acolhimento e envolvimento dos Padres na Ação Social, dando suporte às necessidades da missão

ÁREA PASTORAL 7
CULTURA, EDUCAÇÃO, DIÁLOGO E COMUNICAÇÃO

JUNTOS POR UMA IGREJA EM SAÍDA

Sabendo que o Reino de Deus é como uma semente de mostarda que, não obstante ser a menor do gênero, possui uma prodigiosa força de alcance (Mt 13,31), da mesma forma os grupos abrangidos pela Área 7 – Pastoral Universitária, Pastoral da Educação e do Ensino Religioso, Pastoral da Comunicação (PASCOM) e Comissão do Ecumenismo e Diálogo inter-religioso – embora constem de poucos agentes – por volta de 100, 40 dos quais em nível diocesano – se comparados aos de outras Áreas, atingem no labor discreto e operativo uma parcela considerável de pessoas, calculada em aproximadamente 22 mil pessoas (Número estimado pela soma de seguidores da fanpage da Diocese com a interação de milhares de pessoas nas páginas dos grupos relacionados às Pastorais Universitária, da Educação e do Ensino Religioso) através das redes sociais, sem contar a abordagem pessoal e diária com alunos, professores, gestores da educação, fiéis diocesanos e membros da sociedade civil em geral, sem restringir-se ao âmbito meramente intra-eclesial.

Sua importância é primordial para uma Igreja em atitude de saída (EG 24), como o requerem os tempos atuais, uma vez que "a santa Mãe Igreja, para realizar o mandato recebido do seu fundador, de anunciar o mistério da salvação a todos os homens e de tudo restaurar em Cristo, deve cuidar de toda a vida do homem, mesmo da terrena enquanto está relacionada com a vocação celeste, tem a sua parte no progresso e ampliação da educação." (Gravissimum Educationis, proêmio). Sendo assim, é preciso uma aproximação das paróquias com as escolas públicas presentes em sua área.

Diferente de outras Áreas Pastorais, que de forma geral concentram suas atividades em torno da comunidade paroquial, a maior parte dos grupos da Área 7 desenvolve seu apostolado junto às estruturas acadêmicas, buscando ser sinal de Cristo, o pedagogo do Pai (Mc 1,21-22; Mt 13,34; Jo 14,6) e testemunhando a proximidade da Igreja com o âmbito da educação e do diálogo ecumênico e inter-religioso. Como exceção, configura-se a PASCOM, que tem uma boa inserção nas paróquias e fomenta sua ligação com a Diocese.

As atividades dos grupos componentes da Área 7 constam basica-

mente de formações, reuniões da coordenação, momentos de celebração e espiritualidade e cursos acadêmicos a fim de se fortalecerem e organizarem para "transmitir a mística de viver juntos, misturar-nos, encontrar-nos, dar o braço, apoiar-nos, participar nesta maré um pouco caótica que pode transformar-se numa verdadeira experiência de fraternidade, numa caravana solidária, numa peregrinação sagrada." (EG 87)

Como facilidades para desempenhar sua missão apostólica, contam com os meios de comunicação social e a rápida adesão das pessoas à tecnologia, sobretudo entre os jovens. Como dificuldades, elencam principalmente a falta de agentes disponíveis para o trabalho, a falta de apoio de por parte do clero e melhor articulação com as Instituições Educacionais.

À luz das reflexões sinodais, o sonho missionário (EG, 31) dos grupos da referida Área, que deseja entrar em diálogo com a sociedade do século XXI, é encontrar novos meios para inserir-se no mundo, através de seu carisma próprio – a educação, a comunicação e o diálogo – a fim de permitir "que o anúncio de Cristo chegue às pessoas, modele as comunidades e incida profundamente na sociedade e na cultura mediante o testemunho dos valores evangélicos." (DAp, 371)

Pistas de ações

- Fazer um levantamento dos professores presentes em nossas paróquias e por meio deles ir criando espaços de presença nas escolas públicas;
- Fortalecer as estruturas de articulação e participação dos colégios católicos nos organismos diocesanos da Pastoral da Educação e Ensino Religioso;
- Criar diretrizes diocesanas para os colégios católicos, por exemplo, no que diz respeito à contratação dos educadores, especialmente para evitar contradições entre os ensinamentos, doutrinas católicas e o que se ensina na sala de aula;
- Assessorar os colégios católicos que sentirem necessidade no que diz respeito aos objetivos da educação em ambientes católicos;
- Apresentar os objetivos da Pastoral Universitária ao clero com vistas na implementação da Pastoral nas paróquias em regiões com instituições Universitárias, ou que tenham agentes de pastoral ligados à Universidade.
- Continuar na busca do diálogo ecumênico e inter-religioso;

- Difundir o Diretório Ecumênico da CNBB;
- Continuar no esforço de articulação, formação e implantação da PASCOM nas paróquias;
- Organizar formações específicas sobre a forma de utilização dos modernos meios de comunicação social como ferramenta útil na evangelização.

6. TEXTOS E ANÁLISES

ANÁLISE SÓCIO-ECLESIOLÓGICA[1]
Pe. José Oscar Beozzo

Introdução

Sinto-me muito feliz em estar aqui com vocês com uma iniciativa tão significativa que é convocar um Sínodo. João XXIII, quando foi nomeado – ele era núncio Paris – e foi nomeado para Veneza, para o Patriarcado de Veneza, chegou à Diocese e sua primeira medida foi convocar um Sínodo. Era uma coisa meio fora do esquadro – se pudéssemos dizer assim – porque se havia perdido essa tradição sinodal. Ele disse: "eu não vou começar o meu pastoreio sem ouvir o povo." E quando ele foi escolhido para Papa, tomou posse em 4 de novembro e, dois meses depois, na festa da Conversão de São Paulo, no fim da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos, surpreendeu todo mundo – pensamos apenas que ele anunciou o Concílio Vaticano II – ele diz: "eu estou convocando um Sínodo para a Igreja de Roma e um Concílio para a Igreja Universal".

Duas medidas sinodais de reconhecer que a Igreja extrapola a conversa só entre o bispo, o padre, o papa e a Cúria Romana, e ele fez algo inédito, que é muito importante: na preparação do Vaticano I, havia um grupo de 28 pessoas preparando o Concílio; depois acharam que era pouco, estenderam para 60 – no maior segredo – e João XXIII mandou consultar todo mundo na Igreja: bispos, prelados – depois ele achou que era pouco – mandou consulta também a todos os religiosos – achou que era pouco: "consulte as faculdades de teologia e as universidades católicas." Então, a consulta dá uma biblioteca de 11 grandes volumes, grandões e gordos cada um: a Igreja inteirinha pôde opinar – claro que houve gente que dizia: "Ah, eu não sei muito bem! Vocês em Roma sabem melhor do que eu". E outros que fizeram o "dever de casa", que disseram o que esperamos. E eu acho que vocês também estão fazendo o "dever de casa" em cada paróquia, de dizer: "o que é que nós esperamos do Sínodo? Com que Igreja estamos

1 O conteúdo do referido texto foi a princípio transcrito de forma literal. Devido às predominantes marcas de oralidade – conforme o uso da norma coloquial da língua portuguesa – posteriormente e sem prejuízo de seu núcleo comunicativo, o discurso foi adequado segundo as normas gramaticais da língua portuguesa e interpolações entre colchetes foram acrescentadas, bem como foram criados subtítulos, em vista de mais fluidez na leitura e de melhor compreensão por parte dos leitores privados de acesso a fatos visuais ocorridos no local (Nota dos transcritores).

sonhando? O que é que vai bem na nossa Igreja e tem que ir para a frente, e o que é que não anda muito bem?"

Tradição Sinodal

Então, o que me pediram foi que eu repassasse a longa pesquisa, muito complexa, e pudesse conversar um pouco com vocês. Eu queria preceder a pesquisa com dois pontozinhos que eu queria tratar: fazer um Sínodo significa uma consciência diferente de Igreja. E que ela só pode amadurecer na caminhada; eu volto a dar o exemplo do Concílio: quando se convocou o Concílio, a consulta foi ampla – como eu disse – e também as comissões preparatórias tinham mais de 863 pessoas envolvidas – mas não tinham nenhuma mulher e nenhum leigo – como podemos pensar Igreja de maneira tão estreita, só entre religiosos, padres e bispos? E começou o Concílio assim.

Na hora de discutir o que era Igreja, e apareceu a questão do Povo de Deus, houve bispo que disse: "mas onde está o Povo de Deus aqui?"; e também uma coisa inédita nos tempos modernos foi que, para a segunda sessão do Concílio, convocaram-se leigos – mas só homens – e aí o Cardeal na Bélgica falou: "mas mais da metade da Igreja são mulheres. E as mulheres?". Então houve muito risinho amarelo na assembleia: "como é que se vai pôr mulher aqui no Concílio?" Foi quando com Paulo VI, na terceira sessão do Concílio, as mulheres – leigas e religiosas – entraram no Concílio.

E depois também convocaram os padres, porque estavam discutindo a questão dos presbíteros – havia uns 50 padres no Concílio – então, o que eu quero dizer: quando definimos a Igreja como Povo de Deus, o sacramento estruturante da Igreja é o batismo. Se eu penso Igreja como hierarquia, eu penso Igreja a partir do sacramento da Ordem. E o Concílio fez questão de trazer em primeiro lugar – é o Capítulo II – o Povo de Deus: a partir do batismo, com seu sacerdócio, com sua missão própria – Espírito Santo que recebemos no batismo. E claro, depois há um Corpo – é a Igreja – ela tem também serviços, estruturas, mas isso é o terceiro capítulo.

Por isso, o Sínodo é recuperarmos, na prática da Igreja, a corresponsabilidade de todos os batizados na sua condução. Eu celebro com vocês essa iniciativa do Sínodo como uma fidelidade profunda àquilo que a Igreja é: que todos nós somos corresponsáveis e temos que dar nossa contribuição sem a qual a Igreja fica manquitola. Ela não pode só ser pensada a partir do bispo, dos padres, dos diáconos. Funda-

mentalmente ela deve inverter, para se pensar a partir de todos os batizados e batizadas com a sua contribuição. Então que vocês façam do Sínodo, da caminhada do Sínodo, uma recuperação forte do rosto da Igreja a partir dos leigos.

A importância do Grande ABC

A segunda chamada que eu queria fazer é que essa região de vocês sempre foi um pouco especial. Eu digo assim: é especial porque foi o primeiro ponto de assentamento – é difícil de se qualificar – de portugueses que subiram a serra. Era a Borda do Campo, era aqui que começava. E durante quase 300 anos aqui só foi um ponto de passagem a pé, porque a Serra do Mar não era possível subir nem de mula, nem de nada. A Calçada de Lorena é de 1793 e aqui se abriu um caminho para mulas, mas antes era o caminho dos tupiniquins e o caminho do Padre Anchieta, que subiu a serra e tinha que passar por aqui. Mas aqui era um ponto de assentamento, primeiro; depois, vocês se transformaram com a estrada de ferro – isso é fundamental – então, uma parte da diocese de vocês, e aí as estações da estrada de ferro, lá começando por Paranapiacaba, terminando em Utinga [sic].[2] Esse caminho aqui foi um caminho onde também se esparramou a indústria do fim do séc. XIX e começo do séc. XX. Mas o boom de vocês foi a via Anchieta, do outro lado. Então, São Bernardo na década de sessenta tinha 80 mil habitantes.

Mas com as indústrias que vieram ao longo da Anchieta, essa se tornou a maior concentração industrial e operária do país. Então aqui nasce uma consciência nova, a partir do trabalho. E é muito difícil em outros lugares, porque é uma proporção pequena. Ainda em 80, aqui essa região toda, quase 70% dos postos de trabalho eram na indústria; isso não acontece em todos os lugares. Então aqui foi a maior concentração operária; não é por nada que o abalo da ditadura, a primeira grande greve operária depois do AL 05, de 78-79-80 foram aqui no ABC. Quer dizer: "nós não aceitamos uma sociedade estruturada de cima pra baixo, sem a voz, sem a participação das pessoas".

Então, importa não perder – claro hoje, o emprego industrial representa em torno de 30% e os serviços é que se tornaram uma grande fonte de emprego aqui na região – mas não perder essa memória da contribuição que essa região deu para a consciência do país, no campo social, no campo político. Mas também no campo religioso.

2 A linha férrea corta a região do ABC até o município de São Caetano do Sul. (Nota dos transcritores).

Eu, quando vim estudar em São Paulo – bastante tempo – em 58 cheguei a São Paulo. E logo depois houve a greve em Perus, e o cardeal de São Paulo apoiou os operários que ficaram mais de um ano em greve, com coleta nas paróquias e tudo. E quem dava o grande apoio era o bispo daqui, também, o Dom Jorge, que era chamado bispo comunista, mas porque era o bispo que tinha um rebanho de trabalhadores, de operários, que ouvia, que ficava do lado desses operários. Então torna-se a grande figura, eu diria, aqui no nosso país, de um bispo, de uma diocese que se identificou com os problemas da classe operária. E claro, depois com Dom Cláudio, nessa igreja aqui, com os padres que abriram as portas da matriz na greve, quando se fecharam os sindicatos, fechou o estádio da Vila Euclides, a Igreja acolheu o seu povo aqui dentro do templo.

Não vamos perder essa memória, que esse é um ponto de entrada para o estado de São Paulo, esse aqui foi um ponto de passagem da estrada de ferro, da primeira rodovia moderna do país que foi a Anchieta e que atraiu a indústria na década de 50, 60, com uma mudança radical que vamos sentir ao longo de toda essa pesquisa. Trata-se do seguinte: esses municípios aqui – tirando os dois lá da beira das águas e da serra – os outros cinco: Mauá, Diadema, São Caetano, Santo André, São Bernardo, são municípios onde a população, num curto espaço de tempo, dobrou, triplicou. Quando pensamos São Bernardo com 80 mil e hoje com 800 mil – dez vezes mais – significa que a população é uma população de migrantes que chegaram aqui.

Uma região de profundas mudanças

E quando se tem uma população de migrantes, muda-se de casa, de emprego, de cultura, e é muito provável que se mude – deixe-me por entre aspas – de religião. Porque mudaram todas as condições. Então, essas áreas de migração são as áreas onde as pessoas mudam de religião; pode mudar dentro da própria religião: vem lá de uma zona rural, de Minas Gerais, com um catolicismo das festas, do bairro; de repente, entra numa Comunidade Eclesial de Base – algo completamente diferente. Ela mudou dentro da Igreja Católica, mas ela mudou de religião; não dá para ficar com a mesma religião. Porque todo o restante do contexto cultural, social político, de família – às vezes troca de família também: migra, largou a família no Nordeste, depois ah! Chega aqui, forma outra família; depois faz aquele "angu-de-caroço", porque tem uma lá, outra cá – mas é um pouco a realidade.

Então vocês são uma área de mudança muito forte de religião, seja dentro da mesma Igreja, seja para outra Igreja, seja para religião nenhuma: as taxas aqui em alguns dos municípios das pessoas que no último censo se declararam sem religião são mais que o dobro da média nacional. E isso também com muita velocidade: nós tomamos o censo de 1970, no qual 0,7% da população brasileira se declarava sem religião; em 70 ainda praticamente 90% das pessoas se declaravam católicas – não vou entrar no mérito do que significa um coisa ou outra – mas no censo de 2010, aqueles 0,7% se transformou em 7% - dez vezes mais.

Fica-se assustado, dizendo assim: "ah, os pentecostais cresceram". Não, quem cresceu de verdade, numa taxa exponencial são as pessoas que se declaram sem religião. Então, 7% no Brasil, mas em Santo André, 15% - o dobro da taxa do país, o que é desigual. No Piauí é 8%, mas aqui é 15%, quinze vezes mais.

Então, quando se diz: "o sonho de chegar a todos e a todas". Hoje, o desafio é o de falar para todos aqueles que deixaram de ter religião ou se afastaram da prática religiosa – quando eu digo: "as pessoas se declaram sem religião", isso pode significar: "eu creio em Deus, mas não vou mais a nenhuma religião, não a pratico." Pode significar muita coisa.

Mas esse é um desafio. Então, o primeiro ponto do trabalho sinodal e o sonho de falar para todos, anunciar o Evangelho, o primeiro desafio é que aqui há uma sociedade extremamente complexa, diversificada, sob todos os pontos de vista: do trabalho, das classes sociais, mas também do ponto de vista religioso.

E isso vai continuar nessa direção. Então, o que significa para nós católicos? Queremos passar de uma situação – quando eu nasci, em 1941, praticamente 98% da população se declarava católica – de hegemonia religiosa, ainda que muitos não praticassem, ou de uma frase, como dizia o Cardeal Leme, na célebre pastoral que ele escreveu em 1915, que depois repetiu várias vezes na sua vida, dizendo assim: "quem não é católico, bom brasileiro não é". Isso não existe mais. Diremos: "bom brasileiro não acredita... não pode ser bom brasileiro. Não acreditando, sendo budista, sendo da umbanda." Ou seja, é uma frase impensável, hoje ninguém diria uma coisa dessas.

Então, nós vamos passar de hegemonia, de quase monopólio religioso, para uma situação de extrema diversidade e de concorrência religiosa; não é que se conviva pacificamente. Hoje há um espaço de

disputa religiosa – alguns lugares surge briga – mas pelo menos de dizer que nós estamos em espaço de disputa religiosa de propostas e com uma novidade muito boa: numa das falas das pessoas, dos grupos que se reuniram, uma pessoa dizia assim: "olha, lá na minha casa todo mundo era católico, vinha aqui na igreja; minha bisavó trazia todo mundo na rédea. Minha bisavó morreu, cada um foi para uma igreja." Desmanchou. Então, o que há de interessante nisso, que vamos ter de lidar na pastoral? Esse é um ponto importante, é que ao vir para a cidade, para uma área complexa como esta, nós não temos pressão social para seguir esse ou aquele caminho. As pessoas estão livres para escolher. Para escolher para ser um católico mais comprometido ou escolher ir para outra religião ou escolher de não ter religião nenhuma.

Novas formas de presença da Igreja

O princípio da liberdade aflora com muita força, e nós vamos ter isso aqui sempre: "não, mas tua mãe ensinou, tua avó ensinou". É verdade, mas se pergunta no momento do batismo: "você quer seguir a fé que você recebeu?" Isso é uma dimensão, mas a dimensão mais importante agora é outra: eu tenho que decidir o caminho que eu vou tomar, e nós vamos ter que nos dirigir à liberdade das pessoas. E para dirigir-se à liberdade nós vamos ter que encantar as pessoas com a comunidade, encantar com a celebração, encantar pelo compromisso.

Então, o desafio agora da missão é como falar à liberdade das pessoas que não estão obrigadas a seguir esse ou aquele caminho, e vão escolher um caminho, como Jesus que passava pelas vilas, praças; alguns seguiam, outros não seguiam; uns andaram um tempo, depois abandonaram... Nós estamos nessa situação de reinventar a missão.

Então, o que acontece? Nós estamos acostumados a ter uma Igreja de manutenção – vamos cuidando e o povo vai escapando pela janela, pela porta, pelas vielas. E nós continuamos ali, cuidando – não dá mais. Neste ponto, quando o Papa Francisco fala de uma Igreja em saída, uma Igreja que anuncia, supõe uma forma muito diferente na formação, na organização dos grupos, e que nós vemos nessa hemorragia da Igreja, fechamo-nos no casulo: cuida bem, fazemos uma celebração bem bonita, estamos contentes com os ministros, ministras, com aquele grupinho que ainda faz catequese, mas não temos nenhum olhar para fora.

Então, eu diria assim: missão é estar fora da nossa casa, fora da zona de conforto. No caso do Grande ABC, já há municípios aqui onde o nú-

mero de pessoas católicas é minoritário 40%, 38% – e se você vai aos bairros, você tropeça numa porção de igrejas; às vezes num quarteirão há duas, no outro quarteirão há três, e você não acha capela ou igreja católica.

É uma situação nova, que coloca também a questão: "como vamos cooperar com as outras comunidades cristãs?". Com as pessoas que estão em outra religião, mas que estão na luta comum, pelas questões ambientais, pelas questões dos direitos humanos, dos direitos trabalhistas, democracia... Então tem-se um campo importante de cooperação.

Quando se decidiu que no Concílio haveria leigos, aqui no Brasil foi um leigo, daqui da Mooca, operário, que só tinha feito até o quarto ano do primário, que se tornou gente ativa pelo trabalho da JOC: foi presidente da JOC brasileira, presidente da JOC internacional e foi um dos leigos que foi para o Concílio como auditor. [referindo-se a imagens projetadas para o público] Aqui está o Bartolo Perez; Josef-León Cardijn do lado esquerdo – depois virou cardeal – era filho de um mineiro que trabalhava em mina de carvão. Quando falou que queria ser padre, seu o pai disse: "só se for para você cuidar dos operários e não mudar de classe". Ele fez isso a vida inteira.

[ainda referindo-se a imagens projetadas] Aí, as mulheres, leigas: a Marie-Louise, a outra mulher, então, pra dizer da importância que a Igreja alargue as portas e, todo mundo dentro, seja Igreja de verdade.

Eu queria falar um pouco do horizonte da Gaudium et Spes porque o horizonte aqui do Sínodo e da Gaudium et Spes; quando se diz: "o sonho de chegar a todos e todas", subjaz aí a proposta desse grande documento do Concílio: a Igreja no mundo de hoje – que não estava previsto no começo do Concílio – mas depois diz assim: "mas espera aí, fazemos as coisas na Igreja para nós mesmos dentro da Igreja" ou o lugar da Igreja é no mundo, não fechado em nós mesmos?

Então lá no começo da Gaudium et Spes acho que pode estar a inspiração para o nosso Sínodo: "as alegrias, esperanças, tristezas, angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres" – na oração aqui do Sínodo, vocês dizem lá no finzinho: "planejando a pastoral com os pobres e sofredores", isso tem que ser um pouco de âncora, porque quando nós chegamos aos pobres, chegamos aos últimos; então se pode dizer que estamos pensando em todos; mas se saltamos os pobres, nunca nós vamos chegar a todos. E se nós não começamos por eles, pelos seus problemas e angústias, a nossa janela é muito estreita.

É desumano porque não vai aos últimos – Jesus chegou à sinagoga de Nazaré e disse: "eu vim anunciar a Boa Notícia aos pobres". Então lá diz: para todo o mundo, Igreja é para todos, mas sobretudo os pobres e os que sofrem. É o que vocês puseram aqui: "com os pobres e sofredores" – [prosseguindo a leitura de Gaudium et Spes] "também alegrias, esperança, tristezas, angústias dos discípulos de Cristo, e nada que é verdadeiramente humano pode deixar de ressoar no nosso coração."

Então acho que o sonho do Sínodo é não deixar passar nada dessas questões. "Portanto a comunidade cristã se sente verdadeiramente solidária com o gênero humano, e com a sua história. O Vaticano II não mais hesita em dirigir a palavra somente aos filhos da Igreja e a todos os que invocam o nome de Cristo, mas a todos os homens. O mundo portanto que tem diante dos olhos é o de todos os homens, e toda a família humana, com a totalidade das coisas entre as quais vive."

Pesquisa sobre a realidade do ABC

Será preciso pensar, aqui no Sínodo, o que nós vamos fazer pelos que não estão na Igreja, que estão em outras Igrejas, pelos que não creem... Isso tem que ser uma pauta fundamental. Porque se não, nós vamos falar para uma minoria: 39% se declara católico, mas desse percentual, em torno de 3, 4% vem à missa. Então nós falaremos para quem? Se realmente saímos das nossas casas e vai morar em tenda, vai ser peregrino, como diz aqui também, vocês: "somos povo peregrino". Então, o peregrino tem que ser de verdade, não é o peregrino da casa para a igreja e da igreja para casa. E fugimos do morador de rua, das áreas de conflito, das manifestações. Aí não dá.

Acerca desse horizonte – o método – foi muito bom que vocês tivessem começado pela pesquisa, perguntando quais são os sinais dos tempos. Então temos o dever em todo o momento de se perguntar: "Por que é que a Dona Maria deixou a Igreja?" E a Dona Maria vai dizer: "ah, o meu irmão morreu, eu fui procurar o padre, não achei ninguém da comunidade". Eu estava no hospital, outro dia conversando com um padre que é muito conhecido no Brasil todo. Ele tinha um irmão que era coordenador da Catequese na paróquia, estava sempre na frente de tudo, foi presidente do Conselho Paroquial, do Conselho Diocesano, e teve uma doença grave. E ficou muitas semanas no hospital. O pároco dele não foi visitar; outros catequistas não foram; ele saiu do hospital para uma Igreja protestante onde todo dia um pastor passava para saber como ele estava e rezava com ele. Quer dizer: irmão de um padre, coordenador na

comunidade, foi para o hospital, ninguém lembrou de ir lá.

Então, temos que escutar essas coisas que estão lá na pesquisa, que as mulheres falaram, homens... Quer dizer, a maior causa de eu passar para outra Igreja são praticamente duas: tudo bem na Igreja, mas não me falavam muito de Jesus, eu não conhecia a Bíblia direito; acho que isso é uma reclamação. Mas a outra principal é de dizer: faltou acolhida ou eu fui abandonado num momento de dor – família que se desfez, marido que traiu a mulher – há uma história lá dolorida, com o padre, e está lá registrada na pesquisa, que era uma pessoa muito de Igreja, o marido traiu, ela ficou muito desesperada, e o padre ia sempre lá comer na casa; depois que o marido foi embora – não sei se eles faziam pescaria juntos – ele não foi mais; ela se suicidou.

Temos que pensar bem sobre como vamos olhar os sinais dos tempos, de uma Igreja que é acolhedora, solidária, atenta aos pobres, ao sofrimento, de acompanhar na hora da dor – essa é uma questão que apareceu, assim, ao longo dos grupos de discussão.

Entender o mundo no qual vivemos: um mundo com as pernas para o ar. Quem daqui tem celular? Levanta a mão [parte majoritária dos expectadores responde afirmativamente]. Quem é que tira celular trinta anos atrás? [parte majoritária responde negativamente] E hoje, o que se faz que não seja digital? No banco, na loja, tudo.. Então, o mundo mudou, é preciso entender o mundo, e para entender, é preciso estudar.

Eu vi pela pesquisa que se comparamos Igrejas Evangélicas e Igreja Católica, nesta as pessoas dedicam menos tempo ao estudo da religião e ao estudo de outras coisas. Então vai ter que haver uma revolução, se quisermos levar o Sínodo para a frente, vamos ver o que nós precisamos como formação séria; hoje vai ser lançado um diretório – deve-se aplaudir, um diretório de formação para os padres, para os diáconos – mas eu digo: mais importante de todos é o diretório de formação de todos os leigos, catequistas, jovens, as pessoas que estão nas pastorais mais difíceis; nós não somos capazes de entender o mundo com as suas esperanças, angústias, a sua índole frequentemente dramática, se não fizermos um esforço muito sério de formação. Não dá para ir levando, assim, no mais ou menos. Não dá mais.

E aquilo que diz a Carta de São Pedro: temos que ser capazes de dar as "razões da nossa esperança". Na pesquisa também aparecem, do lado católico, as coisas em que ele acredita: 40% crê na reencarnação. E ressurreição, você acredita? Acredita no santo, mas na ressurreição só 60%. Esse é o pilar da nossa fé! E aí como é que eu sou um católico e acredito

na reencarnação, não acredito na ressurreição... Também não vou à missa; faz muitos anos que eu não abro a Bíblia, não aprofundo... Então esse sonho de chegar a todos, tem que chegar a todos dentro de casa, num grande esforço de formação.

Aplausos que a diocese já preparou um diretório para a formação dos presbíteros, um para os diáconos, é urgente ter um diretório para a formação dos leigos e das leigas da Diocese. Esse é um grande investimento, se quisermos ser capazes de entender o jeito, a índole que diz que é frequentemente dramática. Mas o Concílio falou isso há cinquenta e dois anos atrás. Esse "dramático" já pode multiplicar por dez: quase todos os pais e mães que eu encontro falam assim: "eu não consigo entender meus filhos"; ou quando há um programa na televisão é um neto que vem sintonizar para a vó, ou pôr um DVD, porque a criançada sabe, nós não.

Então, eu digo: nas questões hoje de fé, de apostolado, deveremos envidar um esforço muito grande de compreender o mundo e de se formar, se não, não dá. Não basta fazer – até para fazer unha existe curso, para fazer cabelo... para tudo agora há curso; para ser cristão... Diz que a primeira comunidade era perseverante na doutrina dos apóstolos, no aprofundamento da compreensão da própria fé.

Conversão pastoral-missionária

Eu só queria dizer que, na América Latina, se pensamos assim: "a Igreja tem que estar no mundo", tivemos questões diferentes; a pergunta é: que mundo? Não é num mundo qualquer, num mundo que está dividido: você tem uma massa de pobres, de gente com fome; e há outros pedindo para ficarmos no mundo, no bem-bom com os ricos: não é nada disso. Então é preciso perguntar: "em que lugar do mundo e quem pode fazer a transformação?". Não basta refletir, ter maior clareza, falar – insistir que precisamos refletir, mas precisa agir; agora é uma hora da ação.

E o Concílio inverteu: aquilo que nele era a última coisa, a Conferência de Medellín pôs em primeiro lugar: a questão da promoção humana, dos pobres, do compromisso da Igreja no mundo. Perdemos muito nisso. Não estou falando só aqui de Santo André, não; crescemos no número de ministros e ministras da Eucaristia, coroinhas, na Liturgia, e não temos mais as pessoas na linha de frente das lutas no mundo, da justiça. Então temos que reverter isso.

Esse foi o caminho da América Latina, e também tem sido o do Papa

Francisco, de dizer: em primeiro lugar os pobres, a justiça. Quando ele se reuniu com os movimentos populares, ele não se reuniu com os ministros da Eucaristia, ele se reuniu com os movimentos populares, para dizer: devemos estar perto do mundo do trabalho. Agora que estão assaltando o nosso trabalho, estão assaltando a Previdência, é a hora de não nos calarmos – eu até trouxe um caderninho com os pronunciamentos das Igrejas, não só a Católica, e está lá no fundo [do auditório], vocês podem procurar o caderninho, tem uns quinze depoimentos; depois, quem deixar o e-mail, eu completei agora essa semana com 28 pronunciamentos de Igrejas, e as mulheres começaram a puxar a fila: as mulheres luteranas, a presidente da CRB[3], a Irmã Inês, a Marilza Schuina, presidente do Conselho Nacional de Leigos... E dizer que está na hora do Conselho de Leigos de Santo André – que sempre deu contribuição grande, forte – retomar com coragem essa caminhada. Porque aqui tem o Conselho, mas parece que ele está meio devagar. Então eu diria: está na hora de puxarmos as coisas de novo, e não dormir no ponto.

O Papa Francisco, quando falou para os religiosos e religiosas naquele documento e convocou o Ano da Vida Religiosa, tem um trechinho que eu separei, em que diz: "saí para as periferias existenciais. Peço a todos os membros da Igreja: saírem de si mesmo e irem às periferias existenciais." Então é um pouquinho isso: não fique fechado entre nós mesmos, asfixiados nas pequenas brigas de casa, prisioneiro dos próprios problemas. É hora de sair.

E que haja gestos concretos. Eu estava falando de uma situação, mas vale para nós: acolher os refugiados – eu diria hoje: os desempregados – os nossos locais, as grandes casas, o salão, pô-los à disposição das coisas necessárias; o povo não tem onde se reunir, não tem onde se organizar. Nas paróquias nós temos espaço, então tem que pô-lo à disposição.

Isso aqui é um trechinho de Dom Helder, que ele falou sobre o Concílio, mas vale para o nosso Sínodo. Ele diz assim, olha: "é importante que o Concílio corresponda aos anseios e à necessidade da Igreja e da humanidade, mas é igualmente importante o pós-Concílio". Quer dizer, quando terminar o Sínodo, nós vamos levar os caderninhos para casa, por na estante, e continuar tudo do mesmo jeito? "Seria triste que o Vaticano II chegasse a Decretos felicíssimos, mas decretos que ficassem no papel, inaplicados. Em breve, estariam cobertos de descrédito e de ridículo."

Então, se formos embora para a casa, empunhando um caderninho bonito das prioridades do Sínodo, se ficar no papel, então será triste,

3 Conferência dos Religiosos do Brasil. (Nota dos transcritores).

porque ninguém consegue fazer um segundo Sínodo, porque fizeram e isso não adianta nada. Então o grande desafio é como chegar a boas conclusões, ou seja, como tomamos a sério o pós-Sínodo.

Dom Helder prossegue: "Não nos iludamos, no entanto: é mais fácil fazer o Concílio (fazer o Sínodo) do que de verdade tentar concretizá-lo." Então, eu digo assim: esse é o maior desafio: fazer todo o trabalho, mas pensando como é, de fato, nós vamos virar uma Igreja em saída, uma Igreja mais missionária, como é de fato que o compromisso que assumimos – formação, ou de presença no mundo – vamos fazer diferente.

Para onde apontam os dados demográficos

Então essa é a situação atual com dados do censo de 2010, da população aqui [exibem-se dados demográficos]: Santo André 712 mil, São Bernardo 822, São Caetano...

Uma coisa é a população dos municípios, o primeiro é São Bernardo, Santo André, o último é Rio Grande da Serra; outra coisa é a densidade populacional: a densidade da região amazônica é de 2 pessoas por km2; aqui você são tudo sardinha em lata, porque a menor densidade passa de mil, que é lá em Ribeirão Pires: 1140 habitantes por km2. Três vezes a densidade da Holanda, que é quatrocentos e pouco; que é um dos países com maior densidade no mundo. Vocês vivem num cantinho onde está tudo em sardinha em lata. E pode chegar, em Diadema, a uma densidade de 12000 por km2. Poucos municípios no país têm essa densidade.

Então, o que significa isso? Significa que se trabalha tropeçando nos outros. E quando se está perto um do outro, sai faísca. Eu, passando hoje aqui, me dei conta, quando vinha chegando e fui até Santo André e São Bernardo, do tanto de prédios que foram feitos aqui. Então estamos nos verticalizando, e o que acontece em um prédio? Quando está todo mundo muito apertado, você nem quer ver a cara do vizinho. No interior o vizinho é a bênção da pessoa, aqui o vizinho é a maldição. O vizinho de cima porque faz barulho, o outro vizinho porque larga algo no corredor, o outro porque tem um cachorro ou um gato, então tudo incomoda. E aí as pessoas mal se cumprimentam, nem querem se conhecer. Se vai fazer amizade e está no décimo andar, pode fazer com uma pessoa do segundo andar, não do nono ou do décimo primeiro, porque aí sai correndo.

Como fazemos para ter o mínimo? É preciso pensar. Como é que nós vamos ter comunidade nesses espaços?

Lá perto de casa, em São Paulo, havia uma grande fábrica; derrubaram tudo e construíram 11 torres, onde moram perto de 6 mil pessoas. De manhã ninguém consegue sair porque a rua é do mesmo tamanho, o motorista está na porta da garagem e o trânsito está andando, as pessoas ficam presas na garagem e não conseguem sair.

Como criar espaços de comunidade cristã? Devemos pensar, inventar uma Pastoral dos Prédios. Conseguimos inventar uma pastoral nas favelas, mas não ainda uma pastoral dos prédios, e as pessoas estão morando nos prédios. Não conseguimos pensar uma pastoral para essa situação de sardinha em lata. Então vocês vão ter que pensar (e o resto do Brasil também) como construímos Igreja onde as pessoas estão querendo se isolar umas das outras, porque já está cansado. Chega em casa e não quer ver mais ninguém, porque já vi no trabalho, já vi na rua, já tropecei, agora eu quero fugir. E quanta gente foge para o litoral, foge para um sítio qualquer, porque não quer ficar no fim de semana, aí também não vai à paróquia.

Há também as qualidades. Acompanhei os anos 90, 2000 e agora, e o índice de desenvolvimento humano (IDH) dessa região cresceu, de maneira sustentável, mas com disparidade. Em São Caetano, que é o maior IDH de todos os municípios do Brasil, ou seja, serviços de Saúde, Educação, abastecimento, coleta de lixo, IPTU, o leque de indicadores que formam o desenvolvimento humano. Mas vocês têm cidades intermediárias: três acima de 8 pontos e quatro abaixo de 8 pontos na escala.

O que tem menor índice é Rio Grande da Serra, então provavelmente é o que tem menos serviço, menos equipamento, menos esgoto. Diz-se que é a região das mais ricas do país, mas continua profundamente desigual. E certamente algumas cidades, como São Caetano, deve ter poucas favelas, poucos bairros menos atendidos, então, mesmo sendo o município com melhor IDH do país, certamente nós vamos descobrir as mazelas, moradores de rua, com quem teremos que trabalhar.

Criação de paróquias e atendimento pastoral

Quando foi criada a Diocese, na década de 50, havia apenas 8 paróquias [sic][4]. A mais antiga, Nossa Senhora da Boa Viagem, em São Bernardo; depois Ribeirão Pires (paróquia São José), depois Santo André; depois São Caetano (1924); Diadema só em 1953 a primeira paróquia, e Mauá em 1954.

Então entre 1940 e 1949 temos 8, das quais 5 foram em Santo André. Uma em São Bernardo, uma em São Caetano, uma em Ribeirão e ne-

4 À época da criação da Diocese de Santo André, havia 17 paróquias. (Nota dos transcritores).

nhuma em Mauá, nenhuma em Diadema, nenhuma em Rio Grande da Serra. Esse é o panorama da Diocese até 1949.

E então o que acontece? Esse é o boom populacional. Vendo o IDH de cada município, quase todos os municípios mais que dobraram a população em 10 anos, de 100 mil para 200 mil, de 120 para 250. E foi assim uma avalanche de gente, ainda no período de Dom Jorge. Então vocês veem aqui 55 paróquias nessas duas décadas. Mais da metade de todas as paróquias da Diocese foram criadas nesse momento. E depois vocês veem que a coisa vai diminuindo e nessa década, agora, não nasceu nenhuma [até o momento pontual da análise]

Então vocês veem que provavelmente a Igreja perdeu a capacidade de acompanhar a expansão dos bairros. Esse é o grande desastre – e não é só aqui, é no país inteirinho. O ponto de vista é compreensível. Eu dou o exemplo com a minha história de vida. Eu nasci um ano depois do censo de 40: a população do Brasil era de 40 milhões de pessoas; 32 milhões na zona rural e 8 milhões em todas as cidades do Brasil. Hoje, aqui no estado de São Paulo, 96% da população está na zona urbana e 4% na zona rural. Mudou pouco?

Esse é o desafio fundamental. Como atender?

Na minha Diocese, eu cheguei e fui fotografar as capelas da zona rural. Fotografei 600 capelas, mas a maioria já estava no meio do pasto, só uma torrezinha... E nós não conseguimos, na periferia da cidade, recompor uma estrutura de acolhida e atendimento e por isso não podemos apostar só em paróquias, ou multiplicamos as comunidades, Igrejas domésticas, ou não tem futuro a nossa Igreja.

Outro aspecto importante: Santo André, sozinho – que não é o município mais populoso – tem 36 paróquias; São Bernardo, 26; São Caetano, 11; 11 em Mauá; 9 em Diadema; 4 em Ribeirão Pires e 1 em Rio Grande da Serra. Escrevi um pequeno comentário sobre isso: três dos municípios tinham apenas uma paróquia até 1949 (Ribeirão Pires, São Bernardo e São Caetano), enquanto Santo André tinha 5 das 8 paróquias (63%). Santo André também ficou com 9 das que foram criadas da década de 50 (40%, praticamente) e metade das que foram criadas na década de 60. Tudo vinha para Santo André. Havia esse desequilíbrio (55 das 98 paróquias). É preciso pensar de agora em diante no esforço da Diocese para tentar atender.

Apenas na década de 60 foram criadas 32 paróquias – um terço de todas elas – e um pouco menos das que foram criadas nas 5 décadas posteriores. Então, não acompanhamos a rede urbana e ficamos "a

passo de tartaruga", se assim podemos dizer. É apenas um indicador, mas ele também nos questiona como estão as nossas estruturas de oferta de serviço.

Na atual década, nenhuma paróquia [sic][5]; o *boom* populacional e de criação de novas está lá na década de 50 e de 60, com 5 das 11 paróquias de Mauá; 25 das 36 paróquias de Santo André (quase 70%); a única de Rio Grande da Serra, 11 das 26 de São Bernardo; e 9 das 11 de São Caetano – 81% naquela década.

Fiz outro cálculo, sobre a média de pessoas por paróquia, independente de saber se são católicas ou não. Então, em primeiro lugar está São Caetano, que tem a média – claro, deve ter paróquia com 40 mil e paróquia com 8 mil, mas a média – é 14 mil fiéis, o que já é um número enorme. Um padre não dá conta. Muito das reclamações é: "mas a gente não vê o padre", no entanto, se todos procurarem, não há como atendê-los. Também não pode um padre atender um dia só por semana, e naquele horário apertado. É importante haver uma facilidade para as pessoas alcançarem o padre na necessidade.

A segunda cidade é Santo André, com 19 mil pessoas por paróquia; o terceiro lugar sofre um grande salto com Ribeirão Pires, com 30 mil; depois 31 mil de São Bernardo; o sexto lugar é 46 mil em Diadema e 48 mil em Rio Grande da Serra.

Com isso se quer dizer que a Diocese está mal distribuída em sua rede de atendimento, o que deve fazer pensar. Não é só o que vamos fazer, mas como reorganizamos, também, ou como multiplicamos comunidades (não precisa multiplicar paróquias, nas áreas que não têm atendimento, ou seja, lá em Ribeirão parece haver 16 comunidades além da matriz paroquial. É um jeito de estar presente, que não é apenas a paróquia.

A paróquia é insuficiente em zonas urbanas, quer dizer, insuficiente em dois aspectos: as pessoas, na cidade, se movem. "Eu moro em um lugar, trabalho em outro, tenho lazer em outro município..." e às vezes vai procurar igreja também em outro lugar. As pessoas prezam pela possibilidade de escolher, e nós não podemos ficar brigando. Eu também sou pároco e fico triste que a pessoa saiu da paróquia e está indo lá na outra, mas tudo bem. Lá ela encontrou o seu lugar e há outros que vêm aqui. Deveríamos ser mais flexíveis; nós temos uma estrutura muito rígida: "até aqui é a rua da paróquia", mas a pessoa nunca veio

5 Entre 2010 e 12 de maio de 2017 – data da realização da palestra – foram instaladas duas paróquias na Diocese de Santo André. Se o conferencista, no entanto, referia-se à última década abrangida pelo Censo de 2010, entre 2000 e 2010 foram instaladas doze paróquias nesta Igreja local. (Nota dos transcritores).

aqui; veio de outro lugar, vai casar e abre-se aquela confusão. Todos são da mesma Igreja, se alguém pode fazer e é lá que a pessoa está, tem que se priorizar não o território, mas as pessoas. As pessoas da cidade estão cada vez mais móveis, cada vez mais peregrinas, como está escrito aqui [no Guia 1 do Sínodo], cada vez mais sem lugar fixo, "sem pouso", como dizia Jesus: "a raposa tem toca, os passarinhos têm ninho, mas eu não tenho".

Então é um pouco isso e nós temos que ser nômades com nossos paroquianos nômades, né? Às vezes vai lá para o outro canto da cidade e vai lá visitar. O padre não deve ficar com ciúmes porque outro pároco o precedeu. Temos que pôr essas minúcias de parte e nos alegrarmos porque a pessoa está sendo atendida onde encontrou seu lugar.

Um pequeno comentário: há um patente desequilíbrio na oferta de serviços paroquiais dentro da Diocese. Pode variar o número de 14 mil a 48 mil habitantes por paróquia. Entretanto, há dois municípios melhor servidos: São Caetano e Santo André, fora dos quais não há nenhum município na faixa intermediária de 20 mil pessoas; 2 municípios estão na faixa de 30 mil (Ribeirão Pires e São Bernardo); e depois 2 no outro extremo, com mais de 40 mil por paróquia.

Considerações Finais

Vamos consolidar os passos, a autonomia e a responsabilidade das mulheres dentro da nossa Igreja. Elas fazem tudo, mas na hora mesmo de decidir, ali na tomada de posições, temos que melhorar muito.

A segunda coisa que não aparece na pesquisa de modo claro e que eu penso ser uma preocupação fundamental é toda a questão ambiental, que é terrivelmente complexa em áreas densamente povoadas como aqui: uma coisa é lá em Rio Grande da Serra, Paranapiacaba, que está na beira da Mata Atlântica, tem toda a zona dos lagos, etc. E outra coisa é aqui, que não tem nem um buraquinho para pôr uma planta. Então a questão ambiental é grave, precisamos ter um empenho na coleta de resíduos sólidos, no jeito de não fazer tanto lixo, de economizar água, de brigar por coisas fundamentais para que a vida seja melhor. Brigar para que se reserve espaço para as crianças, para plantar árvores, para respirar. Então, surge uma tarefa imensa em uma área em que sobrou pouco terreno. Assim, urge tratar a questão ambiental urbana, que é difícil; eu diria que é uma coisa esquecida.

Como ter rede de atendimento? Morreu uma pessoa, deve-se ter al-

guém no hospital... O padre não vai dar conta, mas nós podemos ter. Há um batalhão de pessoas que diz: "eu tiro uma hora na semana e vou aos hospitais", de maneira organizada; marcam de ver as pessoas nos asilos, os doentes que estão nas casas, as pessoas abandonadas... Precisamos ter um exército no qual cada um põe um pouquinho, mas que não deixemos de fazer esse serviço da misericórdia, da acolhida e do atendimento.

REFLEXÕES TEOLÓGICO-PASTORAIS
Dom Leomar Antônio Brustolin[6]

DEUS HABITA ESTA CIDADE

Introdução

Nosso ponto de partida é a Pesquisa sobre Religião no Grande ABC, realizada, em 2016, pela Diocese de Santo André, em parceria com os institutos de pesquisa da Universidade de São Caetano do Sul.[7] Propomos uma leitura teológico-pastoral não exclusiva nem exaustiva, mas com um olhar aberto e capaz de deixar espaços para outras hermenêuticas dos dados.

Nosso objetivo é discernir "os acontecimentos, nas exigências e nas aspirações de nossos tempos [...], quais sejam os sinais verdadeiros da presença ou dos desígnios de Deus"[8] para a Igreja que está em Santo André.

Reconhece-se que a síntese entre cristianismo e cultura ocidental se rompeu, mesmo entre os povos mais tradicionais, e que é preciso "recomeçar a partir de Jesus Cristo, sem dar coisa alguma por descontada". [9] Percebemos como Jesus Cristo, para muitos dos habitantes de nossas cidades, já não tem significado organizador para suas vidas. A crise da fé preocupa, pois "sucede não poucas vezes que os cristãos sintam maior preocupação com as consequências sociais, culturais e políticas da fé do que com a própria fé, considerando esta como um pressuposto óbvio da sua vida diária".[10]

A realidade alerta para o desafio urgente de passarmos de uma religião de herança social para uma religião de opção pessoal; de uma sociedade unificada pela fé católica para uma sociedade constituída na liberdade democrática e no pluralismo de ideologias; de uma igreja de massa a uma igreja diferenciada e articulada em comunidades de discípulos missionários.

Em uma época de fragmentação, é urgente um anúncio integral do Evangelho, para todos os seres humanos e a cada ser humano. Essa integralidade, perante a fé e a realidade concebida "aos pedaços", exige uma eclesiologia total e uma ação evangelizadora integrada.

Deixemo-nos questionar: Qual a eclesiologia que sustenta consciente

6 Bispo auxiliar de Porto Alegre
7 SÍNODO DIOCESANO. Guia de Leitura n. 1 Diocese de Santo André, 2017, p. 13-16.
8 Gaudium et Spes, n.11.
9 Documento de Aparecida, n. 12, 41 e 549.
10 BENTO XVI. Porta Fidei. n.2.

ou inconscientemente nossa prática pastoral? Quem somos e o que queremos? Queremos uma eclesiologia de comunhão e participação? Formamos discípulos missionários ou adeptos de religiosidades fragmentadas?

A cultura urbana

Observando a realidade do Grande ABC, com diferentes "periferias geográficas e existenciais"[11], percebe-se que o conceito de "urbano", na reflexão pastoral, ultrapassa a simples e imediata percepção e captação de alguns dados. O Documento de Aparecida caracteriza a cultura urbana como "híbrida, dinâmica e mutável, pois amálgama múltiplas formas, valores e estilos de vida e afeta todas as coletividades". [12]

A Igreja é chamada a reconhecer o processo dinâmico que produz a cultura urbana contemporânea, sobretudo na dimensão simbólica da existência pessoal e social, para apresentar o Evangelho como estilo de vida capaz de oferecer o sentido da vida e pautar a postura ética em uma sociedade de contrastes. Isso implica permanente discernimento sobre as dinâmicas geradoras de sentido que o Espírito Santo suscita em diferentes contextos. Esse discernimento pode ser traduzido, em termos teológicos, como conversão.

O Documento de Aparecida desafia a "abandonar as estruturas ultrapassadas que já não favoreçam mais a transmissão da fé", em uma atitude que se convencionou chamar de conversão pastoral.[13] Por isso, é preciso destacar alguns apelos explícitos, ou não, que a Pesquisa sobre a Região do Grande ABC oferece para refletirmos sobre a necessidade dessa conversão pastoral. Podemos recorrer a cinco categorias decorrentes dos dados levantados: 1) transmissão da fé; 2) comunidade e pertença; 3) cuidar dos cuidadores; 4) serviço à vida; 5) evangelização de fronteira.

Transmissão da fé

- Dos habitantes do Grande ABC, 46% se declararam católicos[14];
- Quantidade crescente de pessoas se declaram sem religião (9,4%) .
- Católicos, evangélicos e espíritas afirmaram crer em Jesus.
- Apenas 64,4% disseram crer na ressurreição.
- dos católicos, 43%declararam que acreditam na reencarnação.

11 FRANCISCO. Evangelii Gaudium, n.20.
12 Documento de Aparecida, n. 58.
13 Documento de Aparecida, n. 365.
14 SÍNODO DIOCESANO. Guia de Leitura n. 1 Diocese de Santo André, 2017, p. 13 e ss.

Atualmente, se conhece uma miríade de experiências comunicativas, porém a linguagem evangelizadora nem sempre é suficiente para acompanhar esse fluxo. Por um lado, corre-se o risco de adaptar de tal modo a linguagem que o conteúdo acabe perdendo sua identidade. Por outro, corre-se o risco de repetir discursos que já não são acolhidos como relevantes. Em um tempo em que discursos, conceitos e definições passam por forte crise, a postura é a da busca.

O Evangelho que a Igreja é chamada a anunciar não é um projeto, uma doutrina, uma teoria ou ideologia, mas é uma pessoa, o Cristo. Os cristãos não são repetidores de ideias sem vida, mas são testemunhas do Vivente (At 1,8), no qual fizeram a experiência da salvação.

Anuncia-se a Jesus de Nazaré, que passou pelo mundo fazendo o bem. Com palavras e obras revelou o Pai e o Reino, manifestou amor por todos, preferencialmente pelos pobres, e, por isso, foi crucificado no madeiro da vergonha, mas ressuscitou e foi exaltado pelo Pai como o Senhor e Cristo. É ele e somente ele que a fé cristã tem a oferecer ao mundo. Nada mais pode substituir esse amor primeiro, fonte da salvação, razão da nossa alegria.

É, pois, urgente superar duas tentações que frequentemente afetam toda obra pastoral e evangelizadora: o secularismo e o fundamentalismo.

Uma evangelização marcada pelas tintas do secularismo identificará a palavra do Evangelho com alguma das forças em jogo na história. O testemunho fica reduzido a uma presença entre outras presenças na sociedade, sem indicar uma "Outra Presença", a qual define a vida cristã. O evangelho perde sua força de provocação e escândalo, tornando-se uma ideologia, uma teoria de vida, um cálculo ou projeto incapaz de abrir-se à surpresa e à novidade que o Espírito continuamente oferece para renovar a face da terra.

Para quem sofre dessa tentação, ocorre lembrar que o Cristo não é a resposta às nossas esperas ou necessidades, Ele é justamente a subversão de nossas perguntas e o portador de respostas impensáveis. Não se evangeliza sem testemunhar essa novidade do evangelho. Não é possível evangelizar respondendo a perguntas que não são feitas.

Outra possibilidade de reducionismo na evangelização é a proposta integrista da fé. Ela acentua tanto o absoluto da fé que perde a concretude da vida, muitas vezes sofrida, daqueles a quem é anunciado o Evangelho. É a atitude de quem tem respostas prontas para tudo, oferecidas com frieza e sem amor. É o fundamentalismo dos que sempre sabem dizer os "nãos" de Deus, obscurecendo a abundância dos "sins"

do Misericordioso, que todos necessitamos tanto.

Essa postura traz duras consequências. Na medida em que se fala de um Deus sem mundo, facilmente a humanidade incorre na opção de produzir um mundo sem Deus. Como ele é anunciado de forma sem alegria e esperança, mais pela proibição e pelas restrições, muitos estranham e desconfiam de um tal anúncio e preferem se afastar.

O Deus do Evangelho é o Emanuel, é Deus conosco. Ele se fez carne, habitou entre nós, trabalhou com suas mãos, sofreu e amou com um coração humano. Contra toda tentação integrista, é preciso assumir a condição de peregrinos dos cristãos, que, nas estradas da vida, se fazem companheiros e irmãos de toda a humanidade. Essa condição nasce da experiência do amor misericordioso de Deus que nos faz samaritanos de todos, para alcançar a todos com o anúncio da salvação de Cristo.

Na evangelização, tudo depende da relação que se estabelece, ou não, com Jesus Cristo. Trata-se de aprender a escutá-lo para ter o estilo de Jesus em nossa pastoral.

Comunidade e pertença

• Nas regiões de presença antiga com paróquias, comunidades e estrutura, o catolicismo tem índices maiores.

• Cuidado com as comunidades "frias, ultrapassadas, que não se envolvem com as pessoas, há fatos e ações que afastam os fiéis"

Quem habita as cidades atuais, vive em um contexto de pluralismo religioso. "O pluralismo liberta as pessoas de normas fixas, mas também as desorienta pela perda de referências fundamentais e gera a fragmentação da vida e da cultura".[15] Emerge, então, a perda do sentido comunitário da fé, com a privatização da experiência religiosa e a ressignificação dos conteúdos tradicionais da fé. "A participação na vida eclesial tornou-se, cada vez mais, uma opção numa sociedade pluralista".[16]

A Igreja é comunidade! A comunidade torna a Igreja visível! É a comunidade que vive em torno de Cristo. Nele crê, espera e ama.[17] Teologicamente comunidade significa a união íntima ou a comunhão das pessoas com Deus e delas entre si.

Os Atos dos Apóstolos utilizam koinonia, comunhão, para caracteri-

15 CNBB. Comunidade de comunidades. Doc. 100, Brasília: Ed. CNBB, 2014. n. 24.
16 Ibidem.
17 Lumen Gentium ,n.8

zar a vida da comunidade primitiva de Jerusalém, indicando: estar juntos (cf. At 2,44); permanecer unânimes (cf. At 2,46); ter um só coração e uma só alma (cf. At 4,32); colocar tudo em comum (cf. At 2,44).

A comunidade cristã se origina do grupo de pessoas que segue Jesus Cristo, nele permanece e vive com ele. Seus membros são chamados a explicitar a intenção de Deus, que quer a salvação para todos e que todos cheguem ao conhecimento da verdade (1Tm 2, 4).

Cuidar dos cuidadores

• Líder religioso – a ele foi recomendado ser envolvente, humilde, não ostentar bens materiais, ser acolhedor, ter um discurso que atenda as necessidades dos fiéis.

• Líder próximo da comunidade.

• O "discurso" dos padres foi qualificado, dentre outras opções, como o mais difícil de se entender.

O específico do ministro ordenado é representar Cristo como cabeça de seu corpo que é a Igreja. O ministro ordenado há de se colocar a serviço para a comunhão e a unidade de todo corpo, exercendo o múnus profético (anunciando a Palavra); o múnus sacerdotal (celebrando os sacramentos da salvação) e o múnus pastoral (animando a caridade, conduzindo os fiéis para o discipulado). Ele não exerce a síntese dos ministérios, mas o ministério da síntese. Seu carisma próprio é o do discernimento, do acompanhamento e da integração. Sua missão é a coordenação dos carismas.

O ministro é, portanto, ordenado na Igreja e para a Igreja, ele não pode agir de forma personalista ou fragmentada. Sua ação é sempre cooperativa com o bispo e a deste, com o colégio episcopal. Seu ministério é essencialmente para agir colegiadamente. A evangelização não é obra de navegadores solitários. Todo personalismo na pastoral e na evangelização leva facilmente ao risco de se perder o sentido de família, de corpo e de pertença. Acaba comprometendo a identidade eclesial. Ser desse ou daquele grupo, preferir este ou aquele ministro, valorizar mais uma proposta, desprezando outras sempre proporcionam a fragmentação, a divisão, a confusão e o isolamento. Manter a unidade na diversidade permanece, na Igreja, como tarefa de todos os tempos.

Não se pode negar que atualmente existe certa dose de cansaço e até de desânimo em relação às múltiplas atividades evangelizadoras e

pastorais. Há certa síndrome do cuidador ferido, devido à sensação de que os resultados não chegam. Os altos índices de violência, a frustração diante do Brasil e do mundo que experimentam inúmeras turbulências e o crescimento de uma religiosidade estranha ao Evangelho, entre outras causas, podem levar à inconsciente descrença no caminho da Igreja em saída. Entretanto, a angústia diante da aceleração das sequelas e a sensação de demora nos resultados não nos podem fazer mudar a meta.

O serviço à vida

• A credibilidade da Igreja se dá através de trabalhos sociais, de líderes sérios, da preocupação com os pobres e da promoção o amor.[18]

Nós, cristãos, não somos os únicos responsáveis pelos rumos do mundo. Temos, porém, a consciência de que não podemos nos omitir diante dos rumos que o mundo vai tomando.

Nas metrópoles, há marginalizados, excluídos, pobres que carecem de um bom samaritano. O lugar do cristão da cidade é em meio a projetos em defesa da vida, na conquista da liberdade e da igualdade, na promoção da solidariedade.

O atendimento aos mais pobres da sociedade ainda é garantido por obras que a Igreja mantém. Contudo, não é possível manter essa atitude sem identificar as causas dessa desigualdade bem visível na cidade. Na Carta Encíclica Laudato Sì, o Papa Francisco denuncia uma opinião pública generalizada que não procura resolver os problemas dos pobres e limita-se a propor a redução da natalidade. "Culpar o incremento demográfico em vez do consumismo exacerbado e seletivo de alguns é uma forma de não enfrentar os problemas".[19] A Igreja, portanto, garantindo a assistência a idosos, crianças, doentes e a todos os abandonados no isolamento da cidade, precisa ser uma voz profética que desmascare as causas da injustiça social.

Através da categoria vida, desde a concepção até a morte natural, nosso testemunho se traduz no compromisso com os crucificados sobre a terra e, de acordo com a crescente consciência ecológica, também com a criação pecaminosamente devastada.[20]

18 SÍNODO DIOCESANO. Guia de Leitura n. 1 Diocese de Santo André, 2017, p. 16.
19 FRANCISCO. Laudato Sí, n. 50.
20 Documento de Aparecida, n. 390.

Entre periferias e fronteiras

• De portas abertas, rumo às periferias. Para irmos além de nós mesmos.[21]

A evangelização se faz pelas periferias ou nas fronteiras. Uma periferia ou uma fronteira não possui uma linha estabelecida e bem demarcada entre o espaço sagrado e o profano, entre o âmbito eclesiástico e o mundano, não é o limiar da realidade, mas constitui o lugar e a hora decisiva para a salvação do ser humano. É o "hic et nunc", o aqui e agora, no qual a totalidade de uma existência se decide a favor ou contra Cristo.

Nesse sentido, uma das periferias ou fronteiras da evangelização está no interior da comunidade eclesial, porque a Igreja evangelizadora precisa ser também continuamente evangelizada, para acolher o dom do Espírito e as surpresas de Deus. A Igreja é chamada a renovar-se incessantemente na escuta da Palavra de Deus, deixando-se julgar e purificar no seguimento de Cristo. Para ser evangelizadora das periferias, toda comunidade eclesial é chamada a reconhecer continuamente os sinais de Deus na história.

Se olharmos na perspectiva dos que estão afastados da Igreja, podemos dizer que, quando eles encontram um cristão, seja ministro ordenado ou leigo, eles encontram a Igreja toda, da qual percebem, ou não, o testemunho do discípulo que acolhe os dons do Espírito Santo para renovar a face da terra e a realidade local.

Conclusão

A evangelização urbana exige a Igreja em "saída", como afirma o Papa Francisco, saída de um meio eclesiástico demasiadamente fechado sobre si mesmo, separado da massa dos cidadãos, pouco aberto às novas correntes culturais, ainda que essa postura de reserva procure ser uma atitude de prudente defesa de valores irrenunciáveis.

Certamente, não se tem tudo claro sobre como realizar a inculturação do Evangelho na cultura urbana contemporânea. Dela depende uma presença pública da Igreja com maior impacto no meio urbano.

Na Igreja primitiva, o testemunho de vida e fé dos seguidores de Jesus Cristo expressava sua capacidade de integrar-se ao mundo no qual se encontravam, como atesta a Carta a Diogneto, escrita por um anônimo, no final do século II:

21 Hino do Sínodo Diocesano.

Os cristãos não se distinguem dos outros, nem pela região, nem pela língua, nem pelos costumes. Não habitam cidades à parte. Não falam língua diferente dos outros. Não levam gênero de vida fora do comum. [...] Alguns moram em cidades gregas, outros em cidades não gregas, conforme a sorte de cada um. Seguem os costumes de cada lugar do que diz respeito ao modo de vestir, à alimentação e ao resto da vida. [...] Na sociedade, ocupam uma posição admirável e, sem dúvida, contraditória. [...] Como cidadãos, participam de tudo, mas tudo suportam como se fossem estrangeiros.[22]

22 PADRES APOLOGISTAS. Carta a Diogneto, n. 5. São Paulo: Paulus, 2005, p. 22.

7. PROPOSTAS DE PRIORIDADES PASTORAIS

PROPOSTA 1

DEFINIÇÃO DA PRIORIDADE (URGÊNCIA)

Olhando a realidade de sua região selecione o que é mais emergente. Justifique o porquê da escolha

PRIORIDADE: CONSTITUIR PASTORAL DE CONJUNTO COM DIMENSÃO MISSIONÁRIA

- ✓ "**Constituir Pastoral de Conjunto com Dimensão Missionária".**

  A- **Constituir** um **núcleo** (escola) de **formação de lideranças**, tendo presente a **Dimensão Missionária da Igreja,** em vista da Pastoral de conjunto;

  B- **Priorizar** a formação das lideranças, tendo presente a Dimensão Missionária da Igreja, **em vista do fortalecimento** da Pastoral de Conjunto;

  C- **Investir** na formação das lideranças, tendo presente a Dimensão Missionária da Igreja, em vista da Pastoral de Conjunto.

Porquê:

Por termos constatado na Planilha 2 da Região, a necessidade de uma Pastoral de Conjunto com ações Missionárias, incluso nas atuais Pastorais existentes nas Paróquias.

Com isso a região estaria investindo na formação teológico-pastoral-missionária de seus agentes levando em consideração a Dimensão Missionária da Igreja, em vista do florescimento e fortalecimento do espírito e da prática pastoral de conjunto.

O QUE SERÁ FEITO?

Que ações serão desenvolvidas para responder a prioridade elencada

Ação Nº 1:

- ✓ Formação continuada com escola permanente de formação de lideranças.

Ação Nº 2:

- ✓ Estudar e aprofundar o regimento dos CRP´s e CPP`s
- ✓ Agregar os novos representantes de Pastorais.

Ação Nº 3:

- ✓ Articular e Integrar as lideranças pastorais paroquiais, através de encontros Paroquiais e a nível Regional.

COMO SERÁ FEITO?	Descreva como as ações serão desenvolvidas. Passo a passo do processo
	Ação Nº 1: **1.1** - Constituir uma Comissão diocesana para instituir e organizar a escola de lideranças paroquiais em âmbito Regional. Definir a estrutura de formação em 8 módulos. **1.2** – Implantar as escolas nas regiões Ação Nº 2: ✓ Reuniões de estudo e aprofundamento nas paróquias, junto às pastorais e nas regiões pastorais. Ação Nº 3**:** ✓ Eventos de integração a nível de Paróquia e Região.
ONDE SERÁ FEITO?	Onde serão executadas as ações previstas no plano.
	Ação Nº 1 item 1.2: ✓ Escola: na (s) paróquia (s) da Regional e na Diocese. Ação Nº 2: ✓ Estudos de regimentos de CRP e CPP nas paróquias e na Região. Ação Nº 3**:** ✓ Integração de lideranças nas Paróquias e Região.
QUANDO SERÁ FEITO?	Defina quando será iniciado e qual o prazo de duração
	Ação Nº 1: **INICIO:** Escola: primeiro semestre organização e segundo semestre 2018 formação **PRAZO:** 4 anos, com revisão de plano de formação bianual. Ação Nº 2: **INICIO:** Estudos Regimentos: Incluir calendário Paroquial 2018 **PRAZO:** Primeiro semestre Ação Nº 3: **INICIO:** Integrações: incluir calendário Paroquial e Regional 2018 **PRAZO:** Permanente.

POR QUEM SERÁ FEITO?	Quem será o responsável por cada etapa. Apontar responsáveis por cada etapa.
	Ação Nº 1: ✓ Escola: comissão diocesana constituída pelo Conselho de Presbíteros, incluindo leigos, o Clero define quem e onde serão ministrados os módulos. Ação Nº 2: ✓ Estudos: Padres, Diáconos e Leigos coordenadores. Ação Nº 3: ✓ Integrações: Padres e Leigos coordenadores.
QUAIS RECURSOS SERÃO NECESSÁRIOS?	Defina os recursos: físicos, humanos e financeiros. Especifique cada recurso.
	Ação Nº 1: **FÍSICO:** local, móveis, equipamentos de mídia, apostilas, etc. **HUMANO:** palestrantes **FINANCEIRO:** contribuições de participantes e da diocese, eventos de arrecadação. Ação Nº 2: **FÍSICO:** local, mobiliário, apostilas, **HUMANO:** padres, diáconos, coordenadores. **FINANCEIRO:** contribuição paroquial, Ação Nº 3: **FÍSICO:** local, mobiliário, apostilas, **HUMANO:** padres, diáconos, coordenadores **FINANCEIRO:** contribuição paroquial,

PROPOSTA 2

DEFINIÇÃO DA PRIORIDADE (URGÊNCIA)	*Olhando a realidade de sua região selecione o que é mais emergente. Justifique o porquê da escolha* **Ação Missionária Permanente** para fortalecer a presença da Igreja junto: • aos mais pobres nas periferias • aos cristãos católicos afastados • aos doentes • aos grupos necessitados de motivação e acolhida
O QUE SERÁ FEITO?	*Que ações serão desenvolvidas para responder a prioridade elencada* Visitas • nas Paróquias • nas Capelas • nos Bairros afastados • outras instituições Formação Missionária contínua Capacitação de liderança Congressos Feiras Eventos populares e diocesanos Programas de Rádio Divulgação contínua via • Internet • Jornal • Cartazes • Folders • Faixas Celebrações móveis Levantamento da área da Paróquia (necessidades) Melhorar a acolhida Criar grupo missionário nas Paróquias com todas as pastorais Nomear um vigário diocesano para as missões Criar Manual Missionário
COMO SERÁ FEITO?	*Descreva como as ações serão desenvolvidas. Passo a passo do processo* Material de apoio – Diretório – Manual – Diocesano para as Missões Formação de Agentes para visitas Criar grupo de multiplicadores para as regiões e Paróquias valorizando os leigos e as leigas Cadastrar os Paroquianos Formar a ação missionária nas dimensões • diocesana • regional • paroquial • comunidades Elaborar cronograma de visitas como nas Visitas pastorais missionárias Ficha para cadastrar as visitas Fazer as visitas e avaliá-las Integrar os Grupos de missionários das diversas Paróquias Melhorar a comunicação e a comunhão entre as diversas pastorais existentes Escola Missionária – mínimo 1 ano Organizar congressos com convidados (por exemplo CIMI, professores de missiologia) Feiras envolvendo pessoas que foram visitadas – apresentar artigos artesanais das pastorais Eventos – celebrações – encontros Ônibus ou Caminhão Capela para celebrações nos lugares afastados com participação das Bandas Programa de rádio – diário com 1 hora para assuntos missionários Divulgação – grupo motivado pelo padre coordenador diocesano

ONDE SERÁ FEITO?	*Onde serão executadas as ações previstas no plano.* Diocese Regiões Paróquias Comunidades Bairros mais afastados Praças
QUANDO SERÁ FEITO?	*Defina quando será iniciado e qual o prazo de duração* Começa em 2018 com a formação e organização, e continua como atividade permanente Começar as visitas já no 2º semestre de 2018 em todos os meses Avaliações 1 vez por mês
POR QUEM SERÁ FEITO?	*Quem será o responsável por cada etapa. Apontar responsáveis por cada etapa.* 1- Responsável Diocesano – 1 padre nomeado para a ação missionária na diocese 2- 1 responsável em cada região pastoral que forma um conselho regional 3- Conselho diocesano composto pelos conselhos regionais Padres e leigos nos conselhos paroquiais Pelos agentes capacitados na formação Pelas diversas pastorais
QUAIS RECURSOS SERÃO NECESSÁRIOS?	*Defina os recursos: físicos, humanos e financeiros. Especifique cada recurso.* Dízimo do Dízimo Paroquial – o dízimo deve bancar a evangelização Promoções para fundos quando necessário Coleta das Missões – a parte da Diocese Doações – conta bancária apropriada

PROPOSTA 3

DEFINIÇÃO DA PRIORIDADE (URGÊNCIA)	*Olhando a realidade de sua região selecione o que é mais emergente. Justifique o porquê da escolha* **PRIORIDADE: ACOLHIMENTO** Vivemos numa sociedade individualista, onde persiste o distanciamento e a dificuldade de interação entre as pessoas. Muitos frequentam as nossas comunidades, porém são desconhecidos. Outros fiéis totalmente anônimos que necessitam ser acolhidos e integrados à vida de comunidade.
O QUE SERÁ FEITO?	*Que ações serão desenvolvidas para responder a prioridade elencada* Estudar a realidade urbana, enfocando a dimensão econômica, política e social. Aprofundar a dimensão religiosa, no aspecto litúrgico e evangelizador nos ambientes intra e extra-eclesial. Conscientizar os agentes das pastorais e movimentos para a dimensão do acolhimento.
COMO SERÁ FEITO?	*Descreva como as ações serão desenvolvidas. Passo a passo do processo* Encontros formativos para entender a realidade urbana; Organizar roteiros de formação, abrangendo os aspectos a serem abordados, tanto nos níveis sociais como religiosos. Organizar meios práticos para a abordagem de fiéis, tanto dentro como fora das comunidades.
ONDE SERÁ FEITO?	*Onde serão executadas as ações previstas no plano.* Os encontros e formações deverão ser realizados nas comunidades e paróquias; lembrando que a abordagem dos fiéis deverá acontecer nos ambientes onde eles se encontram, ou seja, tanto dentro das comunidades como também nas ruas, praças, hospitais, escolas etc.).

QUANDO SERÁ FEITO?	*Defina quando será iniciado e qual o prazo de duração*
	No decorrer do tempo de duração do Plano de Pastoral – Pós Sínodo (2018-2020); Com reuniões avaliativas a cada três meses. Sendo que no ano 2021 deverá ser feita uma avaliação geral dos resultados da implantação do plano.
POR QUEM SERÁ FEITO?	*Quem será o responsável por cada etapa. Apontar responsáveis por cada etapa.*
	Todos os agentes de pastorais, movimentos e grupos. Sendo que os primeiros responsáveis são os padres e Conselhos de Pastorais das comunidades.
QUAIS RECURSOS SERÃO NECESSÁRIOS?	*Defina os recursos: físicos, humanos e financeiros. Especifique cada recurso.*
	Subsídios, panfletos, mídias para as diversas redes sociais. Sendo que o investimento tanto na formação humana, quanto nos materiais serão custeados pela Diocese e Paróquias.

PROPOSTA 4

DEFINIÇÃO DA PRIORIDADE (URGÊNCIA)	*Olhando a realidade de sua região selecione o que é mais emergente. Justifique o porquê da escolha* **PRIORIDADE – IGREJA EM SAÍDA** Seguindo o apelo do Papa Francisco de sermos discípulos-missionários, desejamos ir ao encontro das pessoas em suas realidades existenciais, espirituais e sociais, promovendo por meio do anúncio do Evangelho, a beleza do reino e levando a esperança, a acolhida e o resgate.
O QUE SERÁ FEITO?	*Que ações serão desenvolvidas para responder a prioridade elencada* Formação para a missão: Tem como objetivo atingir os que não conhecem, os afastados e os que já participam, por meio da organização e setorização.
COMO SERÁ FEITO?	*Descreva como as ações serão desenvolvidas. Passo a passo do processo* Realizar a formação para o fortalecimento do COMIPA e das Pastorais e movimentos missionários, para promover o mapeamento, a setorização e o censo com o objetivo de analisar e implantar ações evangelizadoras, tais como: missas, novenas e terços nas casas e atividades afins.
ONDE SERÁ FEITO?	*Onde serão executadas as ações previstas no plano.* Três níveis: Diocesano (subsídios) Regional (formações) e Paroquial (implantação)
QUANDO SERÁ FEITO?	*Defina quando será iniciado e qual o prazo de duração* Durante a vigência do plano de pastoral: 5 anos 2018 - 1º Trimestre - Entrega do plano 2º Trimestre - Subsídio formativo 3º e 4º Trimestres – Formações 2019 - 1º Trimestre - Mapear e setorizar 2º Trimestre - Censo 3º e 4º Trimestre - Analisar e planejar 2020 - Implantação 2021 - Avaliar, ajustar e adequar 2022 - Avaliação e novo Sínodo

POR QUEM SERÁ FEITO?	*Quem será o responsável por cada etapa. Apontar responsáveis por cada etapa.*
	Conselho Diocesano de Pastoral Conselho Regional de Pastoral Conselho Pastoral Paroquial
QUAIS RECURSOS SERÃO NECESSÁRIOS?	*Defina os recursos: físicos, humanos e financeiros. Especifique cada recurso.*
	Físicos: Auditório da Cúria Diocesana, salões paroquiais, escolas; subsídios. Humanos: Formadores capacitados, agentes (Bispo, presbíteros, diáconos, religiosos e religiosas e leigos) engajados e comprometidos. Financeiros: Campanha da evangelização

PROPOSTA 5	
DEFINIÇÃO DA PRIORIDADE (URGÊNCIA)	*Olhando a realidade de sua região selecione o que é mais emergente. Justifique o porquê da escolha* **PRIORIDADE: SER IGREJA EM SAÍDA PARA COMUNHÃO E PARTICIPAÇÃO** Olhando as realidades pastorais da nossa Região, emergiu como prioridade *ser Igreja em Saída para a Comunhão e Participação* para caminhar juntos, em comunhão, como Igreja, seguir Jesus, ouvir o que o Espírito Santo diz, viver o sonho missionário de chegar a todos, ser servidores do Reino de vida plena e planejar a pastoral com os pobres e sofredores.
O QUE SERÁ FEITO?	*Que ações serão desenvolvidas para responder a prioridade elencada* Promover encontros permanentes de formação; articular atitudes de acolhida e partilha de experiências; estado permanente de missão, colocando todas as comunidades, pastorais, grupos de movimentos em atitude missionária, sem perder o específico. Voltar ao projeto de Jesus, Palavra de Deus encarnada: experiência com a pessoa de Jesus Cristo. Inserir a pessoa na vida da comunidade; gestos de solidariedade e misericórdia; recuperar a dimensão social da missão, promovendo as pastorais sociais de fronteira.
COMO SERÁ FEITO?	*Descreva como as ações serão desenvolvidas. Passo a passo do processo* Trabalhar a comunicação; trabalhar a cultura da acolhida; acolher o diferente; conhecer as realidades; encontros de formação; envolvimento das pastorais nas ações missionárias; grupos de reflexão de fé e política; perscrutar a realidade e o momento.
ONDE SERÁ FEITO?	*Onde serão executadas as ações previstas no plano.* Começando nas bases: nas comunidades paroquiais, na região pastoral, na diocese.
QUANDO SERÁ FEITO?	*Defina quando será iniciado e qual o prazo de duração* Gradativamente, mas com início imediato e duração permanente, ao longo da vigência do Plano de Pastoral.

POR QUEM SERÁ FEITO?	*Quem será o responsável por cada etapa. Apontar responsáveis por cada etapa.*
	Pelos padres e pelos leigos (lideranças) das comunidades, das pastorais, dos grupos, dos movimentos e por todos que poderão ser convidados.
QUAIS RECURSOS SERÃO NECESSÁRIOS?	*fina os recursos: físicos, humanos e financeiros. Especifique cada recurso.*
	Boa vontade; criatividade e disponibilidade para as ações missionárias e formativas; estruturas paroquiais já existentes; leigos, lideranças e catequistas que já estão envolvidas na vida das comunidades.

PROPOSTA 6

DEFINIÇÃO DA PRIORIDADE (URGÊNCIA)	*Olhando a realidade de sua região selecione o que é mais emergente. Justifique o porquê da escolha*
	PRIORIDADE – ACOLHIDA A prioridade levantada foi a acolhida, porque sentimos a necessidade de acolher para despertar a comunhão e o comprometimento com Jesus Cristo. A "frieza" de nossas comunidades não atraem. Existe uma impessoalidade nas relações, as pessoas não se sentem parte da comunidade ou não buscam um aprofundamento, muitas vezes, por falta de "espaço". A acolhida será elemento constitutivo da evangelização, ou seja, para chegar aos corações e aos afastados é preciso acolher. A partir daí "apaixonados" por Jesus e motivados a fazerem parte da comunidade, surgirem novos membros engajados nas atividades pastorais, gerando uma maior integração de todos. Com isso, chegaremos à Igreja em saída, pedida pelo Papa Francisco.
O QUE SERÁ FEITO?	*Que ações serão desenvolvidas para responder a prioridade elencada*
	Trabalhar e desenvolver a "Mística da Acolhida" em cada Pastoral ou Movimento nas comunidades.
COMO SERÁ FEITO?	*Descreva como as ações serão desenvolvidas. Passo a passo do processo*
	- Criar momentos informais (convivência) entre os membros da comunidade, desburocratizando as relações e aproximando as pessoas; - Descentralizar as atividades da Secretaria, entendida como espaço primordial de acolhida na Paróquia, uma vez que muita gente busca a Secretaria Paroquial para as mais diversas orientações e situações. Para tanto, distribuir as tarefas pertinentes de cada Pastoral, personalizando o contato com as pessoas (por exemplo, nas situações de orientações para os Sacramentos); - Organizar momentos de reflexão e avaliação de cada Pastoral ou Movimento sobre o desenvolvimento da acolhida na vivência da missão de cada um. A dinâmica empregada no Sínodo Diocesano seria a inspiração destes momentos: encontros para analisar a realidade da Pastoral ou Movimento; questionários para balizar essa avaliação; reflexão sobre o sentido de acolher a partir de estudo de textos ou formações; discussão e elenco de ações para dinamizar a acolhida na Pastoral ou Movimento. - Ao término do processo, haveria uma grande assembleia, reunindo todas as Pastorais e Movimentos existentes na Paróquia, que avaliaria o resultado de cada um, propondo atitudes para todos, a fim de gerar a mística da acolhida em toda atividade pastoral da Paróquia. Para tanto, serão elaborados subsídios diocesanos para se orientar e organizar cada momento.

ONDE SERÁ FEITO?	*Onde serão executadas as ações previstas no plano.* As ações seriam executadas em cada Paróquia, CRP e Diocese
QUANDO SERÁ FEITO?	*Defina quando será iniciado e qual o prazo de duração* - Com a publicação do Novo Plano Diocesano de Pastoral, previsto para fevereiro de 2018, imediatamente, se colocaria em curso as ações propostas. - Os encontros das Pastorais ou Movimentos aconteceriam mensalmente, conforme os encontros de cada grupo, seguindo a seguinte lógica: Primeiramente os encontros de análise da situação, a partir do prisma da acolhida e assessoradas por textos formativos sobre o sentido de acolher; em seguida, reuniões para se refletir e responder os questionários de avaliação da situação; reuniões para definições de metas e compromissos da Pastoral ou Movimento; - Anualmente aconteceria uma grande Assembleia paroquial, com todas as Pastorais e Movimentos, com o intuito de partilhar experiências e as metas traçadas por cada um, gerando um compromisso paroquial, a fim de implantar a Mística da Acolhida nas relações e evangelização.
POR QUEM SERÁ FEITO?	*Quem será o responsável por cada etapa. Apontar responsáveis por cada etapa.* Nas paróquias: Em relação aos momentos na Paróquia, os Párocos, CPP e coordenadores de cada Pastoral e Movimento seriam responsáveis por executar as ações propostas. Nos CRPs: O CRP seria responsável por acompanhar e auxiliar em todo esse processo. Na diocese: Criar e disponibilizar para as paróquias e CRPs subsídios diocesanos para se orientar e organizar cada momento.
QUAIS RECURSOS SERÃO NECESSÁRIOS?	*Defina os recursos: físicos, humanos e financeiros. Especifique cada recurso.* - Físicos: espaços e estruturas de cada Paróquia; subsídios diocesanos elaborados pelo Conselho Diocesano de Pastoral; - Humanos: Conselho Diocesano de Pastoral, CRP, Párocos, CPP, Agentes de Pastoral e membros das Pastorais e Movimentos; - Financeiros: os custos seriam rateados entre as Paróquias

PROPOSTA 7

DEFINIÇÃO DA PRIORIDADE (URGÊNCIA)

Olhando a realidade de sua região selecione o que é mais emergente. Justifique o porquê da escolha

PRIORIDADE: ACOLHIMENTO EM SUAS DUAS DIMENSÕES IMPORTANTES (A CULTURA DO ACOLHIMENTO E A ESPIRITUALIDADE DO ACOLHIMENTO).

Definição de Cultura

Quando falamos cultura, tratamos aqui de uma série de coisas aprendidas e transmitidas que fazem parte do modo como as pessoas lidam com as coisas, com as pessoas e com o mundo ao seu redor. Nesse sentido, as pessoas estão inseridas numa cultura moderna (ou pós-moderna), virtual, metropolitana. Isso quer dizer que os processos, os procedimentos, os usos, a produção, os meios de produção, os comportamentos pelos quais o homem satisfaz suas necessidades, as formas de sobrevivência (trabalho) e a convivência (sociedade) constituem o que chamamos "cultura". Todos esses aspectos são reproduzidos, aprendidos e transmitidos para garantir a sobrevivência dos grupos humanos.

Definição de Espiritualidade

O que aqui chamamos Espiritualidade trata não só da manifestação religiosa de cada pessoa e da confissão de fé dos grupos, mas a consciência do Sagrado presente na vida da pessoa individualmente, a relação existente desse Sagrado com sua vida particular e os compromissos decorrentes disso, tanto quanto essa percepção determina sua relação na intimidade de vida, na moral (sua vida entre os seus pares) e o culto. Também a Espiritualidade faz parte da vida comunicativa e possui aspectos de aprendizagem e transmissão. No entanto, sua peculiaridade é a Transcendência e não apenas a imanência como no caso da Cultura.

O que é Acolhimento?

Acolhimento diz respeito à Ação, ao Ato de acolher, e o verbo acolher designa recepção, hospitalidade, hospedagem. Vale lembrar a Carta aos Hebreus que diz "Não vos esqueçais da hospitalidade, porque por ela alguns, não o sabendo, hospedaram anjos." (Hb 13,2). O Acolhimento é uma atitude cortês, de aprovação, de quem olha não o exterior mas é capaz de ver Cristo naquele que está enxergando. Por isso, não é uma "acolhida" e nem uma "pastoral da acolhida" que está em jogo aqui, mas uma atitude aprendida, transmitida, comunicada e vivenciada por meio de atitudes, por amor e temor a Deus, por se fazer obediente ao mandamento do Senhor que diz, "amai-vos".

Por que uma Espiritualidade e uma Cultura do Acolhimento

Faz-se urgente gerar no interior de nossas igrejas tanto a cultura como a espiritualidade porque, por um lado é necessário criar postura educacional para lidar com as pessoas, com as situações e mesmo com o mundo em que vivemos. Por outro lado, tudo isso deve ser movido por um temor ao Senhor, por uma percepção de que há um Deus que nos ama, que nos quer perto, cujo modo de O reconhecermos é no Culto (Sacramentos), no acolhimento das pessoas como se acolhêssemos o próprio Jesus, sendo o modo de se fazer isso, a vivência dos Mandamentos (Caridade) e na intimidade com o Senhor (Oração). O verdadeiro acolhimento passa por uma unidade entre essas três dimensões: Sacramentos-Mandamentos-Oração.

Essa urgência se apresenta mediante nossa realidade que demonstra que não se ama verdadeiramente a Jesus por não se amar o irmão como se deve, por não cultuar a Deus como se deve e por não viver a intimidade com Deus como se deve. Se por um lado todos estão sedentos, ao mesmo tempo, todos estão querendo "preservar" a sua água para que ela não se acabe e ninguém quer dar de beber a ninguém.

O QUE SERÁ FEITO?	*Que ações serão desenvolvidas para responder a prioridade elencada* **AÇÃO 1. Exercitar um novo discurso que seja uma máxima da Cultura e da Espiritualidade do Acolhimento ("sou apaixonado por Jesus", tal como o "sou católico, graças a Deus", "sou feliz por ser católico" ou o "Jesus te ama")**
COMO SERÁ FEITO?	*Descreva como as ações serão desenvolvidas. Passo a passo do processo* • A máxima faz parte do vocabulário daqueles que querem imprimir novas ações. No entanto, ela não é apenas um novo discurso e um vocabulário adquirido. Deve brotar de uma fé persuadida por aquilo que professa. Sendo assim, usar uma máxima como o "eu sou apaixonado por Jesus" no discurso cotidiano é parte da vida do crente que vive unido a Cristo na Liturgia, na Moral e na Oração. Um exemplo claro disso é a nossa Profissão de Fé que é um conjunto de 12 máximas. • Para atingir esse objetivo, propomos, primeiramente, adquirir realmente esse novo vocabulário, seja com essa máxima "eu sou apaixonado por Jesus", seja com uma outra. Ela deve ser incutida na cabeça dos que professam a fé. Por isso deve fazer parte dos discursos dos agentes de pastoral, movimentos e associações, dos padres, dos seminaristas, dos fiéis. Essa aplicação deve estar presente nos encontros, nas palestras, nas homilias, nas formações. • Procurar vencer o medo que nos impede de proclamar isso. A máxima não é uma mentira, nem uma simples frase. É uma verdade proclamada a respeito da fé.
ONDE SERÁ FEITO?	*Onde serão executadas as ações previstas no plano.* Para aderir uma máxima, basta assumir para si a verdade que ela professa. Esse é um nível pessoal e não requer nenhum planejamento, exceto o de cada um em tornar corrente esse vocabulário.
QUANDO SERÁ FEITO?	*Defina quando será iniciado e qual o prazo de duração* Imediato e constante. O início deve ser imediato, assim que definir a máxima e sua duração é constante pois independe de um tempo.
POR QUEM SERÁ FEITO?	*Quem será o responsável por cada etapa. Apontar responsáveis por cada etapa.* Já descrito em cada passo.
QUAIS RECURSOS SERÃO NECESSÁRIOS?	*Defina os recursos: físicos, humanos e financeiros. Especifique cada recurso.* Conforme cada ação, os recursos podem ser provenientes da Coleta da Evangelização e da Campanha da Fraternidade para que os esforços sejam direcionados nas ações pastorais emergenciais da Diocese. Assim, a renda das devidas coletas devem se concentrar em cobrir gastos com palestrantes, formações, materiais etc.

O QUE SERÁ FEITO?	*Que ações serão desenvolvidas para responder a prioridade elencada*
	AÇÃO 2. Ouvir o outro e adquirir atitude de escuta;
COMO SERÁ FEITO?	*Descreva como as ações serão desenvolvidas. Passo a passo do processo*
	• Cada pessoa envolvida na fé - fiéis, sacerdotes, religiosos - devem se revestir de uma atitude de humildade que permita "escutar". Isso não pode ser ensinado, pois é um esforço pessoal. • Para abrir canais de escuta, sugerimos que cada pastoral, movimento, associação ou organismo comunitário, paroquial ou diocesano tenha um canal de comunicação que permita sugerir, reclamar, avaliar. Um canal (que pode ser uma pessoa, um email, um telefone) que funcione como um ombudsman (= alguém que trate com seriedade as coisas apontadas, pois, na maioria das vezes, nossos canais funcionam como fofoca, como deturpações das coisas comunicadas, como retaliações dos reclamantes). • Seja instalado, em todos os níveis, um organismo avaliativo e repropositativo para as decisões a serem tomadas.
ONDE SERÁ FEITO?	*Onde serão executadas as ações previstas no plano.*
	• Sugerimos que os canais de escuta, como a instalação de um ombudsman seja paroquial e diocesana, pois é importante que as informações sejam centralizadas em uma pessoa que possa dar o encaminhamento às demandas. • Em nível paroquial o organismo pode ser o próprio CPP (Conselho Pastoral Paroquial), sendo que o representante paroquial seja responsável pelas avaliações e proposições. • Em nível regional, o Padre Coordenador de cada região pastoral, com o secretário ou outro membro eleito deve propor as avaliações mediante as propostas e reclamações de todos os representantes pastorais. • Em nível diocesano, as avaliações devem ficar ao encargo de um organismo pequeno, capaz de dialogar com as outras instâncias.
QUANDO SERÁ FEITO?	*Defina quando será iniciado e qual o prazo de duração*
	O ombudsman é de instalação imediata e não possui prazo para término, devendo esse ser renovado após um tempo. Haja o cuidado de que a pessoa seja discreta e confiável e saiba guardar sigilo. No nível paroquial, regional e diocesano deve ocorrer as avaliações nos meses de outubro a novembro para que se mantenha fresco os acontecimentos. Em todo o tempo que a Diocese estiver executando seu plano pastoral, deve submetê-lo a avaliações anuais para motivar as práticas de excelência e corrigir as deficitárias.
POR QUEM SERÁ FEITO?	*Quem será o responsável por cada etapa. Apontar responsáveis por cada etapa.*
	Já descrito em cada passo.
QUAIS RECURSOS SERÃO NECESSÁRIOS?	*Defina os recursos: físicos, humanos e financeiros. Especifique cada recurso.*
	Conforme cada ação, os recursos podem ser provenientes da Coleta da Evangelização e da Campanha da Fraternidade para que os esforços sejam direcionados nas ações pastorais emergenciais da Diocese. Assim, a renda das devidas coletas devem se concentrar em cobrir gastos com palestrantes, formações, materiais etc.

O QUE SERÁ FEITO?	*Que ações serão desenvolvidas para responder a prioridade elencada*
	AÇÃO 3. Exercitar a si mesmo e ao outro numa atitude de conversão pessoal.
COMO SERÁ FEITO?	*Descreva como as ações serão desenvolvidas. Passo a passo do processo*
	• A conversão só é possível mediante a tomada de consciência sobre os pecados e é parte de um exercício pessoal, como a vida mais intensa de oração pessoal e comunitária. • Desse modo, é preciso insistir nos discursos e nos momentos oportunos que nosso pecado ofende verdadeiramente a Deus. Cada pessoa procure se apossar desse tipo de anúncio. • Ajudar as pessoas a fazerem um bom exame de consciência seja por meio de celebrações penitenciais, seja com divulgação de folhetos meditando sobre o sacramento da penitência, tendo em vista que a noção de bem, mal, pecado, salvação etc. encontra-se relativizada.
ONDE SERÁ FEITO?	*Onde serão executadas as ações previstas no plano.*
	Confeccionar em nível paroquial, regional ou diocesano folhetos que possam falar da consciência do pecado, propondo um sério exame de consciência. Talvez o melhor seria a Diocese elaborar tais folhetos para unificar a linguagem e o que deve ser comunicado.
QUANDO SERÁ FEITO?	*Defina quando será iniciado e qual o prazo de duração*
	A Diocese deve articular o tempo em que pretende aplicar tais folhetos, planejando com tempo suficiente para a distribuição nas paróquias.
POR QUEM SERÁ FEITO?	*Quem será o responsável por cada etapa. Apontar responsáveis por cada etapa.*
	Já descrito em cada passo.
QUAIS RECURSOS SERÃO NECESSÁRIOS?	*Defina os recursos: físicos, humanos e financeiros. Especifique cada recurso.*
	Conforme cada ação, os recursos podem ser provenientes da Coleta da Evangelização e da Campanha da Fraternidade para que os esforços sejam direcionados nas ações pastorais emergenciais da Diocese. Assim, a renda das devidas coletas devem se concentrar em cobrir gastos com palestrantes, formações, materiais etc.

O QUE SERÁ FEITO?	*Que ações serão desenvolvidas para responder a prioridade elencada*
	AÇÃO 4. Educar a Paróquia / Comunidade na conversão;
COMO SERÁ FEITO?	*Descreva como as ações serão desenvolvidas. Passo a passo do processo*
	• Além do esforço pessoal, propomos que sejam feitos momentos entre as pastorais, associações e movimentos que possibilitem reflexão pessoal, com o auxílio de profissionais tais como psicólogos capazes de fazer interagir o grupo por meio de dinâmicas de grupo, coaching, dinâmicas de conhecimento e relacionamento. • Propomos, ainda, momentos de celebração penitencial com maior frequência, realizadas pelos sacerdotes com seu povo, tal como indicada no Ritual da Penitência. Pode-se utilizar para isso, tempos fortes da Igreja, tal como a festa do padroeiro, celebração com crianças por ocasião de primeira comunhão, início de um novo tempo, como o Advento, o Natal, o Tempo Comum, a Páscoa etc. É preciso lembrar que a Celebração Penitencial suscita a consciência de nossa intimidade com Jesus Cristo, mas não substitui o Sacramento da Penitência. • Propor retiros paroquiais e diocesanos. • Propor auxílio para uma vida orante comunitária tais como a Lectio Divina comunitária, seminários de oração, etc.
ONDE SERÁ FEITO?	*Onde serão executadas as ações previstas no plano.*
	• Nas Paróquias, usar profissionais que sejam capazes de fazer as pessoas (membros de pastorais) interagir entre si. • Diocese e Paróquia programar anualmente um retiro em que as prioridades diocesanas sejam meditadas. • Em nível paroquial, estabelecer datas ou momentos frequentes de vida orante (Lectio Divina, Liturgia das Horas, Seminário de Oração etc.)
QUANDO SERÁ FEITO?	*Defina quando será iniciado e qual o prazo de duração*
	• Mensalmente nas reuniões no CPP (ou, no máximo, bimestralmente) nas Paróquias. O uso de profissionais capacitados para interação deve ser constante para que o vínculo fraterno seja criado. • Em nível paroquial, pode-se pensar em datas que sejam constantes para essa prática. Duas a quatro vezes por ano. • Uma vez ao ano seja na Diocese ou na Paróquia. • Paróquia, quanto às orações (Lectio Divina, Liturgia das Horas, Seminários etc) pode ser de frequência diária ou semanal.
POR QUEM SERÁ FEITO?	*Quem será o responsável por cada etapa. Apontar responsáveis por cada etapa.*
	Já descrito em cada passo.
QUAIS RECURSOS SERÃO NECESSÁRIOS?	*Defina os recursos: físicos, humanos e financeiros. Especifique cada recurso.*
	Conforme cada ação, os recursos podem ser provenientes da Coleta da Evangelização e da Campanha da Fraternidade para que os esforços sejam direcionados nas ações pastorais emergenciais da Diocese. Assim, a renda das devidas coletas devem se concentrar em cobrir gastos com palestrantes, formações, materiais etc.

O QUE SERÁ FEITO?	*Que ações serão desenvolvidas para responder a prioridade elencada*
	AÇÃO 5. Proporcionar formação que passe por um itinerário de vivência com Jesus.
COMO SERÁ FEITO?	*Descreva como as ações serão desenvolvidas. Passo a passo do processo*
	• Inserir no calendário Diocesano e Paroquial dias de formação e/ou semana de formação que tratem de temáticas específicas do Acolhimento que possam contar com profissionais de comunicação convertidos, pois o que interessa não é apenas a comunicação, mas sobretudo a vivência e o testemunho da fé relativa ao Acolhimento. • Procurar escapar dos círculos formativos dos "mesmos", isto é, de pessoas que há "séculos" estão dizendo as mesmas coisas e são os nomes que sempre temos na cabeça. Buscar para formação pessoas e profissionais de outras áreas que tenham ideias arejadas, que estão abertas ao Espírito, que têm vivência da fé. Não ter medo do novo que pode nos indicar novas pistas na Evangelização.
ONDE SERÁ FEITO?	*Onde serão executadas as ações previstas no plano.*
	• Diocese ou Região Pastoral: fazer formação baseada no kerigma com encontros práticos. Diocese: preparar subsídios para formação paroquial para que toda a Diocese fale a mesma linguagem. Diocese: preparar multiplicadores no que tange ao acolhimento que possam ser sementes nas paróquias. Paróquia: programar dias ou semana de formação, com ênfase na prática do kerigma e sobre práticas de acolhimento, tendo em vista o material produzido pela Diocese. Procurar escapar dos círculos formativos dos "mesmos", isto é, de pessoas que há "séculos" estão dizendo as mesmas coisas e são os nomes que sempre temos na cabeça. Buscar para formação pessoas e profissionais de outras áreas que tenham ideias arejadas, que estão abertas ao Espírito, que têm vivência da fé. Não ter medo do novo que pode nos indicar novas pistas na Evangelização. • Diocese: Encontrar pessoas que possam auxiliar nas formações saindo dos vínculos dos "mesmos" e buscando respirar outros ares de pessoas convertidas que nunca são escutadas na Igreja.
QUANDO SERÁ FEITO?	*Defina quando será iniciado e qual o prazo de duração*
	• Diocese ou Região: um encontro anual, no início do ano para dar vivacidade à missão. A Diocese deverá programar com antecedência os subsídios para que sejam entregues em tempo hábil nas paróquias. Desse modo, a partir do Sínodo, há de se constituir a comissão teológica para isso com prazo de 6 meses. Depois dos 6 meses, há de se pensar uma comissão para revisão e impressão com o prazo de 2 meses. Por fim, os subsídios serão entregues às paróquias no segundo semestre de 2018. Após isso, a Diocese deverá pensar em subsídios para os outros anos que visem os temas do kerigma. Paróquia: deverá programar os encontros com os subsídios no 2o. semestre de 2018 e depois outro encontro para 2019 e 2020. Deverá programar dias ou semana de formação, com ênfase prática sobre o kerigma e sobre práticas de acolhimento, tendo em vista o material produzido pela Diocese. • Diocese: tem o período de 6 meses a contar da Assembleia Sinodal para elencar e averiguar nomes para formações.
POR QUEM SERÁ FEITO?	*Quem será o responsável por cada etapa. Apontar responsáveis por cada etapa.*
	Já descrito em cada passo.
QUAIS RECURSOS SERÃO NECESSÁRIOS?	*Defina os recursos: físicos, humanos e financeiros. Especifique cada recurso.*
	Conforme cada ação, os recursos podem ser provenientes da Coleta da Evangelização e da Campanha da Fraternidade para que os esforços sejam direcionados nas ações pastorais emergenciais da Diocese. Assim, a renda das devidas coletas devem se concentrar em cobrir gastos com palestrantes, formações, materiais etc.

O QUE SERÁ FEITO?	*Que ações serão desenvolvidas para responder a prioridade elencada* **AÇÃO 6. Propor estruturas nas paróquias que propiciem a conversão - "receber o outro é acolher Jesus";**
COMO SERÁ FEITO?	*Descreva como as ações serão desenvolvidas. Passo a passo do processo* • Incentivar a Pastoral da Acolhida com formação e propor sua dinamização. A dinamização, se queremos uma Igreja em saída, é ir às pessoas para fazer uma oração nas casas, para visitar os que estão doentes, para falar de Jesus, convencidos de que é Jesus a verdadeira paz dos corações. Assim, na constituição da Pastoral da Acolhida, deve haver, além da "entrega de folhetos" e recepção na Igreja, um novo compromisso pastoral: • Visitar os que buscam os sacramentos - matrimônio, batismo, comunhão etc.; • Criar uma rede de pessoas que se responsabilize uns pelos outros de forma planejada. Assim, quando alguém faltar à missa, por exemplo, quando "desaparecer" da comunidade, buscar saber se há algo errado, se está tudo bem, se necessita de auxílio. É um modo de criar vínculos fraternos. • Valorizar os trabalhos que já existem seja em pastorais seja em movimentos, tal como a Legião de Maria, a Mãe Peregrina entre outros. Também é necessário um acompanhamento mais de perto para que essas pastorais e movimentos sejam mais comunicativas, generosas e revistam-se de atitudes de compaixão. • Indicar pessoas para a Pastoral da Acolhida que sejam capazes de identificar vocações, ou seja, que sejam capazes de identificar o que as pessoas podem fazer, onde podem se doar, onde podem trabalhar. • Tornar os horários maleáveis para pessoas que desejam se dedicar a um serviço e não conseguem devido a trabalho e outros afazeres. • Além da missa dominical que é, por excelência, a Liturgia do povo de Deus, propor momentos esporádicos ou com frequência de oração com o povo: uma Adoração, um Rosário etc. • Preparar as Missas Dominicais com momentos de silêncio, de Oração, de meditação etc. capazes de propiciar o ambiente de oração e o Acolhimento do próprio Jesus em sua casa. • Preparar os funcionários e atendentes paroquiais para que sejam profissionais, acolhedores, educados, receptivos.
ONDE SERÁ FEITO?	*Onde serão executadas as ações previstas no plano.* • Todas essas propostas são essencialmente paroquiais. • A Diocese se encarregará para formar os funcionários e atendentes paroquiais.
QUANDO SERÁ FEITO?	*Defina quando será iniciado e qual o prazo de duração* Imediato e constante, preferencialmente sendo discutido na formulação do calendário paroquial. A ser programado pela Diocese.
POR QUEM SERÁ FEITO?	*Quem será o responsável por cada etapa. Apontar responsáveis por cada etapa.* Já descrito em cada passo.
QUAIS RECURSOS SERÃO NECESSÁRIOS?	*Defina os recursos: físicos, humanos e financeiros. Especifique cada recurso.* Conforme cada ação, os recursos podem ser provenientes da Coleta da Evangelização e da Campanha da Fraternidade para que os esforços sejam direcionados nas ações pastorais emergenciais da Diocese. Assim, a renda das devidas coletas devem se concentrar em cobrir gastos com palestrantes, formações, materiais etc.

O QUE SERÁ FEITO?	*Que ações serão desenvolvidas para responder a prioridade elencada*
	AÇÃO 7. Abrir canais de saída e não ficar esperando pelos que vêm buscar ou procurar a Igreja.
COMO SERÁ FEITO?	*Descreva como as ações serão desenvolvidas. Passo a passo do processo*
	• Facilitar uma rede comunicativa, seja em um "Whatsapp" paroquial que esteja disponível para as pessoas, seja em um telefone em que as pessoas possam buscar informações, seja em uma página de Facebook ou outro meio. • Programar momentos de missão: terço nas casas, missões populares, novenas de Natal, Via-Sacra fora da Igreja etc.
ONDE SERÁ FEITO?	*Onde serão executadas as ações previstas no plano.*
	• Criar na Paróquia um meio eficaz para facilitar a comunicação. • Em nível paroquial: viabilizar os momentos de missão sob dois aspectos: Fazer um planejamento de missões populares. Formar grupos que saiam do âmbito paroquial: terço nas casas, grupos de rua, Novenas de Natal, Via Sacra, reflexão bíblica etc.
QUANDO SERÁ FEITO?	*Defina quando será iniciado e qual o prazo de duração*
	• Imediato e constante, preferencialmente sendo discutido na formulação do calendário paroquial. • A Paróquia deve estabelecer um cronograma de atividades, com planejamento anual, que vise as missões populares. A Paróquia deve propor grupos que atendam constantemente os que não se achegaram à Igreja e sua aplicação deve planejar um tempo de formação no kerigma conforme o n.5.
POR QUEM SERÁ FEITO?	*Quem será o responsável por cada etapa. Apontar responsáveis por cada etapa.*
	Já descrito em cada passo.
QUAIS RECURSOS SERÃO NECESSÁRIOS?	*Defina os recursos: físicos, humanos e financeiros. Especifique cada recurso.*
	Conforme cada ação, os recursos podem ser provenientes da Coleta da Evangelização e da Campanha da Fraternidade para que os esforços sejam direcionados nas ações pastorais emergenciais da Diocese. Assim, a renda das devidas coletas devem se concentrar em cobrir gastos com palestrantes, formações, materiais etc.

O QUE SERÁ FEITO?	*Que ações serão desenvolvidas para responder a prioridade elencada*
	AÇÃO 8. Buscar meios para suscitar sentimentos de generosidade, perdão, misericórdia e compaixão;
COMO SERÁ FEITO?	*Descreva como as ações serão desenvolvidas. Passo a passo do processo*
	• Generosidade, perdão, misericórdia e compaixão devem ser suscitados, primeiramente, como sentimentos, tendo em vista que é por meio de uma sensibilização com situações pelas quais passam nossos irmãos que somos tocados. É o despertar de um sentimento pois todos somos suscetíveis às vicissitudes. • Tais sentimentos visam também as situações de pobreza - material e espiritual. • Assim, podemos iniciar insistindo no auxílio e na partilha (material - alimentos, roupas, criação de caixa para necessidades emergenciais) diante das situações de pobreza e abandono por meio de coleta de alimentos, campanhas de agasalho, visita aos velórios, por exemplo. Todavia, é preciso planejar essas situações, caso contrário não se sabe qual o destino dos alimentos, nem das roupas e nem quem fará as visitas. Se somos apaixonados por Jesus, é porque o amamos quando ele está nu, com fome, com frio. • Criar um cadastro/rede regional ou diocesano ou municipal para a eficácia da assistência social.. • Dar um novo alento às pastorais sociais que têm sido esvaziadas. • Olhar Jesus no pobre e no desvalido. No entanto, o mero assistencialismo social não é uma particularidade do católico. Se por um lado deve-se insistir para que os irmãos vejam os mais pobres, por outro lado é preciso tomar isso como meio de evangelização, sabendo que é Jesus que vai ao pobre, é Jesus que, se compadece, é Jesus quem acolhe.
ONDE SERÁ FEITO?	*Onde serão executadas as ações previstas no plano.*
	Diocese: elaborar material gráfico que destaque tais sentimentos, com mensagens curtas e profundas. Esse material gráfico poderá ser distribuído nas visitas de enfermos (mensagens de ânimo, passagens bíblicas), aos paroquianos (incentivando a fé e a partilha com os necessitados e sofridos), aos enlutados (falando da nossa fé além dessa vida) etc. Paróquia: programando visitas aos velórios, plantão nos velórios, auxílio e oração pelos enlutados.
QUANDO SERÁ FEITO?	*Defina quando será iniciado e qual o prazo de duração*
	Diocese: prazo de 4 meses após o Sínodo para se ter o material finalizado e distribuído nas paróquias.
POR QUEM SERÁ FEITO?	*Quem será o responsável por cada etapa. Apontar responsáveis por cada etapa.*
	Já descrito em cada passo.
QUAIS RECURSOS SERÃO NECESSÁRIOS?	*Defina os recursos: físicos, humanos e financeiros. Especifique cada recurso.*
	Conforme cada ação, os recursos podem ser provenientes da Coleta da Evangelização e da Campanha da Fraternidade para que os esforços sejam direcionados nas ações pastorais emergenciais da Diocese. Assim, a renda das devidas coletas devem se concentrar em cobrir gastos com palestrantes, formações, materiais etc.

PROPOSTA 8

DEFINIÇÃO DA PRIORIDADE (URGÊNCIA)

Olhando a realidade de sua região selecione o que é mais emergente. Justifique o porquê da escolha

PRIORIDADE: FORMAÇÃO PERMANENTE DE LEIGOS PARA O DISCIPULADO EM MISSÃO

Esta proposta tem o objetivo de fomentar nos fiéis a pertença e a identidade eclesial, por meio da espiritualidade, a partir da Palavra de Deus, dos sacramentos e do Magistério em vista de uma cultura dialógica e promotora da vida.

Isso se faz necessário para criar nas diversas lideranças laicas a consciência de uma Igreja em saída, em estado de missão permanente nas grandes cidades. Contudo, nota-se, em muitas vezes, que falta o conhecimento necessário para a ação evangelizadora.

Para isso, a formação permanente se faz necessário à ação pastoral como um todo, onde os leigos dos diversos grupos possam ser formados a partir de uma espiritualidade integral, entendendo seu papel como sujeito eclesial e aberto ao diálogo entre a fé, a cultura e a vida.

O QUE SERÁ FEITO?

Que ações serão desenvolvidas para responder a prioridade elencada

Serão realizados em cada uma das regiões encontros mensais formativos para as lideranças, tendo em foco os diversos grupos e ministérios em vista da unidade do Corpo de Cristo, por meio de temas fundamentais, de forma sistemática e com didática apropriada, tais como:

- Comunicação;
- Doutrina dos Sacramentos;
- Doutrina fundamental;
- Doutrina Social da Igreja;
- Espiritualidade;
- Metodologia pastoral;
- Missiologia;
- Pastoral de Conjunto;
- Relações interpessoais;
- Sagrada Escritura;
- Teologia litúrgica.

Esses encontros serão apoiados com subsídios, com textos, atividades práticas a serem desenvolvidas durante o mês, bem como com um portal de acompanhamento virtual e complementação por meio de vídeo-aulas.

COMO SERÁ FEITO?

Descreva como as ações serão desenvolvidas. Passo a passo do processo

Inicialmente, deverá ser criada na Diocese uma equipe responsável por essa formação, para que a sistematize, organize e prepare os subsídios para a formação. Essa equipe será formada e supervisionada pela Coordenação Diocesana de Pastoral e Escola Diocesana de Teologia.

Enquanto isso, cada região deverá encontrar o local adequado para receber essas formações, e organizar o calendário para que ocorram.

Cada paróquia deverá enviar um número mínimo de participantes para essa formação, retirada de suas lideranças e garantir sua participação durante todo o processo.

Ao iniciar as formações, os participantes deverão se encontrar no local escolhido e terão uma formação de duas horas.

Após a formação, os participantes leigos deverão levar o que foi apresentado para os demais membros paroquiais, numa comunicação em rede, e levar os resultados dessas discussões para a formação seguinte, gerando um diálogo entre a formação e sua aplicação na realidade paroquial.

Durante esse período, poderá ter atividades complementares e vídeos por meio de plataforma virtual, visando um aprofundamento em algum dos aspectos tratados na formação.

Poderão ser inseridos alguns temas de acordo com a avaliação dos presentes pelo Conselho Regional de Pastoral, que sejam adequados à realidade regional.

A avaliação dos participantes será processual, de acordo com a participação e as atividades feitas, de acordo com seu processo formativo.

ONDE SERÁ FEITO?	*Onde serão executadas as ações previstas no plano.*
	Em cada uma das regiões pastorais, num espaço que comporte todos os participantes.
QUANDO SERÁ FEITO?	*Defina quando será iniciado e qual o prazo de duração*
	Terá a duração de todo o tempo de vigência das prioridades, contudo, iniciando no mês de maio de 2018 para a formação da equipe de formadores e criação dos subsídios, a sistematização e adaptações necessárias. A formação para os leigos nas regiões se iniciaria em agosto de 2018.
POR QUEM SERÁ FEITO?	*Quem será o responsável por cada etapa. Apontar responsáveis por cada etapa.*
	Os responsáveis serão a Coordenação Diocesana de Pastoral, a Escola Diocesana de Teologia e Comissão Regional de Pastoral
QUAIS RECURSOS SERÃO NECESSÁRIOS?	*Defina os recursos: físicos, humanos e financeiros. Especifique cada recurso.*
	Os recursos humanos utilizados serão formadores leigos e também os clérigos. Também contará com uma equipe diocesana para produzir os materiais e subsídios norteadores, de forma a garantir a unidade. Os recursos físicos necessários serão espaços adequados para os participantes nas regiões, com projetores multimídia e som. Os recursos financeiros deverão ser combinados com os responsáveis.

PROPOSTA 9

DEFINIÇÃO DA PRIORIDADE (URGÊNCIA)

Olhando a realidade de sua região selecione o que é mais emergente. Justifique o porquê da escolha

PRIORIDADE: UMA IGREJA EM SAÍDA E EM ESTADO PERMANENTE DE MISSÃO

- Fomentar a Fé em Jesus Cristo e no seu Reino, com Comunidades Fraternas, eminentemente missionárias, solidárias nas urgências e necessidades, com uma liturgia que expresse essa vivencia.

- Uma vivência comunitária da Fé cristã, de portas e de coração abertos para os que buscam a Deus de coração sincero, capaz de criar laços e vínculos de relações humanas maduras e com profunda espiritualidade baseada na Palavra de Deus, no Diálogo inter-religioso e intercultural e com solidariedade para com os mais fracos.

- A igreja como lugar de contemplação e ação – amor que se manifesta em obras, ações e dedicação. Com cuidado e amor solidário para com os outros, promovendo a emancipação e promoção do ser humano integral com toda a sua dignidade.

- Formação permanente para os agentes e uma conscientização missionária.

- Aprofundamento da Iniciação à Vida Cristã

- Acolhida – inclusão – abertura para todos – Comunidades humanizadas e humanizadoras.

- Testemunho de Comunhão e Unidade.

O QUE SERÁ FEITO?

Que ações serão desenvolvidas para responder a prioridade elencada

- Resgatar as metas do 7º Plano de Pastoral para a Missão, que não foram colocadas em Prática.

- Divulgação Missionária/ campanhas/ formação missionária permanente.

- Setorização paroquial – territorial e das urgências pastorais e estruturais.

- Pastoral da Acolhida

- A Igreja nas casas e nas famílias (Missas e outras ações missionárias)

- Reavivar as Visitas Missionárias (paróquias – regiões – diocese

COMO SERÁ FEITO?

Descreva como as ações serão desenvolvidas. Passo a passo do processo

- Permanente conscientização das pastorais (ex: catequese e familiar) (vide 7º Plano, pág. 16)
- Experiências de visitas Missionárias como as de 2016. Assim como as capacitações.
- Partilha das experiências e de recursos para...

ONDE SERÁ FEITO?	*Onde serão executadas as ações previstas no plano.*
	- Nas comunidades, pastorais, movimentos, associações de fiéis, famílias. - Nas regiões pastorais. - Na Diocese como um todo. - Meios de comunicação social.
QUANDO SERÁ FEITO?	*Defina quando será iniciado e qual o prazo de duração*
	- Imediatamente à promulgação do Plano de Pastoral - Permanentemente na Igreja e como motivação, até o final do período de vigência do plano pastoral.
POR QUEM SERÁ FEITO?	*Quem será o responsável por cada etapa. Apontar responsáveis por cada etapa.*
	- Por todos os membros e agentes envolvidos (corresponsavelmente) - Como motivação (pelo conjunto dos batizados)
QUAIS RECURSOS SERÃO NECESSÁRIOS?	*Defina os recursos: físicos, humanos e financeiros. Especifique cada recurso.*
	- Pessoas disponíveis - Identificação – crachás – camisetas (como nas visitas de 2016) - Criação nas paróquias e na Diocese, de um fundo missionário permanente. - Elaboração de materiais e subsídios formativos e motivadores. - Campanhas e coletas específicas (gestos concretos) - Uso dos recursos da Campanha para a Evangelização que ficam na diocese. - Busca de parcerias.

PROPOSTA 10

DEFINIÇÃO DA PRIORIDADE (URGÊNCIA)	*Olhando a realidade de sua região selecione o que é mais emergente. Justifique o porquê da escolha* **PRIORIDADE FORMAÇÃO:** **Formar e capacitar lideres cristãos na dimensão humana, no relacionamento interpessoal, de modo a favorecer o acolhimento e a evangelização** Urgência escolhida, pois a incapacidade de liderar e ter um bom relacionamento humano gera afastamento dos membros, não permite o acolhimento, união e integração entre as pastorais.
O QUE SERÁ FEITO?	*Que ações serão desenvolvidas para responder a prioridade elencada* Capacitação humana, espiritual e técnica que trabalhem o perfil do líder e desenvolva habilidades de liderança, com foco na pastoral de conjunto
COMO SERÁ FEITO?	*Descreva como as ações serão desenvolvidas. Passo a passo do processo* • Encontro Regionais com palestras, oficinas e laboratório • Os temas devem contemplar as questões relacionadas acima e serão desenvolvidos em módulos • Toda diocese deve passar por processo de formação (padres, coordenadores diocesanos de pastorais, coordenadores de pastorais) • Produzir material de formação
ONDE SERÁ FEITO?	*Onde serão executadas as ações previstas no plano.* • Formação nas regionais: Leigos de cada região • Formação Diocesana: padres, coordenadores diocesanos de pastorais, coordenadores de pastorais)

QUANDO SERÁ FEITO?	*Defina quando será iniciado e qual o prazo de duração*
	• 2018- Organização da formação • 2019- Execução da formação – 1º semestre nível Diocesano / 2º semestre nas Regiões Pastorais
POR QUEM SERÁ FEITO?	*Quem será o responsável por cada etapa. Apontar responsáveis por cada etapa.*
	• Formação técnica: realizada por profissionais católicos que colaborem para a formação de lideranças (psicólogos, coachings e pedagogos) • Formação espiritual: bispo e padres
QUAIS RECURSOS SERÃO NECESSÁRIOS?	*ina os recursos: físicos, humanos e financeiros. Especifique cada recurso.*
	Recursos para material de formação, espaço e profissionais Espaço adequado para oficinas

8. FOLHA PARA SUGESTÕES DE EMENDAS

ORAÇÃO DO SÍNODO DIOCESANO

Pai de bondade, para vossa glória,
queremos continuar a caminhar juntos,
em comunhão, como Igreja,
seguindo vosso Filho Jesus.
Somos povo peregrino
e desejamos ouvir o que o Espírito Santo nos diz.
Queremos celebrar nossa vocação,
vivendo o sonho missionário de chegar a todos.
Ensinai-nos a ser servidores do Reino de vida plena,
planejando a pastoral com os pobres e sofredores.
Enviai vosso Espírito para renovar nossa Diocese
e conduzir-nos à salvação eterna.
Amém!

www.sinodo.diocesesa.org.br / +55 11 4438-2077
Praça do Carmo, 36 - Centro, Santo André - SP, 09010-020